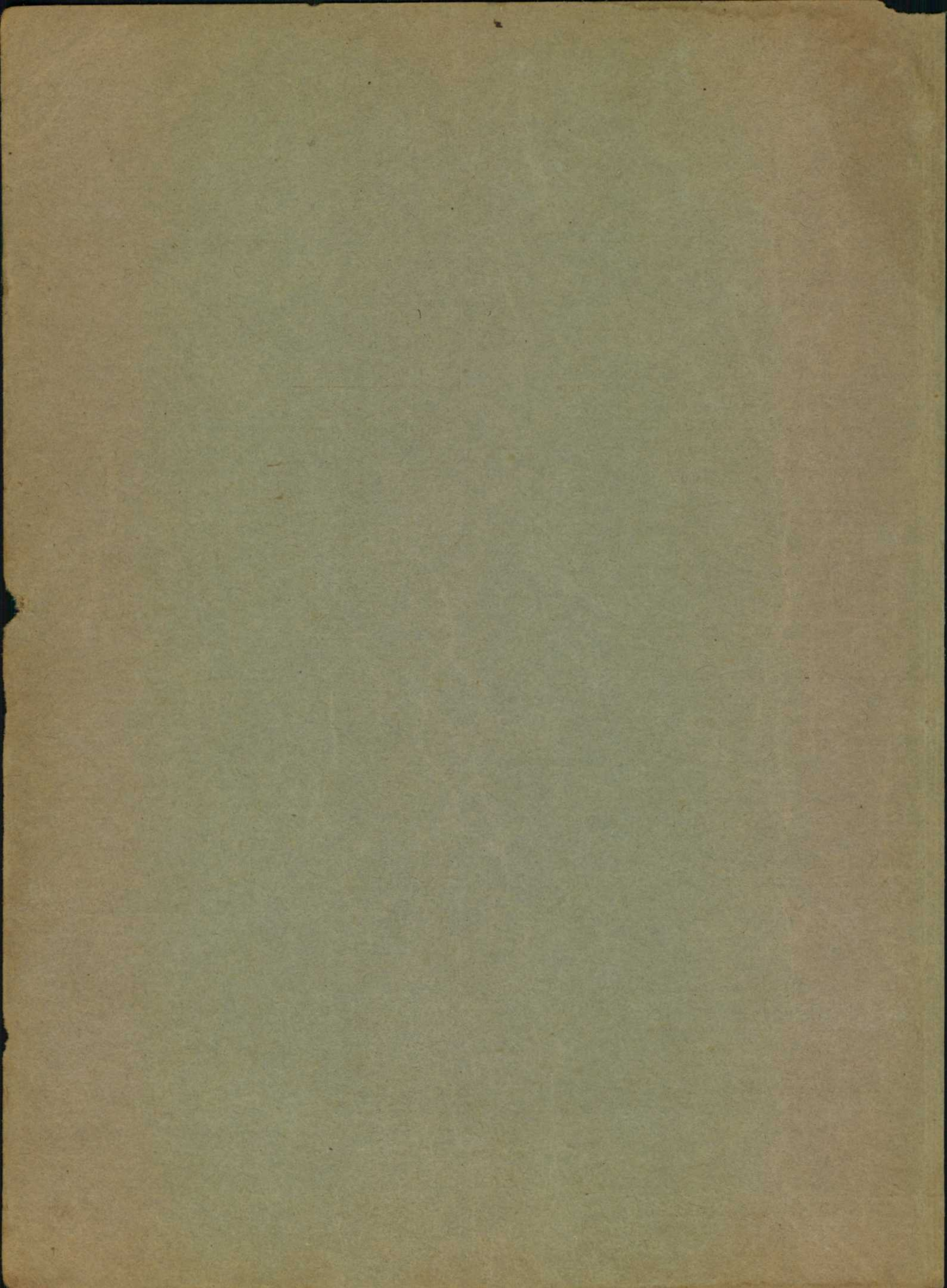
# A GRANDE APOSTASIA

DR. JAMES E. TALMAGE

1961



# A
# Grande Apostasia



CONSIDERADA À LUZ DA HISTÓRIA SECULAR
E BÍBLICA

por

**DR. JAMES E. TALMAGE**

D. SC. D., PH. D: F. R. S. E.



TRADUZIDO DO ORIGINAL EM INGLÊS "THE GREAT APOSTASY"
POR
**GERALDO TRESSOLDI**

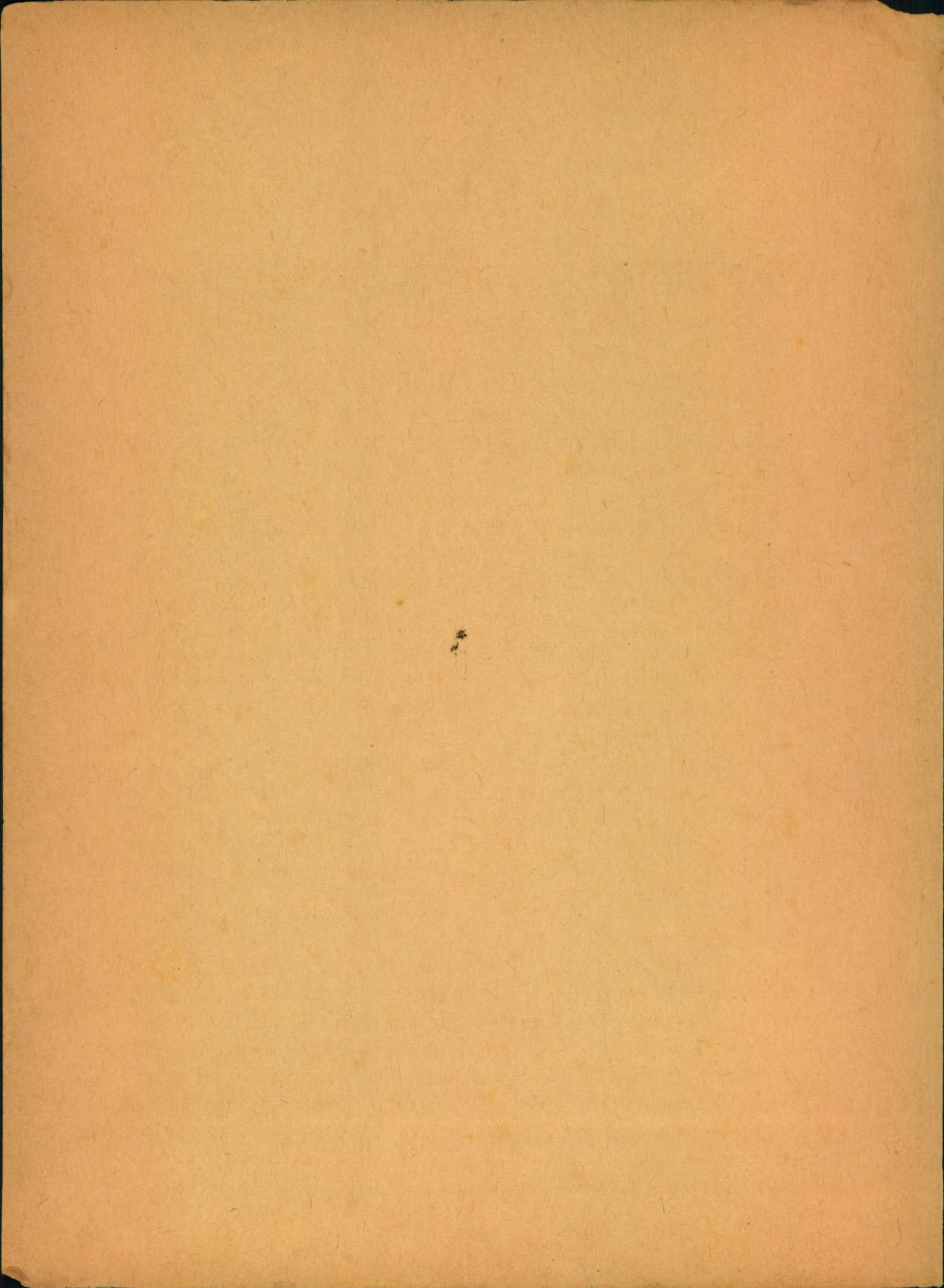


Publicado pela

**MISSÃO BRASILEIRA DA IGREJA DE JESUS CRISTO**
**DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS**



1961



# A Grande Apostasia



CONSIDERADA A LUZ DA HISTÓRIA SECULAR E BÍBLICA

por

DR. JAMES E. TALMAGE

D. SC. D., PH. D: F. R. S. E.



TRADUZIDO DO ORIGINAL EM INGLÊS "THE GREAT APOSTASY"
POR
GERALDO TRESSOLDI

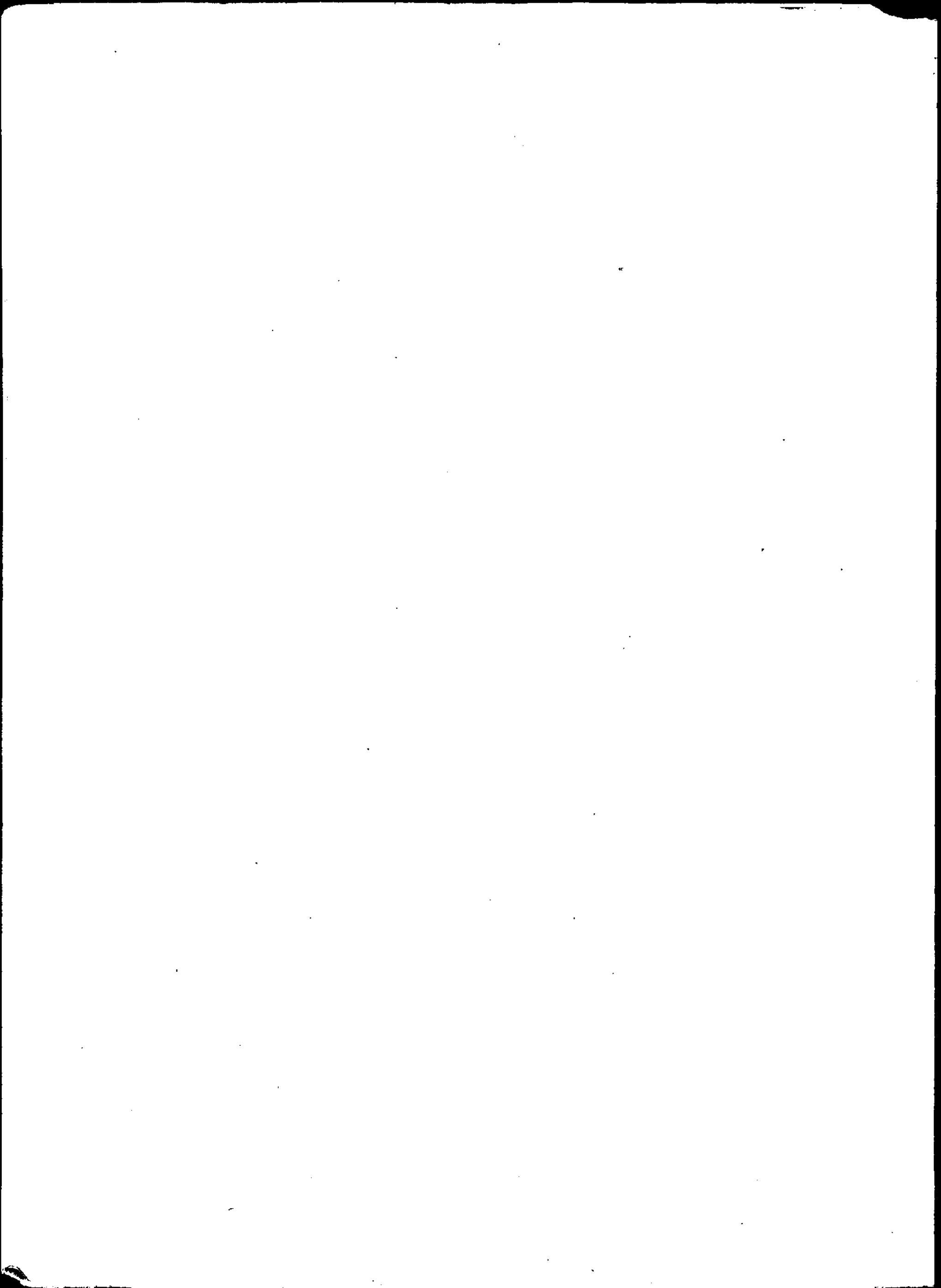


Publicado pela

MISSÃO BRASILEIRA DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS



1961



# PREFÁCIO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias proclama a restauração do Evangelho e o restabelecimento da Igreja primitiva nesta Dispensação da Plenitude dos Tempos. Se a Igreja de Cristo tivesse continuado entre os homens, desde o início, com a sucessão do Poder e Sacerdócio, intacta, seria desnecessária e mesmo impossível a restauração e o restabelecimento do Sacerdócio da dispensação moderna.

A Igreja restaurada afirma que uma apostasia geral se desenvolveu durante e após o periodo apostólico, e que a Igreja Primitiva perdeu o seu poder, autoridade e graças, como instituição divina, tornando-se uma simples organização terrestre. O significado e importância da grande apostasia, como condição precedente ao restabelecimento da Igreja nos tempos modernos são óbvios. Se a alegada apostasia da Igreja primitiva não for real, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não é a instituição divina que seu nome proclama.

A evidência do declínio e extinção da Igreja primitiva entre os homens se encontra nos registros sagrados e na história secular. Nas páginas seguintes, o autor teve como objetivo apresentar um sumário da mais importante destas evidências. E assim fazendo êle se refere liberalmente a muitas fontes de informações, com o devido reconhecimento de tôdas as citações. Êste trabalho foi escrito na esperança de que seja útil aos élderes no campo missionário, às classes e organizações de "quorums", empenhados no estudo de assuntos teoló-

gicos em casa, e para os investigadores sinceros dos ensinamentos e afirmações da Igreja Restaurada de Jesus Cristo.

Salt Lake City Utah — 1.º de novembro de 1909

JAMES E. TALMAGE

## PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Devido à grande aceitação que teve esta obra em suas primeira e segunda edições publicadas em inglês, a Missão Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, resolveu traduzí-la para a língua portuguêsa, esperando que tenha igual aceitação quer por parte dos membros da Igreja, quer por parte dos investigadores interessados aqui no Brasil.

## CONTEÚDO

### Capítulo I

Introdução: *O Estabelecimento da Igreja de Cristo*



### Capítulo II

*Predita a Apostasia*



### Capítulo III

*Os primeiros estádios da Apostasia*

CAPÍTULO VII

*Causas Internas — (Cont.)*



CAPÍTULO VIII

*Causas Internas — (Cont.)*

## Capítulo IX

*Causas Internas — (Cont.)*



## Capítulo X

*Resultados da Apostasia — Suas Sequelas*

# A GRANDE APOSTASIA

## CAPÍTULO I

### Introdução: *O Estabelecimento da Igreja de Cristo*

1. Uma crença comum em tôdas as seitas e igrejas que professam o Cristianismo é a de que Jesus Cristo, o Salvador e Redentor da raça humana, estabeleceu Sua Igreja sôbre a terra através de ministração pessoal no meridiano dos tempos. A história Eclesiástica, distinta da história secular, trata das experiências da Igreja desde o tempo de seu estabelecimento. As condições sob as quais a Igreja foi fundada, chamam a nossa atenção.

2. No início da Era Cristã, os judeus, bem como a maioria das outras nações, estavam sujeitos ao império romano (ver nota 1, no fim do capítulo). Foi-lhes facultado um grau considerável de liberdade em suas observâncias religiosas e costumes nacionais em geral, mas sua situação estava longe da de um povo livre e independente.

3. O período era de relativa paz. Foi a época que conheceu o menor número de guerras e dissenções de que se teve notícia, no Império, durante muitos anos. Estas condições eram favoráveis à missão de Cristo e à introdução de sua Igreja sôbre a terra.

4. Os sistemas religiosos existentes no tempo do ministério terreno de Cristo, podem ser classificados de modo geral, como judáico e pagão e um de pouca im-

portância — o samaritano — que era essencialmente uma mistura dos outros dois. Sòmente os filhos de Israel proclamavam a existência do verdadeiro Deus vivo; sòmente êles esperavam o advento do Messias, a quem errôneamente aguardavam como a um conquistador que viesse esmagar os inimigos de sua nação. Tôdas as outras nações, línguas e povos, curvavam-se às deidades pagãs e sua adoração consistia apenas dos seus sensuais ritos idólatras. O paganismo (ver nota 2 no fim do capítulo) era uma religião de forma e cerimônias baseadas no politeísmo, crença que admitia a existência de variados deuses, sujeitos a todos os vícios e paixões da humanidade, embora distintos por serem imunes à morte. A mortalidade e a virtude eram desconhecidas como elementos do ritual pagão; a idéia dominante na adoração pagã era a de pacificar os deuses, na esperança de afastar sua ira e alcançar sua graça.

5. Os israelitas, ou judeus, como eram conhecidos coletivamente, permaneciam afastados das outras nações como orgulhosos possuidores de conhecimento superior, com uma linguagem e uma literatura, com uma organização sacerdotal e um sistema de leis que os separavam e os distinguiam como um povo peculiar e único. Os judeus olhavam seus vizinhos idólatras com repugnância e desrespeito, e por sua vez, eram tratados com escárneo, como fanáticos e inferiores.

6. Os judeus, porém, conquanto distintos do resto do mundo como povo, não eram absolutamente unidos. Ao contrário, estavam sempre divididos entre si em matéria de profissão e práticas religiosas. Em primeiro lugar, havia uma inimizade mortal entre os judeus pròpriamente ditos e os Samaritanos. Êstes últimos, que habitavam em certa província entre a Judéia e a Galiléia, eram um povo formado, em grande parte, por colonizadores assírios que conviviam com os judeus.

Embora afirmassem sua crença no Jeová do Velho Testamento, praticavam muitos ritos próprios do paganismo que clamavam ter abandonado, e eram considerados pelos judeus como antiortodoxos e réprobos.

7. Os próprios judeus foram então divididos em muitas seitas e partidos contenciosos, entre os quais se avultavam os Fariseus e os Saduceus e, além dêstes, os Essênios, Galileus, Herodianos, etc.

8. Os judeus estavam vivendo sob a lei de Moisés, cuja observância exterior era reforçada por regras sacerdotais, enquanto que o espírito da lei era ignorado tanto pelos sacerdotes como pelo povo em geral. Que a lei Mosáica foi dada como preparação para algo melhor, foi posteriormente afirmado por Paulo em sua epístola aos santos na Galácia: "De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo..." (Gálatas 3:24). O fato de que uma lei superior estava para substituir a inferior, é visto claramente nos próprios ensinamentos do Salvador: "Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás mas qualqer que matar será réu de juizo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juizo: *** Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela *** Outrossim, ouvistes o que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis *** Ouvistes o que foi dito: Ôlho por ôlho e dente por dente. Eu porém vos digo que não resistais ao mal *** Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos

que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem" (Mateus 5:21-44; ler o capítulo todo).

9. Êstes ensinamentos, baseados em amor, tão diferentes do espírito a que estavam acostumados sob a lei, causaram grande surpresa entre o povo. Entretanto, afirmando o fato de que a lei não era para ser ignorada e que sòmente podia ser substituída pelo seu cumprimento, o Mestre disse: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido" (Mateus 5:17-18).

10. É bem evidente que o Mestre tenha vindo com uma doutrina maior do que a que era então conhecida, e que os ensinamentos do dia eram insuficientes. "Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus" (Versículo 20).

11. O próprio Jesus era estrito em concordar com tôdas as exigências justas da lei. Recusava-se entretanto a reconhecer uma observância ao pé da letra, sòmente, não importa o quanto fôsse exibida, como substituta de concordância com o espírito da injunção mosáica.

12. Os excelentes ensinamentos e preceitos de verdadeira moralidade inculcados por Cristo preparavam a mente daqueles que acreditavam em Suas palavras para a introdução do Evangelho em sua pureza e para o estabelecimento da Igreja de Cristo como organização terrena.

13. Dentre os discípulos que O seguiram, alguns dos quais tinham sido honrados por chamados preliminares, Êle escolheu doze homens, a quem ordenou para

o apostolado: "E nomeou doze, para que estivessem com Êle e os mandasse a pregar" (Marcos 3:14). E ainda: "E quando já era dia, chamou a si os seus discípulos a quem também deu o nome de apóstolos" (Lucas 6:13; compare com Mat. 10:1,2). As doze testemunhas especiais d'Êle e de Sua obra foram enviadas a pregar em muitas cidades dos judeus. Nesta sua primeira missão, foram instruídos a restringir suas administrações à casa de Israel e o pêso da sua mensagem era: "É chegado o reino dos céus" (Mat. 10:7; estudar o capítulo inteiro). Foi-lhes dito para usar o poder com que tinham sido investidos por ordenação, para pregarem, para curarem enfermos, para a ressurreição dos mortos, e para a subjugação dos espíritos malígnos. A admoestação do Mestre era: "De graça recebestes, de graça dai". Êles tinham que viajar sem bolsa ou alforge, confiantes numa fôrça superior para suprir suas necessidades através da cooperação daqueles a quem iriam oferecer a mensagem da verdade; e êles foram advertidos sôbre as possíveis adversidades que os esperavam e sôbre as perseguições que mais cedo ou mais tarde cairiam sôbre êles.

14. Posteriormente, Cristo chamou outros para trabalhar no ministério e os enviou em pares para precederem-no e prepararem o povo para a Sua vinda. Assim, sabemos da existência dos "setentas", que foram instruídos em têrmos quase idênticos aos da comissão apostólica. (Lucas 10, compare com Mat. 10). Que a sua investidura era de autoridade e poder e não mera formalidade, é visto pelo sucesso obtido em seguida às suas administrações pois, quando regressaram triunfantes, disseram: "Senhor, pelo teu nome até os demônios se nos sujeitam" (Lucas 10:17).

15. A comissão específica dada aos apóstolos ao tempo de sua ordenação foi mais tarde reafirmada.

Êles foram os servos da solene ordenança conhecida como lavapés, tão necessária que, em resposta à objeção de Pedro, o Senhor disse: "Se eu te não lavar, não tens parte comigo" (João 13:4-9). Aos onze que tinham permanecido fiéis, o Senhor ressuscitado deu Suas últimas instruções pouco antes da ascenção: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a tôda criatura". Após a partida de Cristo os apóstolos se entregaram ao ministério com vigor: "E êles tendo partido, pregaram por tôdas as partes, cooperando com êles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiam" (Marcos 16:14-20; compare com Mat. 28:19-20).

16. Estas escrituras indicaram a autoridade dos apóstolos para administrar as atividades da Igreja após a ascenção do Messias Ressuscitado. Foi dada a Pedro, membro principal do conselho apostólico, a posição de presidente, o que é evidenciado pela admoestação e mandamento do Salvador nas praias do mar de Tiberíades. (João 21:15-17).

17. Que os apóstolos compreenderam que embora o Mestre tivesse partido, Êle tinha deixado com êles autoridade para erguerem a Igreja como organização estabelecida, está abundantemente provado nas escriras. Em primeiro lugar êles procuraram preencher a vaga no conselho em presidência ou "quorum dos doze", vaga essa ocasionada pela apostasia e morte de Judas Iscariotes; e a maneira de proceder neste ato oficial é instrutiva. A instalação de um novo apóstolo não era sòmente determinada pelos onze; sabemos que os discípulos (ou membros da Igreja) foram rèunidos — cêrca de cento e vinte. A êles, Pedro apresentou o assunto a resolver e acentuou o fato de que o homem a ser escolhido devia ser aquêle que tivesse conhecimento e testemunho pessoal do ministério do Senhor,

e estava, portanto, qualificado para falar como testemunha especial de Cristo, qualificação esta que era o característico do apostolado. "Portanto", disse Pedro, "é necessário, pois, que dos varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós, começando desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi recebido em cima, um dêles se faça conosco testemunha de sua ressurreição". (Atos 1:21-22; ler versículos 15-26 inclusive). Somos ainda informados de que dois homens foram indicados e o poder divino foi invocado para indicar se um dos dois e, nesse caso, qual era a escolha do Senhor. Então os votos foram lançados "e a sorte coube a Matias; e por voto comum foi contado com os onze apóstolos".

18. É evidente que os apóstolos consideraram seu conselho ou quorum como definitivamente organizado com o limite de doze membros e que a obra da Igreja requeria que a organização fôsse completa. Não obstante, não sabemos de escolhas subsequentes para preenchimento de vagas no conselho dos doze. Paulo, que antes de sua conversão era conhecido como Saulo de Tarso, recebeu uma manifestação especial, em que ouviu a voz do Senhor Ressuscitado que declarava, "Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (Atos 9:5, ler versículos 1-22) e assim êle se tornou uma testemunha especial do Senhor Jesus e como tal era em verdade um apóstolo, apesar de não termos registrado nas escrituras que êle jamais tenha sido membro do conselho dos doze. Como indicação da importância da ordenação para oficiar sob as mãos de autoridades devidamente constituídas, temos o exemplo da ordenação de Paulo. Apesar de ter sido convertido por Jesus Ressuscitado, apesar de ter sido alvo de especial manifestação do poder divino na restaução de sua vista, teve que ser batizado e, mais tarde, foi comissionado para o traba-

lho do ministério, pela imposição de mãos autorizadas. (Atos 13:1-3).

19. Outro exemplo de ação oficial na escolha e eleição de homens para cargo especial na Igreja, levantou-se logo após a ordenação de Matias. Parece que um dos aspectos da organização da Igreja no início dos dias apostólicos era a posse comum das coisas materiais, sendo feita a distribuição de acôrdo com a necessidade. Ao aumentar o número de membros, tornou-se impraticável aos apóstolos devotar atenção e tempo necessários a êsses problemas temporais. Assim, convocaram os membros para selecionarem sete homens de reputação honesta, a quem os apóstolos indicariam para tomar encargo especial de tais assuntos. Êstes homens foram escolhidos com orações e imposição das mãos. (Atos 6:1-7). O exemplo é instrutivo e mostra que os apóstolos compreendiam sua própria autoridade para dirigir as atividades da Igreja e que êles observavam com estrita fidelidade os princípios do consentimento comum na administração de seu alto cargo. Exerciam seus poderes sacerdotais com espírito de amor, e com o devido respeito pelos direitos das pessoas a quem presidiam.

20. Sob a administração dos apóstolos, e outros que labutavam sob sua orientação em posições de menor autoridade, a Igreja cresceu em número e influência (ver nota 3, no fim do capítulo). Durante dez ou doze anos após a ascenção de Cristo, Jerusalém permaneceu como Sede da Igreja; mais ramos ou "igrejas" como eram designadas nas escrituras, foram estabelecidos em províncias distantes. Ao serem êsses ramos organizados, foram escolhidos bispos, diáconos e outros oficiais, sem dúvida ordenados por autoridade para ministrar em atividades locais (ver Philipenses 1:1, compare com Tim. 3:1, 2, 8, 10).

21. É evidente, a julgar pelo rápido crescimento da Igreja nos primeiros tempos apostólicos, que a comissão do Senhor Jesus aos apóstolos, instruindo-os a pregar largamente o evangelho, foi executada com presteza e zêlo. (Atos 6:7; 12:24; 19:20). Paulo, escrevendo, cêrca do ano de 64 A. D., aproximadamente trinta anos após a ascenção, declara que o evangelho tinha sido levado a tôda nação: "o qual foi pregado a tôda criatura que há debaixo do céu" (Col. 1:23; compare com o versículo 6) por cuja expressão o apóstolo sem dúvida queria dizer que a mensagem do evangelho tinha sido proclamada de modo tão geral que todos que quizessem poderiam ter conhecimento dela.

22. Os detalhes quanto à organização da Igreja nos dias apostólicos, não são dados completamente. Como já foi visto, a autoridade em presidência era investida nos doze apóstolos. Além disso, o cargo especial dos setenta recebeu certa atenção; mas além dêstes, haviam evangelistas, pastôres e mestres. (Eph. 4:11), sumos sacerdotes (Heb. 5:1-5), anciãos, (Atos 14:23; 25:6; I Ped. 5:1), bispos (I Tim. 3:1; Tito 1:7) etc. A existência dêsses oficiais é explicada por Paulo, como sendo para "o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo" (Eph. 4:12; ler também vers. 13-16). A Igreja com seus cargos graduados e seus dons espirituais foi comparada adequadamente a um corpo perfeito com seus órgãos separados e seus membros individuais, cada um necessário para o bem estar do todo, apesar de não ser independente do resto. Como no organismo humano, na Igreja de Cristo, ninguém, com propriedade, pode dizer ao outro: "não tenho necessidade de vós" (ver I Cor. 12:21. Ver nota 4, no fim do capítulo).

### *A Igreja de Cristo no Hemisfério Ocidental*

23. Já vimos nas escrituras judaicas, como a Igreja foi estabelecida e se tornou forte na Ásia e Europa durante e logo após o meridiano dos tempos. As escrituras dadas apelam a todos os cristãos sinceros; a autoridade é a do Novo Testamento. Vamos agora considerar o estabelecimento da Igreja entre aquêles que constituíam outra divisão da casa de Israel — um povo que habitava o que agora é conhecido como Continente Americano.

24. Para aquêles que não estão familiarizados com as escrituras Nefitas, publicadas para o mundo como o Livro de Mormon, é aqui apresentado em breve sumário histórico (ver nota 5, no fim do capítulo). No ano 600 A.C., no reinado do Rei Zedekiah, uma pequena colônia foi conduzida de Jerusalém por um profeta inspirado, chamado Lehi. Essas pessoas foram levadas, com o auxílio divino, às praias do mar Arábico, onde construiram um barco no qual cruzaram as grandes águas em direção à costa ocidental da América do Sul. Ali chegaram no ano 590 A.C. Logo foram divididos em dois grupos chefiados respectivamente por Nefi e Laman, filhos de Lehi; essas facções cresceram tornando-se nações oponentes, conhecidas na história como Nefitas e Lamanitas. Os primeiros se desenvolveram enquanto que os últimos retrogrediram nas artes da civilização. Os profetas Nefitas predisseram o advento do Messias, e previram Seu ministério, crucificação e ressurreição.

25. Os registros citam que o Messias apareceu em pessoa entre os Nefitas no continente ocidental. Isto foi posterior à sua ascenção do Monte das Oliveiras. A predição dêsse grande acontecimento foi dada por Cristo numa declaração feita quando êle esteve na terra.

Comparando-se ao bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, Êle disse: "Ainda tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco; também me convém agregar a estas e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor" (João 10:16, ler versículos 1-18 inclusive. Compare III Nefi 15:21).

26. De acôrdo com os registros dos Nefitas, certos sinais preditos da morte do Salvador haviam se realizado. Terremotos destruidores e outras terríveis convulsões da natureza tiveram lugar no oeste, enquanto a suprema tragédia se verificava no Calvário. O povo da terra da abundância, compreendendo a parte norte da América do Sul estava ainda maravilhado com as grandes convulsões que os tinham aterrorizado poucas semanas antes, e numa certa ocasião se reuniram para discutir o sucedido, quando ouviram uma voz que parecia vir dos céus, dizendo: "Eis aqui Meu Filho amado, no qual Me alegro, no qual glorifiquei Meu nome; a Êle deveis ouvir" (III Nefi 11:7; ler o capítulo inteiro). Olhando para o alto, êles viram um homem que descia. Estava vestido com uma túnica branca e quando chegou à terra disse: "Eis que Sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas *** Levantai-vos e vinde a Mim para que possais também tocar as marcas que os cravos fizeram em Meus pés e Minhas mãos, para que possais saber que Eu sou o Deus de Israel e o Deus de tôda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo" (versículos 10-14).

27. Tendo assim Se declarado, Cristo prosseguiu instruindo o povo no plano do evangelho como Êle o pregara, e na constituição da Igreja como Êle a tinha estabelecido no oriente. Visitou o povo Nefita em ocasiões posteriores, ensinou a êles muitos dos preceitos prèviamente ensinados aos judeus; salientou a doutrina do

batismo e outras ordenanças essenciais à salvação; instituiu o sacramento em comemoração à sua morte expiatória: escolheu e comissionou doze apóstolos, a quem conferiu autoridade na Igreja; explicou a importância de designar a organização pelo seu próprio nome — Igreja de Cristo; e anunciou o cumprimento da lei de Moisés e o fato de que ela seria daquela data em diante substituída pelo evangelho incorporado na Igreja como Êle tinha estabelecido. No plano de organização, em doutrinas e preceitos, e em ordenanças prescritas, a Igreja de Cristo, no ocidente era uma reprodução fiel da Igreja da Palestina.

28. Assim no Meridiano dos Tempos a Igreja de Deus foi fundada em ambos os lados da terra. Em sua primitiva simplicidade e beleza, exibia a magestade de uma instituição divina. É agora nosso triste dever considerar o declínio do poder espiritual dentro da Igreja, e a eventual apostasia da própria Igreja.

## NOTAS

1. *As condições no comêço da èra Cristã* — Por ocasião do nascimento de Cristo, a maravilhosa federação do mundo chegou finalmente a ser uma grande monarquia. Augusto, em Roma, era o único poder para o qual se voltavam tôdas as nações **** Nenhum príncipe, nenhum rei, nenhum potentado sob qualquer nome podia quebrar a calma que tal domínio univelsal garantia. *** Foi nessa época original que Jesus Cristo nasceu. Tôda a terra permanecia imersa em profunda paz. Tôdas as nações estavam livremente abertas à mensagem de misericórdia e amor que Êle veio anunciar. A condição moral e social do mundo todo na ocasião do nascimento de Cristo não era menos própria para o seu advento do que a política. O prêmio do poder universal pelo qual se lutou durante sessenta anos de conspirações e desoladoras guerras civis, tinha sido ganho finalmente por Augusto. Sila e Mario, Pompeu e Cesar, tinham levado suas legiões uma contra a outra, como aconteceu na Itália e nas províncias, e tinham encharcado a terra de sangue. O próprio Augusto tinha sòmente conseguido

o trono após treze anos de guerra, que envolveu regiões bastante separadas entre si. O mundo estava exausto pela prolongada agonia causada por tal conflito; ansiava agora por repouso" (Cunningham Geikie, *The Life and Works of Christ*, N. York, 1894, vol. 1 p. 25).

"O Império Romano quando Cristo nasceu, estava menos agitado pelas guerras e tumultos e jamais se teve notícia, no império, de semelhante calma durante muitos anos. Ainda que eu não concorde com a opinião daqueles que, seguindo o relato de Orosio, afirmam que o templo de Jano foi então fechado e que as guerras e discórdias cessaram por completo através do mundo, é certo que o período em que nosso Salvador desceu sôbre a terra pode ser justamente chamado de "idade pacífica" se a compararmos com as épocas precedentes. E realmente a tranquilidade que então reinou era necessária para capacitar os ministros de Cristo a executarem com sucesso Sua sublime missão para com a raça humana. (Mosheim, *Ecclesiastical History*, Sec. 1, parte I, cap. 1:4).

2. *O Paganismo no Comêço da Era Cristã*: "Naquêle tempo tôda nação tinha seus deuses sôbre os quais presidia um mais importante, de tal maneira que essa suprema deidade era por si mesma controlada pelo inflexível império das fatalidades, ou o que os filósofos chamam de "necessidade externa". Os deuses do Oriente eram diferentes do deuses Gauleses, Germânicos e das outras nações do Norte. As divindades Gregas diferiam grandemente das dos Egípcios que endeusavam plantas, animais, e uma grande variedade de produtos tanto da natureza como da arte. Cada povo tinha também sua maneira própria de adorar e apaziguar suas respectivas deidades, inteiramente diferente dos ritos sagrados de outros países **** Uma coisa, realmente, que à primeira vista parece importante, é que essa variedade de religiões e de deuses, não provocava guerras e nem dissensões entre as diferentes nações, com exceção dos Egípcios. Nem é talvez necessário esperar mesmo dêles uma vez que suas guerras travadas por causa de seus deuses não podem ser consideradas pròpriamente como sendo inteiramente de natureza religiosa. Cada nação permitia que seus vizinhos seguissem seus próprios ritos e cerimônias, e não se encontrava qualquer espécie de descontentamento em sua diversidade de sentimentos em matéria religiosa. Há, contudo, pouco a se admirar nesse espírito de tolerância mútua, quando nos lembramos que todos êles consideravam o mundo como um grande império, dividido em várias províncias, sôbre as quais presidiam divindades de certas ordens e que, portanto,

nenhuma nação podia ver com desdém os deuses das outras, ou forçar os estranhos a homenagearem os seus. Os romanos exerciam essa tolerância na mais ampla forma. Apesar de não permitirem quaisquer alterações nas religiões que eram pùblicamente professadas no Império, ou que qualquer nova forma de adoração fôsse introduzida abertamente, concediam aos seus cidadãos inteira liberdade de observar particularmente os sagrados ritos de outras nações e de honrar deidades estranhas (cuja adoração nada contivesse de inconsistente com os interêsses e leis da república) tais como festins, templos, bosques consagrados e outras manifestações semelhantes de homenagem e repeito". (Mosheim, *Ecclesiastical History,* Sec. I, part. I, cap. 1:7-8).

3. *O Rápido Crescimento da Igreja* — Eusébio, que escreveu na primeira parte do século quatro, referindo-se à primeira década após a ascenção do Salvador, diz:

"Assim, então, sob uma influência celestial, e cooperação, a doutrina do Salvador, como os raios do sol, irradiou-se ràpidamente pelo mundo inteiro. De acôrdo com a profecia divina, a voz de Seus inspirados evangelistas e apóstolos foi através de tôda a Terra, e suas palavras aos confins do mundo. Através de cada cidade e vila, como um celeiro repleto, as Igrejas ràpidamente se multiplicavam e regorgitavam de membros vindos de todos os povos. Aquêles que, em consequência dos êrros que herdaram de seus ancestrais, haviam sido forçados pelo antigo mal de superstição idólatra, estavam agora libertos pelo poder de Cristo, através dos ensinamentos e milagres de Seus mensageiros" (Eusébio, *Ecclesiastical History,* Livro I, cap. 3).

4. *A Instrumentalidade Divina do Ministério Apostólico* — "Quando consideramos o rápido progresso do Cristianismo entre as nações dos gentios, e os pobres e fracos instrumentos pelos quais êsse grande e maravilhoso acontecimento foi imediatamente efetuado, naturalmente temos que atribuí-lo a uma onipotente e invisível mão, como sua causa verdadeira e própria. Pois, a menos que admitamos aqui uma interferência divina, como seria possível que os homens, destituídos de todos os auxílios humanos sem crédito ou riquezas, conhecimento ou eloquência, pudessem, em tempo tão curto, persuadir uma considerável parte da humanidade a abandonar a religião de seus ancestrais? Como seria possível a um punhado de apóstolos, que como pescadores e publicanos devem ter sido condenados pela sua própria nação e, como judeus, odiados por tôdas as

outras, fazer com que o sábio e o poderoso, assim como o simples e o plebeu abandonassem seus preconceitos favoritos e abraçassem uma nova religião, inimiga de suas paixões corruptas? Realmente, haviam sinais inequívocos de um poder celestial acompanhando permanentemente o seu ministério. Sua própria língua era de uma incrível energia, poder maravilhoso para enviar luz à compreensão e convicção ao coração" (Mosheim, *Ecclesiastical History*, Sec. I, Part. 1, cap. 4:8).

5. *Os Nefitas e os Lamanitas* — Os progenitores da nação nefita, "sairam de Jerusalém no ano 600 A. C. sob a direção de Lehi, profeta judeu da tribo de Manassés. Ao partir de Jerusalém, sua família era composta de Sariah, sua esposa, e de seus filhos, Laman, Lemuel, Sam e Nefi.

Mais adiante fala-se de filhas, mas, se nasceram antes ou depois do êxodo da família, não se sabe. Além da sua própria família, o grupo de Lehi compreendia Zoram e Ismael, sendo êste último um israelita da tribo de Efraim. Ismael e sua família se uniram ao grupo de Lehi no deserto e seus descendentes foram contados entre os da nação de que estamos tratando. Parece que o grupo viajou para o sudeste, seguindo a costa do mar Vermelho; então, alterando seu curso para o este, atravessou a península árabe e alí, às margens do mar de Oman, construíram e abasteceram um barco no qual se lançaram ao mar, entregando-se à divina providência sôbre as águas. Acredita-se que tenham viajado para o Este, atravessando o Oceano Índico, depois o Pacífico, chegando por fim à costa ocidental da América onde desembarcaram (590 A. C.).

O povo se estabeleceu no que era para êles a terra prometida; nasceram muitos filhos e em poucas gerações, numerosa posteridade habitava a terra. Após a morte de Lehi verificou-se uma divisão. Uns aceitaram Nephi como lider, que havia sido devidamente nomeado ao ofício profético, enquanto os demais proclamaram chefe a Laman, o mais velho dos filhos de Lehi. Desde então êstes povos divididos se chamaram nefitas e lamanitas, respectivamente. Havia ocasiões em que se observava uma aparência de amistosidade entre uns e outros, mas geralmente estavam em disputa, e os lamanitas manifestavam um ódio e hostilidade implacáveis para com seus irmãos nefitas. Os nefitas deram impulso às artes da civilização, construindo grandes cidades e estabelecendo comunidades muito prósperas. Entretanto, caíam frequentemente em transgressão e o Senhor, para castigá-los, permitia que seus inimigos hereditários triunfassem sôbre êles. Crê-se tradicionalmente que se

extenderam até ao norte, ocupando uma região considerável da América Central, após o que se dispuseram até o Este e Norte, até alcançar o que é hoje parte dos Estados Unidos. Os lamanitas, quando aumentaram em número, sofreram o anátema do desagrado do Senhor; sua pele se tornou escura, seu espírito sombrio, esqueceram-se do Deus de seus pais e se entregaram ao estado decaído em que, aqueles que tornaram a descobrir o continente ocidental numa época posterior, encontraram os índios da América, seus descendentes diretos. (*Regras de Fé*, do mesmo autor, Capítulo 14:7-8).

## CAPÍTULO II

# PREDITA A APOSTASIA

1. Prosseguindo com o nosso inquérito, aceitamos como fatos demonstrados o estabelecimento da Igreja de Cristo sob a administração pessoal do Salvador, e o rápido crescimento da Igreja no período inicial do ministério apostólico.

2. É de suma importância a pergunta seguinte: Manteve a Igreja de Cristo, autorizadamente estabelecida, uma existência organizada sôbre a Terra desde a idade apostólica até a presente época? Outras perguntas são sugeridas pela primeira: Se a Igreja continuou como organização terrena, onde reside a prova ou evidência da legítima sucessão na autoridade sacerdotal e qual entre as múltiplas seitas ou Igrejas em conflito nos dias presentes é a real possuidora do santo sacerdócio originalmente confiado à Igreja por Cristo, seu fundador?

3. Têm, também, sido manifestados na terra, através dos séculos decorridos desde o meridiano dos tempos, os dons e graças espirituais pelos quais a Igreja primitiva era caracterizada e distinta? E, nesse caso, em qual das numerosas Igrejas dos tempos atuais encontramos tais sinais acompanhando os crentes? (Ver Mar. 16:17).

4. Afirmamos que, com a passagem da assim chamada idade apostólica, a Igreja caiu gradativamente numa condição de apostasia, pelo que a sucessão no sacerdócio foi interrompida, e que a Igreja, como organização terrena, operando sob orientação divina e tendo autoridade para oficiar nas ordenanças espirituais, deixou de existir.

5. Portanto, se a Igreja de Cristo pode ser encontrada na Terra hoje, ela deve ter sido restabelecida por autoridade divina, e o santo sacerdócio deve ter sido restaurado ao mundo de onde havia desaparecido pela apostasia da Igreja Primitiva. (Ver Nota 1 no fim do capítulo).

6. Afirmamos que a grande apostasia foi predita pelo próprio Salvador enquanto êle vivia como homem entre os homens e pelos seus inspirados profetas, tanto antes como depois do período de sua provação terrena. Afirmamos ainda que uma interpretação racional da história demonstra o fato desta grande e geral apostasia.

7. Antes de considerarmos detalhadamente as predições específicas referidas, e a evidência do seu temível cumprimento, devemos devotar proveitosamente um pouco de atenção a certas considerações gerais.

8. Com respeito ao pré-conhecimento de Deus, não se vá dizer que a divina oniciência é por si só uma causa determinante pela qual os acontecimentos devam se verificar inevitàvelmente. Um pai mortal que conhece as fraquezas e defeitos de seu filho pode, em virtude dêste conhecimento, predizer com amargura as calamidades e sofrimentos que esperam seu filho desviado. Pode prever no futuro daquele filho, a privação das bênçãos que podiam ter sido ganhas, a perda de posição, respeito próprio, reputação e honra. Até mesmo as sombras negras de um cárcere de criminoso e a escuridão da sepultura de um ébrio podem aparecer nas tristes visões da alma dêsse pai dedicado. Entretanto, convencido pela experiência da impossibilidade de conseguir a reforma daquele filho, prevê os terríveis acontecimentos do futuro e nada vê senão tristezas e angústias em sua visão. Poder-se-á dizer que os prévios conhecimentos do pai sejam a causa da vida cheia de pecados do filho?

O filho talvez já tenha alcançado a maturidade e seja senhor do seu próprio destino, exercendo livre arbítrio. O pai é impotente para o controlar pela fôrça ou para orientá-lo e, conquanto êle fizesse de boa vontade qualquer sacrifício para salvar seu filho da fatalidade iminente, teme pelo que parece ser uma terrível certeza. Mas certamente aquele pai, apreensivo e suplicante, não contribui para a vida desregrada do filho por causa de seu conhecimento. De outra forma, o certo seria dizer que um pai negligente, que não se preocupa em estudar a natureza e o caráter de seu filho, que fecha os olhos às tendências para o pecado e permanece em descuidada e perigosa indiferença quanto ao seu provável futuro, está, pela sua própria insensibilidade, beneficiando o filho, porque sua falta de previdência, não pode operar como causa contribuinte da delinquência.

9. Nosso Pai Celestial tem completo conhecimento da natureza e disposição de cada um de Seus filhos, conhecimento êsse ganho por longa observação e experiência na eternidade passada de nossa infância primitiva; conhecimento que, comparado com o obtido pelos pais humanos através da experiência terrena de seus filhos, torna o último infinitamente pequeno. Em virtude de tal poder superior, Deus lê o futuro da criança e das crianças, do homem individualmente e dos homens coletivamente como comunidades e nações. Êle sabe o que cada um fará sob certas condições, e vê o fim desde o princípio. Seu pré-conhecimento é baseado na inteligência e razão. Êle prevê o futuro como um estado que existirá natural e seguramente, e não como um estado que deverá existir apenas porque Êle arbitràriamente assim tenha determinado que seja.

10. Mas, deve-se convir que, no exemplo ilustrativo dado acima — o do pai e de seu filho transviado — o pai não tinha poder para mudar a triste trilha de pecado pela qual o seu filho caminhava ràpidamente

para a ignomínia e destruição; enquanto que o Pai onipotente pode salvar se Êle assim o desejar. Em resposta a isto, pode-se dizer o seguinte: O Pai das almas conferiu a seus filhos, desde o bêrço, o divino privilégio do livre arbítrio; Êle não os controla e nem os controlará por fôrça arbitrária; não impele nenhum homem ao pecado; não força ninguém à retidão. Ao homem foi dada liberdade para agir por si próprio; e, em associação a esta independência, está o fato da responsabilidade estrita e a certeza da responsabilidade individual. No julgamento com que seremos julgados, tôdas as condições e circunstâncias de nossa vida serão consideradas. As tendências inatas devidas à hereditariedade, o efeito do ambiente se conducente ao bem ou ao mal, os salutares ensinamentos da juventude, ou a ausência de boa instrução, êstes e todos os outros fatôres contribuintes devem ser tomados em consideração na apresentação de um veredito justo quanto à culpabilidade ou inocência da alma. Não obstante, a divina sabedoria torna claro qual será o resultado com certas condições, agindo sôbre conhecidas naturezas e disposições dos homens, enquanto cada indivíduo é livre para escolher o bem ou o mal dentro dos limites das muitas condições existentes e operantes (Ver nota 2, no fim do capítulo).

11. Outro assunto digno de consideração, é o seguinte: Deve o fato da grande apostasia — a dissolução e destruição virtual da Igreja estabelecida por Jesus Cristo — ser considerado como exemplo de fracasso dos planos do Senhor? É um caso de derrota no qual Satanás saiu vitorioso sôbre Cristo? Consideremos o seguinte: Que mortal já mediu o padrão pelo qual a oniciência determina o sucesso ou o fracasso? Quem ousa afirmar que o que o homem aclama como triunfo ou deplora como derrota será assim considerado quando experimentado pelos princípios do julgamento eterno?

12. A história do mundo está cheia de exemplos do triunfo temporário do mal, da justiça aparentemente mal conduzida, dos planos divinos para o tempo frustrados, dos intentos de Deus contrariados e sua consumação retardada.

13. Conhecemos o convênio do Senhor com Israel. A Abraão, Isaac e Jacob, Êle declarou que seus descendentes deviam ser um povo escolhido para Seu serviço especial entre as nações. Através daquela linhagem o Salvador da humanidade estava para nascer; na posteridade de Abraão tôdas as nações da terra deveriam ser abençoadas. Bênçãos além da concepção do coração do homem, além da compreensão da sua mente, foram prometidas sob condição de obediência e lealdade a Êle que proclamou a Si próprio seu Deus e seu Rei. O Senhor também predisse calamidades e sofrimentos, e aflições individuais e desgraças nacionais, se Israel se desviasse do serviço de Jeová e se submetesse à tentação de seus vizinhos pagãos que nada sabiam de Deus. Pensam vocês que Deus ignorava o curso que seu povo iria tomar? Deixou Êle de prever que Israel seguiria o caminho do mal, perdendo a bênção e colhendo uma safra de amargura? O plano de Jeová não falhou, apesar da realização das bênçãos tão abundantemente prometidas estar sendo tão longamente retardada. Tão vigorosa como a predição de calamidade em caso de pecado, foi a promessa da eventual restauração à sua proteção. A dispersão de Israel, já consumada, era para ser seguida pela coligação de Israel ora em progresso. (Ver *Regras de Fé,* do mesmo autor, capítulos 17 e 18).

14. Qual teria sido o veredito do mundo quanto ao sucesso ou fracasso da Missão de Cristo, tivesse sido êle pronunciado na época da crucificação? Evidentemente seus inimigos teriam triunfado; Êle que disse ser o próprio Messias, o Filho de Deus, a ressurreição e a

vida, sôbre quem a morte não podia prevalecer, sofreu a morte de um malfeitor e Seu corpo estava no túmulo. Mas o veredito dos séculos, que é o veredito das eternidades futuras, considera aquêle "fracasso" como o maior triunfo em tôdas épocas, a vitória das vitórias.

15. Assim também aconteceu com a Igreja. Durante algum tempo as fôrças do mal triunfaram e reinou o espírito da apostasia. Mas além das trevas da noite espiritual a gloriosa alvorada da restauração foi divisada em visão profética, e tanto a noite com seus horrores, como o alvorecer com seu esplendor foram previstos e preditos.

16. Em nosso estudo das predições da apostasia como consta da escritura e sua realização como atestam histórias posteriores, reconheceremos duas fases ou estádios distintos do afastamento progressivo:

(1) Apostasia *dos adeptos* da Igreja e

(2) Apostasia *da* Igreja.

17. Na primeira fase teremos que tratar do abandono da verdade e da deserção da Igreja pelos devotos às vêzes em pequeno número, às vêzes em grande número. Tais condições podem apenas ser consideradas como naturais e inevitáveis. A história não apresenta nenhum exemplo de grandes empreendimentos pelos quais as multidões se tenham entusiasmado e dos quais muitos não tenham desertado. Se tais casos de deserção individual não fôssem tão numerosos de forma a indicar a operação de alguma causa vital de desafeição, não necessitaríamos da autoridade da divina predição e inspirada profecia para explicar a ocorrência. Achamos, contudo, que a apostasia dos adeptos da Igreja Primitiva foi disseminada em geral, e que as causas que levaram a tal condição foram de vital significado.

18. Na segunda das duas fases já especificadas nos confrontamos com condições de muito maior importância do que as que dizem respeito à secessão dos adeptos da Igreja, pois aqui achamos a Igreja afundando em um nível degenerado de uma instituição humana, com plano de organização e modo de operação estranhos à constituição original, sem sacerdócio ou autoridade para oficiar nas ordenanças espirituais, e destituída dos dons e graças com que o Salvador dotou sua Igreja no tempo de seu estabelecimento. Em resumo, achamos a própria Igreja apóstata ciosa do poder temporal, fazendo suas leis, ensinando seus dogmas, preservando sòmente uma forma de piedade, mas negando a sua eficácia. (Ver II Tim: 3:1-6).

*Predições Específicas da Apostasia*

19. O Senhor previu a grande e geral deserção dos princípios de retidão, e desde o comêço sabia que os homens estabeleceriam suas próprias formas de adoração, clamando errôneamente a autoridade divina para as mesmas. Através da voz de Seus profetas escolhidos, Êle, repetidas vêzes, predisse o inevitável evento. (Ver Nota 3, no fim do capítulo).

20. Entre as profecias que datam de antes de Cristo notam-se as seguintes: Isaias teve uma visão da condição da terra na era da obscuridade espiritual, período em que tôdas as classes seriam envolvidas em uma condição geral de corrupção, quando a espécie humana estaria envolvida numa condição pràticamente de incapacidade e pessimismo. Êle ilustra a terra em pranto e sofrendo em dissolução e determina o seguinte, como motivo do deplorável estado: "A terra está contaminada por causa de seus habitantes; porque êles transgrediram as leis, mudaram as ordenanças, quebrando o

convênio eterno". (Isaias 24:5; ler versículos de 1 a 6 inclusive).

21. Pode-se pensar que esta profecia se refira a uma violação da lei de Moisés sob a qual a antiga Israel viveu. Lembremos, contudo, que a lei Mosáica em nenhum lugar é chamada convênio eterno. O convênio entre o Senhor e Abraão antecede a vinda da lei por quatrocentos e trinta anos e como frisou Paulo (Gálatas 3:17; ler o capítulo inteiro), em sua epístola aos Gálatas, a quem chamou de tolos por causa da confusão que faziam entre a lei de Moisés e o evangelho de Cristo, a lei não podia anular os convênios mais primitivos cujo cumprimento podia vir sòmente através de Cristo. A "lei" pela qual o inspirado apóstolo sem reserva queria indicar os estatutos Mosáicos, não era senão uma preparação para a "fé" por cuja última expressão o evangelho, como foi revelado por Cristo, é claramente intencionado. "Mas antes que a fé viesse", diz Paulo, "estávamos guardados debaixo da lei, encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados. Mas depois que a fé veio, já não estávamos debaixo do aio. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo; nisto não há nem macho, nem fêmea: porque todos vós sois um em Jesus Cristo. E se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa" (versículos 23-29).

22. É evidente pelo teor de todo o capítulo, que enquanto o evangelho era pregado a Abraão, e feito o convênio com êle com relação à vinda do Messias através de sua posteridade, o evangelho não habitava com Israel e isto por causa das transgressões (versículo 19) mas, em seu lugar a lei Mosáica foi instituída como medida disciplinar, temporária em caráter, destinada a ser

substituída pelo evangelho de Cristo e não seguramente um convênio eterno. Por outro lado, o sangue de Cristo, através do derrame do qual o sacrifício expiatório foi consumado, é distintamente chamado de "o sangue do concerto eterno"(Heb. 13:20).

23. É evidente então que a profecia fatídica com respeito à rutura do convênio eterno não podia ter nenhuma referência a um afastamento das exigências da lei Mosáica, mas deve-se referir a uma então futura condição de apostasia em seguida ao estabelecimento do convênio eterno. Parte da grande predição, que se refere à queima dos habitantes da terra e das calamidades generalizadas, (ver Isaias 24:6) ainda espera pelo seu cumprimento.

24. Uma outra predição aplicável ao período em que não havia nenhuma Igreja de Cristo e quando, em consequência havia lamentações e sofrimentos, é a de Amós, "Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sôbre a terra, não fome de pão, nem sêde de água, mas de ouvir a palavra do Senhor; e irão vagabundos de um mar a outro mar e do norte até o oriente; correrão por tôda a parte buscando a palavra do Senhor e não a acharão (Amós 8:11, 12).

25. Cristo instruiu Seus seguidores em têrmos simultâneamente diretos e conclusivos, quanto à apostasia então iminente. Em resposta a certas perguntas quanto aos sinais pelos quais Seu segundo advento seria anunciado, Êle disse: "Acautelai-vos que ninguém vos engane. Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos" (Mat. 24:4, 5). Então Êle falou de guerras e distúrbios políticos e acrescentou: "Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. E surgirão muitos falsos profetas, e

enganarão a muitos. E por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquêle que preservar até o fim será salvo" (versículos 10-13. Ver nota 4, no fim do capítulo).

26. Melhor especificando as condições relativas à crescente apostasia, Cristo declarou a Seus discípulos: "E sereis odiados de tôdas as gentes por causa de meu nome" (versículo 9). E também: "Então se alguém disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhes deis crédito. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fôra, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vô-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem que êle está no deserto, não saiais; Eis que êle está no interior da casa, não acrediteis" (Ver. 23-26).

27. Após a partida de Cristo da terra, Seus apóstolos continuaram a advertir os povos quanto às trevas que viriam. Naquela memorável elocução aos elderes de Éfesos, quando, como lhes disse, estavam olhando sua face pela última vez, Paulo lembrou a seus ouvintes das instruções que tinha dado prèviamente a êles, e então advertiu-os com esta solene admoestação: "Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lôbos cruéis, que não perdoarão ao rebanho. E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atrairem os discípulos após si" (Atos 20:29, 30; ler vers. 17 a 31, inclusive).

28. Não só os estranhos se misturariam com os santos com fim de ganho egoista — entrarão no meio de vós lôbos, que não perdoarão ao rebanho — como também estavam iminentes as dissenções e as divisões; e estas dissenções estavam para vir através de alguns então presentes — homens que aspirariam a liderança, e que estabeleceriam suas próprias doutrinas, atraindo assim os discípulos da Igreja para si.

29. O mesmo apóstolo advertiu Timóteo da proximidade da apostasia, e referiu-se a alguns ensinamentos errôneos que afetariam as pessoas mal orientadas — ensinamentos que êle chama de "doutrina de demônios". Admoestou Timóteo a fazer com que os irmãos tivessem estas coisas em lembrança, como é próprio dum bom ministro de Cristo, nutrido nas palavras de fé e de boa doutrina. Notemos a inspirada predição: "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e às doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras; tendo cauterizada a sua própria consciência; proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem dêles com ações de graça" (I Tim. 4:1-3. Ver nota 5, no fim do capítulo).

30. Numa segunda epístola ao seu amado Timóteo, enquanto trabalhava com o conhecimento de que seu martírio estava próximo, Paulo incita zêlo e energia na pregação do evangelho; pois as sombras da apostasia se estavam formando em volta da Igreja. Sua admoestação é patética: "Conjuro-te pois diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com tôda a longanimidade e doutrina pois virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina, mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutôres conforme as suas próprias conscupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas" (II Tim. 4:1-4).

31. Ao se dirigir aos santos Tessalonicenses, Paulo adverte-os contra o êrro fortemente defendido por alguns de que o dia do segundo advento de Cristo estava

então próximo. Parece que estava sendo empregado o despistamento e que até mesmo se suspeitava de falsificações pois o apóstolo instrui o povo a não se deixar enganar "quer pela palavra, quer por epístola como de nós". A admoestação é poderosa: "Ora, irmãos, rogamo-vos pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com êle. Que não vos movais fàcilmente de vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira nenhuma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra todo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (II Tess. 2:1-14). Veremos o quão doloroso foi o cumprimento literal desta profecia nas blasfemas pretensões da Igreja apóstata, séculos mais tarde.

32. Com respeito às heresias que seriam pregadas como doutrina no período da apostasia, o apóstolo Pedro profetizou em linguagem tão clara que ninguém pode deixar de compreender; e êle lembra o povo que existiram falsos mestres em épocas anteriores, assim como existiriam em tempos futuros: "E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá tabém falsos doutôres, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sôbre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade. E por avareza farão de vós negócio com as palavras fingidas: sôbre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e sua perdição não dormita" (II Ped. 2:1-3. Ler o capítulo

inteiro, notando as descrições das condições que existem no mundo de hoje).

33. Judas, o irmão de Tiago, em sua epístola geral aos santos, lembra-os de advertências anteriores: "Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que vos foram preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, as quais vos diziam que nos últimos tempos haveria escarnecedores que andariam segundo as suas ímpias conscupiscências" (S. Judas 17, 18).

34. João que é chamado o Revelador, teve uma visão do estado do mundo nos dias futuros. Descrevendo o espírito de maldade como uma besta horrenda e seu autor, Satanás, como o dragão, êle diz: "E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela? **** E abriu sua bôca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar de seu nome, e do seu tabernáculo e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sôbre tôda a tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sôbre a terra, êsses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvido, ouça" (Apo. 13:4,6-9).

35. Note uma outra profecia baseada na visão de João, o Revelador. Referindo-se também às condições dos últimos dias, êle declara: "E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sôbre a terra, e a tôda nação e tribo e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juizo. E adorai aquêle que fêz o céu, e a terra e o mar, e as fontes das águas" (Apo. 14:6,7).

36. Conquanto seja verdade que a última escritura mencionada não prediz especìficamente a apostasia, a

dissociação da Igreja é considerada um fato. O Revelador olhou além do período do afastamento e viu o glorioso dia da restauração do evangelho — o restabelecimento da Igreja através do ministério de um anjo. É ilógico presumir que o evangelho devia ser trazido para a terra por um mensageiro celestial, se aquêle evangelho ainda existisse nela. Igualmente ilógico é dizer que a restauração ou o restabelecimento da Igreja de Cristo seria necessária ou possível, tivesse a Igreja continuado com sucessão justa do sacerdócio e poder. Se o evangelho tivesse de ser trazido novamente dos céus, por certo deveria ter sido antes tirado da terra. Assim a profecia de uma restauração é prova de uma apostasia geral e completa.

### *Predita a Apostasia no Hemisfério Ocidental*

37. No capítulo precedente vimos que a Igreja de Cristo foi estabelecida, pelo Senhor Ressuscitado, entre os Nefitas do mundo ocidental. Foi previsto que seria permitido às fôrças do mal prevalecer tanto no este como no oeste. Consideremos as palavras fatídicas do profeta Alma, dirigidas a seu filho Helamã: "Eis que vejo êste mesmo povo, os Nefitas, segundo o espírito revelador que se chama em mim, quatrocentos e trinta anos depois do aparecimento de Jesus Cristo se degenerará na incredulidade. Sim, então êle verá guerra e peste, sim, fome e derramamento de sangue, até que o povo de Nefi se ache extinto. Sim, e isto porque êle degenerará em incredulidade e cairá em obras de trevas, lascívia e tôda a sorte de iniquidade: sim, digo-te que em virtude dêsses pecados que êle cometerá contra tão grande luz e sabedoria, desde êsse dia — até mesmo a quarta geração não acabará de passar antes que venha esta iniquidade". (Alma 45:10-12).

38. Uma profecia anterior com relação à degradação dos restantes descendentes de Lehi, foi transmitida por Nefi, como resultado de uma revelação comunicada a êle através de visitação angélica. Assim êle descreve sua visão do futuro: "E, enquanto o anjo falava, vi que os descendentes de minha semente combatiam os da semente de meus irmãos, de acôrdo com o que o anjo havia predito; e devido ao orgulho de minha descendência e das tentações de Satanás, ela foi vencida pela de meus irmãos; e aconteceu-me ver que a semente de meus irmãos que havia vencido a minha, se repetia em multidões sôbre a face da terra. E vi-os reunirem-se em multidões; e vi muitas guerras e rumores de guerras muitas gerações passaram. Disse-me então o anjo: Eis que êstes cairão na incredulidade. E aconteceu que os vi depois que cairam na incredulidade, tornarem-se um povo obscuro, sonso e repulsivo, preguiçoso e cheio de abominações" (I Nefi 12:19-22, e o capítulo 29). O degradado estado dos índios Norte Americanos, descendentes do profeta-pai, é uma nítida consequência dessa declaração profética.

30. As escrituras citadas são suficientes para mostrar que a apostasia geral da Igreja foi prevista; que a corrupção da própria Igreja foi semelhantemente pré-conhecida; e que em ambos os hemisférios foi predita uma apostasia geral.

## NOTAS

1. *A Igreja Primitiva e a Restaurada* — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias alega pelo seu nome uma distinção da Igreja Primitiva como foi estabelecida por Cristo e Seus primeiros apóstolos. A designação real da Igreja restaurada, é: Igreja de Jesus Cristo; seu nome autorizado é Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sendo a frase final adicionada para distinguir a Igreja, como foi estabelecida

na presente dispensação, da Igreja organizada pelo Salvador durante o período de seu ministério terrestre. Esta distinção é vista num de nossos artigos de fé: "Cremos (referindo-se à Igreja de hoje) na mesma organização que existiu na Igreja Primitiva".

2. *O Livre Arbítrio do Homem* — Os ensinamentos da Igreja restaurada com respeito à liberdade individual de ação estão assim sumariados: "A Igreja ensina e tem como doutrina estritamente baseada nas escrituras, que entre os direitos inalienáveis que seu Pai divino lhe conferiu, o homem herdou a liberdade de escolher o bem e o mal; de obedecer ou desobedecer os mandamentos do Senhor, segundo sua escolha. Êste direito não pode ter maior proteção que o zeloso cuidado que Deus mesmo lhe tem porque em tôdas as suas relações com o homem êle deixou a criatura mortal em liberdade para escolher e gir, sem compulsão ou restrição mais fortes do que os conselhos e as orientações paternais. É certo que tenha dado mandamentos e fixado estatutos, prometendo bênçãos pela obediência e o castigo pelas infrações; mas, na escolha destas coisas, os homens gozam de inteira liberdade: Neste sentido o homem não é menos livre do que os anjos e os Deuses, excepto quando se prende com os liames do pecado e renuncia ao seu poder de vontade e a fôrça da alma. O indivíduo tem ampla capacidade para violar as leis de saúde, ou requisitos da natureza e os mandamentos de Deus, em assuntos tanto temporais como espirituais, como para obedecê-los todos. Assim como em um dos casos atrai sôbre si certas sanções correspondentes à lei violada, em outro herda as bênçãos particulares e a liberdade adicional que o seguem e o acompanham a uma vida que se submete à lei. A obediência à lei é um hábito do homem livre; o transgressor teme a lei, porque traz sôbre si a privação e a restrição, não por causa da lei, que o teria protegido em sua liberdade, mas pelo seu antagonismo à lei.

O atributo predominante da justiça, reconhecido como parte da natureza divina, recusaria o pensamento de que se prometesse ao homem um galardão por atos bons e se o ameaçasse com um castigo pelos atos maus, se não possuísse poder de ação independente. É tão alheio ao plano de Deus forçar os homens a agirem conforme a retidão, como permitir que os poderes do mal obriguem seus filhos a pecar. Nos dias do Éden, foram colocados ante o primeiro homem, o mandamento e a lei juntamente com o esclarecimento do castigo que acompanharia a violação dessa lei. Não teria sido justo

dar-lhe uma lei se não tivesse tido a liberdade para agir por si mesmo. "Não obstante poderás escolher segundo tua vontade porque te é dado; mas, recorda-te que Eu o proíbo". Assim disse o Senhor Deus a Adão. Quanto às suas relações com o primeiro patriarca da raça humana, Deus declarou nestes dias: "Eis que, Eu concedi que êle fôsse o seu próprio árbitro" (O autor, *Regras de Fé,* Capítulo 3:1-2).

3. *O Testemunho Profético da Apostasia* — Que é profecia, senão uma história inversa? Profecia é o relato das coisas antes de acontecerem. História é o seu relato após a sua ocorrência. Das duas, a profecia deve ser mais considerada pela sua exatidão do que a história, por ter como fonte a infalível inspiração de Deus Todo Poderoso, enquanto a história — com exceção dos casos de historiadores inspirados — é colorida pela tolerância ou preconceitos do escritor, e sua exatidão depende do ponto de vista com que encara os acontecimentos, achando-se sujeita à corrupção por mil meios, pela influência que o rodeia — considerações sectárias, interêsse nacional e preconceitos; supostas influências que atuem sôbre as condições presentes e os destinos futuros — tôdas estas coisas podem interferir com a história; mas a profecia está livre de tais influências. Os historiadores são constituídos por êles próprios, ou são indicados pelos homens; mas os profetas são escolhidos por Deus. Selecionados pela sabedoria Divina, e iluminados por aquêle Espírito que mostra as coisas que estão por acontecer, os profetas revelaram tudo o que, sôbre o futuro, Deus queria que o homem soubesse, e os inspirados escritores relatam isso para esclarecimento ou advertência da humanidade, sem o colorido ou distorção tão suscetíveis de corromper a obra do historiador. Assim Moisés relatou o que seria de Israel dependendo de sua obediência a Deus; Israel foi desobediente e os historiadores exauriram sua arte na tentativa de descrever sua desobediência e sofrimento; mas nem em vivacidade, nem em exatidão as histórias se comparam com as profecias. Assim foi com a profecia de Daniel a respeito do aparecimento e sucessão das grandes fôrças políticas que dominariam a terra, e o triunfo final do Reino de Deus. Assim foi com quase tôdas as profecias" (B. H. Roberts, *A New Witness for God,* pp. 113, 114).

4. *A Predição de Cristo Sôbre a Apostasia* — A poderosa profecia, expressa em vívida descrição, proferida pelo nosso Senhor em resposta às perguntas de Seus discípulos, tem sido o assunto de opiniões diversas e de variados comentários, espe-

cialmente com relação ao tempo a que se refere a predição. Como está registrado no vigésimo quarto capítulo de Mateus, um sinal significativo do progresso dos acontecimentos que precederiam a segunda vinda de Cristo, foi citado como segue: "E êste evangelho será pregado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes, e então virá o fim" (versículo 14). Muitos dizem que aquêle "fim" referido na passagem citada, não é pròpriamente o encerramento da dispensação final, nem é o que é comumente mencionado como o fim do mundo, mas sim o encerramento da dispensação do evangelho então corrente; e, em apôio a esta interpretação era necessário que, em seguida à divulgação citada, Cristo prosseguisse a predizer as calamidades que então esperavam Jerusalém. Que durante o período coberto pelo ministério terreno dos apóstolos, o evangelho foi pregado em tôdas as nações civilizadas do hemisfério ocidental, é evidente tanto pelas escrituras como pelos escritos são canonizados de confiança relativos àquele período. Paulo refere-se ao fato de ter o evangelho sido levado em seus dias ao mundo e como tendo sido pregado a tôda criatura debaixo dos céus (ver Col. 1:6,23; compare com Rom. 10:18; ver também Nota 3, em seguida ao capítulo 1 dêste trabalho, à página 22).

Na versão de Joseph Smith do vigésimo capítulo de Mateus, o parágrafo que diz respeito à pregação do evangelho no mundo inteiro, como um dos sinais especificados por Jesus Cristo, é modificado de modo a se aplicar mais diretamente à moderna ou última dispensação. (Ver *Pérola de Grande Valor,* Joseph Smith 1). A escritura em consideração aplica-se diretamente às condições características da época presente — o período atual e imediatamente anterior à segunda vinda de Cristo. Êste fato, contudo, não anula pròpriamente sua aplicação tampouco a um período anterior. A História se repete em muitos casos nesta "dispensação da plenitude dos tempos"; realmente, o próprio nome é expressivo de um cômputo de coisas passadas, e isto envolve a repetição das primitivas condições e nova confecção das leis. A predição da evangelização do mundo, não é um exemplo de uma apostasia geral com mais de um único horizonte limitado de cumprimento. No período apostólico o evangelho foi levado a tôdas as nações conhecidas pelos ministros do Senhor; um trabalho semelhante está hoje sendo realizado, numa escala grandemente superior à do passado, pois o mundo, considerando-se sua população, é agora imensamente maior do que o da antiguidade.

5. *As Escrituras em Relação à Apostasia* — Que a aplicação das escrituras citadas no texto é prova de que a apostasia predita não é peculiar à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é visto pelo fato de que estas predições são similarmente interpretadas pelos teólogos de outras igrejas. Assim em *Bible Commentary*, o Dr. Adam Clarke anota a admoestação de Paulo a Timóteo como se vê abaixo: Consideremos primeiro a passagem: "Mas o espírito expressamente diz que nos últimos etempos alguns apostarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia dos homens que falam mentiras, etc.", o Dr. Clarke diz:

*"Nos últimos tempos"* — Isto não implica necessàriamente as últimas épocas do mundo; mas quaisquer épocas consequentes (subsequentes) às em que a Igreja então viveu".

*"Apostarão da fé"* — Êles se apostatarão da fé, i. é, a Cristandade, renunciando ao eficiente sistema completo para introduzir doutrinas que tornam suas essenciais veredas nulas e ineficientes. Um homem pode possuir tôdas as verdades do Cristianismo, e pode torná-las ineficientes ao adotar outras doutrinas que anulam sua influência; ou pode apostatar negando alguma doutrina essencial, ainda que êle nada introduza de heterodoxo".

*"Pela hipocrisia de homens que falam mentiras"* — Refere-se aos que alegam possuir inspiração divina e extraordinários graus de santidade, abnegação, mortificação, etc., com o fim de justificarem as mentiras e as falsas doutrinas que ensinam. Multidões de mentiras foram forjadas a respeito dos milagres realizados pelas relíquias dos santos...".

## CAPÍTULO III

### *Os Primeiros Estádios da Apostasia*

1. Como se viu no capítulo precedente, a apostasia geral da Igreja Primitiva foi prevista e predita. Os profetas que viveram séculos antes da era de Cristo, predisseram o grande acontecimento, como também o fêz o próprio Salvador e os apóstolos que continuaram a obra do ministério após Sua ressurreição e ascenção. Investigaremos o cumprimento dessas predições.

2. A evidência de que houve a apostasia como foi predita é encontrada nas escrituras sagradas e nos registros de outras histórias. Deduz-se claramente de certas revelações dos apóstolos dos primeiros tempos, que o grande "afastamento" havia começado mesmo enquanto aquêles apóstolos estavam vivos. A pregação de falsas doutrinas e o aparecimento de mestres não autorizados foram mencionados como realmente existentes na Igreja e não como acontecimentos de futuro distante. (ver Nota 1, no fim do capítulo).

3. Apenas a semente do evangelho tinha sido arraigada ao solo, veio o inimigo e, à noite, espalhava o jôio entre o trigo; e tão ìntimamente cresceram os dois que qualquer tentativa para arrancar o jôio teria ameaçado a vida do trigo. (Estude a parábola do jôio e do trigo em Mateus 13:24-30. Ver nota 2 no fim do capítulo).

4. Paulo reconheceu o fato de que o povo entre o qual êle trabalhava estava perdendo a fé que tinha professado, e se tornando vítima da enganosa orientação de falsos mestres. Em cartas às Igrejas da Galácia, êle escreveu: "Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para

outro evangelho: o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transformar o evangelho de Cristo". E então, salientando o pecado daqueles que assim procuravam "perverter o evangelho de Cristo", êle continuou: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vô-lo dissemos, agora de novo também vô-lo digo: Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema". (Aos Gálatas 1:6-9; ler o capítulo inteiro. Ver nota 3, no fim do capítulo).

1. O contexto das passagens citadas mostra a natureza do êrro em que "as igrejas da Galácia" estiveram em perigo de cair. Haviam estado em disputa para saber se estavam ligadas entre si por certos requisitos da lei de Moisés, principalmente no que diz respeito à circuncisão. O apóstolo lhes instrui que o evangelho de Cristo era superior à lei; e que, além disso, êles tinham sido inconsistentes em batalhar por um item da lei, negligenciando o resto. Temos aqui a indicação do esfôrço persistente daqueles que se uniram à Igreja, para modificar e alterar os simples mandamentos do evangelho, introduzindo os elementos do Judaismo. Deve ser lembrado que mesmo entre os apóstolos existia alguma divergência de opinião quanto à necessidade da circuncisão; mas isto tinha sido estabelecido pelos devotados esforços em saber a vontade do Senhor nesse sentido; e aquêles que procuravam fomentar dissenções sôbre esta ou outra matéria de doutrina autorizada, eram declarados inimigos da Igreja, procurando "perverter o evangelho de Cristo".

6. Nesta segunda epístola para a "igreja dos Tessalonicenses", Paulo declara que o espírito de iniquidade já estava operando. Após predizer o erguimento da Igreja apóstata, com suas blasfemas assunções de poder,

como condição antecedente à segunda vinda de Cristo, o apóstolo continuou: "Porque já o ministério da injustiça opera; sòmente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; e então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assôpro de sua bôca, e o aniquilará pelo esplendor da sua vinda" (II Tessalonicenses 2:7,8).

7. A expressão aparentemente obscura "há um que agora resiste" pode ser prontamente compreendida como uma declaração de que o espírito de iniquidade já era ativo embora tivesse sido combatido ou resistido num certo tempo; e que mais tarde mesmo essa resistência seria removida e o espírito maléfico assumiria o poder. Na versão revisada do Novo Testamento, essa passagem é apresentada assim: "A injustiça já opera, sòmente há um que agora resiste, até que do meio seja tirado".

8. O que ou quem é mencionado como resistência sôbre as fôrças da iniquidade naquele tempo, tem dado motivo a argumentos. Alguns escritores dizem que a presença dos apóstolos operava nesse sentido, enquanto outros acreditavam que a fôrça e resistência do govêrno romano é que assim agia. É sabido que a política romana era a descontinuação das contendas religiosas, permitindo uma grande liberdade nas formas de adoração, conquanto os deuses de Roma não fôssem difamados nem seus sacrários desonrados. Enquanto a supremacia Romana declinava "o mistério da iniquidade" se associava à igreja apóstata e operava pràticamente sem resistência.

9. A expressão "mistério da iniquidade" como foi usada por Paulo é significativa (ver nota 1 no fim do capítulo). Proeminentes entre os primeiros pervertedores da fé Cristã, estavam aquêles que atacavam violentamente sua simplicidade e sua destituição de exclu-

sividade. Essa simplicidade era tão diferente dos mistérios do judaismo e dos misteriosos ritos pagãos que chegava a ser um desapontamento para muitos; e as primeiras alterações na forma de adoração Cristã foram marcadas pela introdução de cerimônias místicas.

10. O zêlo de Paulo como missionário e como proselista é visto abundantemente na escritura; êle era igualmente zeloso em procurar manter a fé daqueles que tinham aceito a verdade. As epístolas Paulinas abundavam em admoestações e súplicas contra a influência crescente de falsas doutrinas e em expressões de sentimento pelo aumento da apostasia na Igreja. Suas palavras dirigidas a Timóteo são tão enfáticas quanto poéticas: "Conserva o modêlo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós. Bem sabes isto, *que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim"* (II Tim. 1:13-15; inclusive o itálico; compare 4:10-16).

11. Orson Pratt, um dos apóstolos dos últimos dias, fêz um excelente sumário de importantes divulgações do apóstolo Paulo com relação ao início da apostasia como um fato verificado no início da era apostólica. Êle expõe o seguinte: "A grande apostasia da Igreja Cristã teve início no século primeiro, quando ainda havia em seu meio profetas e apóstolos inspirados; em consequência, Paulo, pouco antes de seu martírio, enumera muitos que haviam feito "naufrágio da fé", e "se entregaram a vãs contendas" ensinando que "a ressurreição era já feita", dando-se "a fábulas ou a genealogias intermináveis", "delira acêrca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas. Contendas de homens corruptos de entendimento privado da verdade, cuidando

que a piedade seja causa de ganho". Esta apostasia tornou-se tão geral que Paulo declara a Timóteo "que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim"; e diz ainda, "ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes todos me desampararam". Êle diz ainda que "há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, ensinando o que não convém, por torpe ganância". Êstes apóstatas, sem dúvida, fingiam ser muito direitos pois, diz o apóstolo, "confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para tôda a boa obra".

12. Judas admoestou os santos para estarem alertas contra os homens que estavam a serviço de Satanás procurando corromper a Igreja. Dirigindo-se "a êles que são santificados por Deus, o Pai; e preservados em Jesus Cristo',' êle disse: "Tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para êste mesmo juizo, homens ímpios que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, o único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo. (Judas 3, 4. Ver nota 5 no fim do capítulo). Está claro que Judas considerou em perigo "a fé que uma vez foi dada aos santos" e exorta os fiéis a batalharem por ela e defendê-la abertamente. Recorda aos santos o que lhes foi dito que "no último tempo haveria escarnecedores que andariam segundo as suas ímpias conscupiscência" e acrescenta: "São êstes os que causaram divisões, sensuais, que não têm o Espírito" (Vers. 18, 19). Refere-se claramente aos apóstatas de tal época, que, por causa de seus apetites sensuais e desejos sexuais, se separaram da Igreja.

13. Durante o exílio de João, o Revelador, na Ilha de Patmos, quando quase todos os apóstolos tinham sido tirados da terra, tendo sido muitos dêles martirizados, a

apostasia estava tão disseminada que sòmente sete "igrejas", ou melhor, ramos da Igreja, permaneceram em condição de serem consideradas merecedoras da comunicação especial que João foi instruído a dar. Numa maravilhosa visão êle viu as sete Igrejas representadas por sete castiçais dourados, com sete estrêlas representando os oficiais presidentes das várias Igrejas; e no meio dos castiçais dourados, com as estrêlas em sua mão, estava "um semelhante ao Filho do Homem".

14. A igreja em Éfeso foi aprovada pelos seus bons serviços, especialmente pela sua rejeição às heresias Nicolaitas, não obstante ter sido admoestada por sua desafeição e negligência, assim: "Deixastes a tua primeira caridade. Lembra-te pois d'onde caíste e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar, se não te arrependeres" (Apo. 2:4,5).

15. À Igreja em Pergamo, João foi ordenado a escrever denunciando as falsas doutrinas de certas seitas e mestres "o que me aborrece", disse o Senhor (ver versículos 12-16). A igreja dos Laodiceanos foi denunciada como "nem quente nem fria" e conquanto se orgulhasse de sua riqueza, não tendo necessidade de nada, era em verdade "desgraçada, miserável e pobre e cega e má" (Apoc. 3, ver versículos 14-21).

16. As passagens anteriores são amplas em provar que mesmo antes dos antigos apóstolos terem terminado o seu ministério terrestre, a apostasia estava aumentando ràpidamente. O testemunho dos primeiros "Padres Cristãos" que escreveram no período imediatamente em seguida à passagem dos apóstolos, tem o mesmo efeito. De acôrdo com a cronologia geralmente aceita, a mensagem profética de João, o Revelador às Igrejas da Àsia, foi dada nos últimos anos do primeiro

século (Provàvelmente cêrca do ano 96 A.C.; ver a *Oxford Bible, margem*).

17. Entre os historiadores daquele período cujos escritos não são considerados como canônicos ou da escritura, mas que não obstante são aceitos como genuinos e certos, estava Hogesipo, que "floresceu por volta dos dias dos Apóstolos". Escrevendo sôbre as condições que assinalaram o término do primeiro século e comêço do segundo, Eusébio cita o testemunho de escritores anteriores, como segue: — "O mesmo autor (Eusébio) relatando os acontecimentos dos tempos, também diz que a Igreja continuou até então como uma virgem pura e incorrupta; mas se existiam alguns que tentassem perverter a verdadeira doutrina do evangelho salvador, ainda estavam ocultos em retiros obscuros; mas quando o côro sagrado dos apóstolos foi extinto, e a geração daqueles que tinham sido privilegiados em ouvir as suas inspiradas sabedorias tinha passado, então também as combinações dos êrros ímpios se avolumaram pela fraude e enganos de falsos mestres. Êstes também, já que nenhum apóstolo foi deixado, tentaram então, sem pêjo, pregar suas falsas doutrinas contra o evangelho da verdade. Esta é a declaração de Hogesipo" (Eusébio, *"Ecclesiastical History"*, Livro III, cap. 32).

18. Pode haver uma pequena dúvida de que os falsos mestres referidos no testemunho citado, fôssem adidos professos da Igreja, e não oponentes exteriores, uma vez que êles eram restringidos pela influência e autoridade dos apóstolos, e esperavam a morte dos líderes autorizados como uma oportunidade para corromperem a Igreja com ensinamentos malígnos.

19. Um escritor posterior, comentando as divisões e dissenções pelas quais a Igreja passou na última parte do primeiro século — período imediatamente posterior

ao do ministério apostólico, diz: "Será fàcilmente imaginado que a unidade e a paz não podiam reinar por muito tempo na Igreja, uma vez que ela era composta de judeus e gentios que nutriam um pelo outro a mais amarga aversão. Além disso, como os conversos ao Cristianismo não pudessem extirpar radicalmente os preconceitos que tinham sido formados em suas mentes por educação, e confirmados pelo tempo, trouxeram consigo, para o seio da igreja, alguns dos êrros de suas religiões anteriores. Assim as sementes da discórdia e controvérsias foram fàcilmente espalhadas, e não podiam deixar de se transformar em animosidades e dissenções, que resultariam na divisão da Igreja" (Mosheim, *"Ecclesiastical History,* século I, parte II, cap. 3:11. Ver Nota 4, no fim do capítulo).

20. Um outro escritor de reconhecida autoridade em história eclesiástica, Joseph Milner, autor de uma completa *"History of the Church of Christ"*, tinha como objetivo apresentar a verdade com respeito à Igreja em seu prisma mais favorável. Êle se refere ao estado da Igreja no fim do século primeiro, da maneira como segue: "Tenhamos em vista aquilo que (o espírito do evangelho) realmente é. A simples fé em Cristo como o único Salvador dos pecadores perdidos, e as eficientes influências do Espírito Santo no restabelecimento de almas na totalidade corrompidas pelo pecado, são condutas ideais. Quando ocorreu a efusão do Espírito Santo, estas coisas eram ensinadas como poder; e nenhum sentimento que militasse contra elas podia ser sustentado por um momento sequer. Assim, através da prevalência da corrupção humana e das intrigas de Satanás, o amor à verdade foi diminuindo, aparecendo as heresias e vários abusos contra o evangelho. Estimando-os, pode-se formar alguma idéia do decréscimo da verdadeira religião com respeito ao fim do (primeiro) século". O mesmo escritor continua: "Entretanto, uma

nuvem negra pairava sôbre a fase final do primeiro século. A primeira impressão feita pela efusão do Espírito, é geralmente a mais forte e a mais decisivamente destituída do espírito do mundo. Mas a corrupção humana, oprimida durante algum tempo, levanta-se novamente, especialmente na geração seguinte. Como consequência vieram as desordens, as divisões e as heresias. Sua tendência é destruir a obra pura de Deus" (Milner, "*Church History*", Século I, cap. 15.

21. A finalidade dêsse capítulo foi demonstrar a primeira fase da apostasia, prestes a se tornar geral, e mais tarde universal. As causas específicas que contribuiram para a degradação da Igreja são reservadas para futuras considerações.

*O Crescimento da Apostasia no Hemisfério Ocidental*

22. Vejamos agora qual era a condição da Igreja estabelecida pelo Senhor Ressuscitado entre os descendentes de Lehi, no Continente Americano. Neste emprendimento não nos restringiremos sòmente ao comêço do desmembramento. Uma vez que o curso da apostasia entre os nefitas foi tão rápido, e o período intermediário entre o estabelecimento da Igreja e a destruição da nação, tão breve, consideraremos a história da Igreja no seu final, e assim tornaremos clara a necessi dade de voltar ao assunto em capítulos posteriores. Sabemos que a Igreja tinha prosperado até cêrca do ano 200 A.D. Então a apostasia se tornou geral, como evidencia a nota que segue:

23. "E agora, neste ano duzentos e um, começou a haver entre êles alguns que se tornaram orgulhosos e começaram a dividir-se em classes; e começaram a levantar igrejas por conta própria para obter lucros e começaram a renegar a verdadeira Igreja de Cristo. E aconteceu que, quando duzentos e dez anos haviam passado, muitas igrejas havia no país; sim, havia muitas

igrejas que professavam conhecer o Cristo, negando, não obstante, a maior parte do Seu evangelho, de modo que toleravam tôda sorte de iniquidades, administrando o que era sagrado aos que isso fôra proibido em virtude da sua indignidade. E esta igreja se multiplicou excessivamente, em virtude da iniquidade e em virtude do poder de Satanás que ganhou terreno nos seus corações. E mais, havia uma outra igreja que negava Cristo; e perseguia a verdadeira igreja de Cristo em virtude da humanidade dos seus adeptos e da crença dêstes em Cristo, e odiava-os por causa dos muitos milagres que eram feitos entre êles". (IV Nefi 1:24-29; ler o capítulo inteiro).

24. O relato do Livro de Mormon, é conclusivo em suas especificações das razões imediatas ou causas da grande apostasia no hemisfério ocidental. Enquanto os membros da Igreja permaneceram fiéis a seus convênios e obrigações, êles como indivíduos e a Igreja como organização, prosperaram; e seus inimigos não prevaleciam contra êles. Com a prosperidade, contudo, veio o orgulho e as distinções de classes, o rico dominando o pobre e o ganho terreno tornou-se o objeto da vida. (ver IV Nefi 1:2-7 e compare com os versículos 25, 26). As organizações secretas de intentos malígnos floresceram (versículo 42), o povo se dividiu em duas facções opostas, sendo conhecidos como Nefitas aquêles que ainda professavam a crença em Cristo e como Lamanitas os seus inimigos, sem levar em conta a real descendência ou relação familiar. Com o crescimento do orgulho e seus consequentes pecados, os Nefitas se tornaram tão maus quanto os Lamanitas não professos (vers. 45) e em sua maldade êstes povos procuravam a destruição mútua. Consideremos o Patos e a horrível tragédia expressa nas palavras de Moroni, o sobrevivente solitário de uma nação poderosa, uma vez abençoada:

25. "Eis que já se passaram quatrocentos anos depois da vinda do Nosso Senhor e Salvador. E eis que os Lamanitas perseguiram meu povo, os Nefitas, descendo de cidade em cidade, de lugar em lugar, até não restar mais nenhum; e grande foi a sua queda, sim, grande e pasmosa foi a destruição de meu povo, os Nefitas. E eis que foi a mão do Senhor que isso fêz. E eis que também os Lamanitas se acham em guerra uns contra os outros; e tôda a superfície dêste país apresenta uma contínua cena de assassínios e derramamento de sangue; e ninguém sabe quando será o fim da guerra: E agora eis que nada mais digo a respeito de meu povo, pois êle não existe mais, restando tão sòmente os Lamanitas e os bandidos sôbre tôda a superfície do país. E não há mais ninguém que conheça o verdadeiro Deus, salvo os discípulos de Jesus (ver III Nefi 28:1-7) que permaneceram no país até que a perversidade do povo se tornou tão grande que o Senhor não mais permitiu que êles permanecessem com o povo e se êles estão ainda sôbre a superfície da terra, ninguém o sabe" (Mormon 8:6-10).

## NOTAS

1. *Reconhecida a apostasia na era apostólica* — O fato do comêço da apostasia é geralmente reconhecido pelos teólogos e autoridades em interpretações Bíblicas. O comentário de Clarke sôbre a declaração de Paulo a respeito do "mistério da injustiça" em operação (ver II Thess. 2:7) é o seguinte:

"*Porque o mistério da injustiça já opera*: existe um sistema de doutrina corrupta que conduzirá *à apostasia geral*, já em existência; mas *é um mistério; ainda está oculto;* não se atreve a se mostrar por causa daquilo que restringe ou resiste. Mas quando aquilo que agora resiste for retirado do caminho, então aquêle sistema maligno se revelará; e então se manifestará quem quer que seja ou o que quer que seja".

2. *Primeiras dissenções da Igreja* — Como exemplos dos desentendimentos e diferenças que prejudicavam e perturbam a Igreja nos dias apostólicos, Mosheim diz: "A primeira destas

controvérsias que tomou vulto na Igreja de Antióquia, considerava a necessidade da observação da lei de Moisés e sua luta é mencionada por São Lucas em Atos dos Apóstolos (cap. 5). Esta controvérsia foi seguida por muitas outras, quer com os judeus que estavam violentamente ligados à adoração de seus ancestrais, quer com os votários de uma espécie selvagem e fanática de filosofia, ou com os que interpretando errôneamente o verdadeiro gênio da religião Cristã, abusavam dela monstruosamente, até ao encorajamento de seus vícios, e sua indulgência dos apetites e paixões. Paulo e outros apóstolos mencionaram essas controvérsias em várias partes de seus escritos, mas com tal brevidade que é difícil neste lapso de tempo chegar-se ao verdadeiro estado da questão nessas várias disputas. A mais pesada e importante dessas controvérsias era a que certos doutores judeus levantaram em Roma e em outras Igrejas Cristãs com respeito aos meios de justificação e aceitação com Deus, e o método de salvação indicado na palavra de Deus. Os apóstolos, onde quer que exercessem seu ministério, declaravam delusórias tôdas as esperanças de aceitação e salvação com exceção daquelas que eram fundadas em Jesus, o Redentor, e em Seus méritos; enquanto os doutores judeus afirmavam que as obras da lei eram a causa verdadeira e eficiente da salvação e felicidade eterna da alma. Êste último sentimento não só conduziu a muitos outros erros extremamente prejudiciais ao cristianismo, como também foi prejudicial à glória do divino Salvador" (Mosheim, *Eccl. History*, século I, parte II, 11, 2).

3. *Escritos não autorizados na idade apostólica.* — A referência de Paulo a "um outro evangelho" na epístola aos Gálatas (1:6) sugere ao Dr. Adam Clarke o seguinte comentário sôbre a passagem:

*Um outro evangelho*: É certo que nas próprias idades mais antigas da Igreja Cristã, existiam vários falsos evangelhos em circulação; e era a multidão destas falsas ou inacuradas relações que induziram Lucas a escrever o seu próprio evangelho (ver Lucas 1:1). Temos os nomes de mais de setenta destas narrativas ainda em registro e nos escritos antigos muitos de seus fragmentos permanecem; êsses foram coligidos e publicados por Fabricio em suas descrições dos livros apócrifos do Novo Testamento (3 vol. 8 vo.). Em alguns dêstes evangelhos a necessidade da circuncisão e sujeição à Lei Mosaica, em unidade com o evangelho, era fortemente inculcada. (*Bible Commentary*, de Clarke).

4. *Algumas autoridades em história eclesiástica.* — Entre as autoridades citadas no texto estão as nomeadas abaixo. Uma breve nota de cada uma pode ser de interêsse.

*Eusébio*: Eusébio Pamphilo, bispo de Cesaréia, na Palestina. Viveu por volta de 260 a 339 A.D., apesar de ser incerta a data exata de sua morte. Foi testemunha ocular e participante de alguns incidentes dolorosos na perseguição pagã aos Cristãos e foi cognominado o "Pai da História da Igreja". Foi o autor de vários livros e entre êles havia um dos mais antigos sôbre a "História Eclesiástica". As citações desta obra por Eusébio, como foram apresentadas no texto, são da versão traduzida do Grego por C. F. Cruse.

*Mosheim* — Dr. J. L. von Mosheim, reitor da Universidade de Gottingen, escritor alemão, notável pelas suas contribuições à história da Igreja. É o autor de um exaustivo trabalho sôbre a *Ecclesiastical History* (6 vols.) datado de 1755. Os excertos da *Ecclesiastical History* de Mosheim apresentados no texto são tomados da versão traduzida ao inglês pelo Dr. Archibald Maclaine e datam de 1764.

*Milner,* Rev. Joseph Milner. Autoridade inglesa em história da Igreja e autor de uma compreensiva *History of the Church of Crist* (5 vols.) da qual os excertos do texto foram tirados.

5. *Comentários da passagem em Judas.* — A passagem citada no texto: "Porque se introduziram alguns, *que já antes estavam escritos por êste mesmo juízo,* homens ímpios etc." (Judas 4) deu motivo à discussão, sendo a questão para saber se a origem da pré-nomeação ou prévia ordenação está aqui envolvida. Uma leitura casual e ligeira da passagem pode sugerir que os "homens ímpios" referidos tinham sido indicados ou "ordenados para semear a discórdia e dissenção na Igreja". Um estudo cuidadoso dessa passagem mostra que tal dedução não é justificada. As "homens ímpios que já antes estavam escritos para êste mesmo juízo" eram homens que já tinham prèviamente sido denunciados, proscritos e condenados pelas próprias heresias que agora estavam tentando perpetuar na Igreja, tendo se introduzido desapercebidamente ou, em outras palavras, se tornaram membros da Igreja por falsa ostentação e profissão, estando aptos em vista de serem membros, a espalhar seus falsos ensinamentos com mais eficiência. O Dr. Adam Clarke, em seu *Bible Commentary* trata assim a passagem sob consideração:

*"Porque se introduziram alguns"* — Êles penetraram na Igreja sob falsas pretenções e, uma vez lá, começaram a *semear* suas más sementes.

*"Que já antes estavam escritos"* — Tal como foram antes proscritos e condenados da maneira mais pública; êste é o significado da palavra (original) neste lugar, e existem muitos exemplos dêste seu uso nos escritores gregos.

*"Para êste mesmo juizo"* — Para uma punição similar àquela prestes a ser mencionada.

Nos escritos sagrados tôdas estas pessoas, as falsas doutrinas e as práticas impuras têm sido proscritas e condenadas abertamente, e o apóstolo imediatamente apresenta vários exemplos, como os desobedientes Israelitas, os anjos infiéis e os habitantes impuros de Sodoma e Gomorra. Isto é mais claramente o que o apóstolo quer dizer, e é tão ridículo quanto absurdo, examinar tais palavras para um decreto de reprobação, etc., estando tal doutrina tão longe da mente do apóstolo quanto o está da mente dêle em cujo nome êle escreveu" (Clarke, *Bible Commentary,* Jude).

Na versão revisada do Novo Testamento a passagem é apresentada assim: "Tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Porque se introduziram alguns, antes enviados a êste juizo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, negando nosso único Mestre e Senhor, Jesus Cristo.

## Capítulo IV

### *Causas da Apostasia — Consideradas as causas exteriores*

1. Vamos agora considerar algumas das causas principais que contribuiram para a apostasia da Igreja Primitiva e que ocasionaram mais tarde a apostasia da Igreja como uma instituição terrena; e estudaremos a maneira como essas causas operaram.

2. Nas passagens antes citadas como prova do comêço da apostasia, muitas das causas que contribuiram são indicadas, tais como o aparecimento de falsos mestres, a disseminação de doutrinas heréticas e o crescimento do poder de Satanás, em geral. Estas causas, originadas dentro da própria Igreja, podem ser classificadas como internas. Em contraste com estas, haviam outras condições exteriores que agiam sôbre a Igreja. A estas podemos classificar como causas externas. Para conveniência do estudo, consideraremos o assunto na seguinte ordem: 1) causas externas; 2) causas internas.

### *Causas Externas da Grande Apostasia*

3. As condições externas que operavam contra a Igreja, tendentes a restringir o seu desenvolvimento e a contribuir para o seu declínio podem ser, de modo geral, designadas pelo têrmo *perseguição.* É fato histórico, inegável e indiscutível, que desde a ocasião de sua fundação até a sua real cessação, a Igreja estabelecida por Jesus Cristo, foi objeto de amarga perseguição e vítima de violência. A questão quanto a se a perseguição deve ser considerada como elemento que contribuiu para provocar a apostasia é digna de consi-

deração. A oposição nem sempre é destrutiva. Pelo contrário, pode até contribuir para o desenvolvimento. A perseguição pode conduzir a um maior zêlo e assim provar ser um fator poderoso de adiantamento. Um provérbio declara que "o sangue dos mártires é a semente da Igreja". Mas os provérbios e adágios, os aforismos e as parábolas, conquantos verídicos na generalidade, nem sempre são aplicáveis a condições especiais.

4. Indubitàvelmente as perseguições persistentes às quais a Igreja primitiva estava sujeita, causavam muitas deserções de seus adeptos que renunciavam à fé que tinham abraçado e retornavam à sua primitiva devoção, quer do judaismo quer pagã. O número de membros da Igreja estava assim diminuído; mas tais exemplos da apostasia dos adeptos, podem ser considerados como deserções individuais e de comparativamente pequena importância em seu efeito sôbre a Igreja como um corpo. Os perigos que alarmavam a uns, excitavam a determinação de outros; as alas dos fracos e descontentes que desertavam, eram reintegradas por zelosos conversos. Devemos frisar ainda que a apostasia dos fiéis foi insignificante em comparação com a apostasia da Igreja como instituição. A perseguição, como uma causa da apostasia, operou indiretamente mas não menos eficientemente sôbre a Igreja de Cristo (ver nota 1 e 2 no fim do capítulo).

5. Consideramos superficialmente o testemunho dos primeiros historiadores da Igreja, mostrando que as dissenções, contendas e perversões da doutrina invadiram a Igreja imediatamente após a morte dos apóstolos; vemos como os lôbos esperavam a saída dos pastôres para que pudessem com mais eficiência ameaçar o rebanho. Não se pode negar que as primeiras perseguições eram dirigidas especialmente contra os líderes do povo; as mais afiadas armas eram dirigidas contra

os oficiais da Igreja. Nessa violenta batalha entre o Cristianismo e seus inimigos aliados o judaismo e o paganismo — os homens fortes que representavam Cristo foram os primeiros a tombar. E, com a sua queda, os traidores de dentro da Igreja, os ímpios e os rebeldes, aquêles que se introduziram ocultamente e cujo intento sinistro era perverter o evangelho de Cristo, estavam livres da resistência e se achavam à vontade para propagar suas heresias e minar as fundações da Igreja. A perseguição, que operava fora, e que era portanto uma causa essencialmente externa, servia para pôr em movimento o maquinismo da destruição dentro da Igreja e portanto deve ser considerada como um elemento contribuinte para a grande apostasia.

6. Uma outra intenção da introdução aqui de um ligeiro sumário das perseguições de que a Igreja primitiva foi vítima, é a de fornecer uma base para comparação imediata entre tais perseguições e as sustentadas pela própria Igreja apóstata séculos mais tarde. Verificaremos que os sofrimentos da Igreja nos dias de sua integridade são superados pelas crueldades infringidas, perpretadas em nome de Cristo. Mas um estudo das primeiras perseguições nos capacita a contrastar as condições de oposição e pobreza com as de facilidade e afluência como afetantes da integridade da Igreja e devoção de seus adeptos.

7. A perseguição a que a Igreja Primitiva estava sujeita, era dupla — a do judaismo e a do paganismo. Deve-se lembrar que os judeus eram distintos de tôdas as outras nações da antiguidade pela sua crença na existência de um Deus vivente. O resto do mundo antes e na era de Cristo era idólatra e pagão, declaradamente crente numa multidão de deidades, sem reconhecer, contudo, um Ser supremo, como personagem vivente. Os judeus eram ferrenhos em sua oposição ao cristia-

nismo que consideravam como religião rival à sua; e ainda mais, reconheciam o fato de que se o Cristianismo viesse a ser em geral aceito como a verdade, sua nação seria sempre condenada por ter morto o Messias.

### *Perseguição Judaísta*

(Ver Nota 3, no fim do capítulo)

8. A oposição ao Cristianismo por parte daqueles que pertenciam à Casa de Israel, era mais Judaísta que dos judeus. O conflito era entre os sitemas e não entre povos e nações. Cristo era judeu; seus apóstolos eram judeus, e os discípulos que constituíam o corpo da Igreja no seu estabelecimento durante os primeiros anos de sua existência eram, em sua maioria, judeus. As instruções de nosso Senhor aos doze apóstolos escolhidos em sua primeira peregrinação missionária restringia seu ministério à casa de Israel, (ver Mat. 10:5,6) e quando a época era própria para extender os privilégios do evangelho aos gentios, foi necessária uma manifestação miraculosa para convencer os apóstolos de que tal extensão era justa. (Ver Atos, capítulos 10 e 11). A Igreja foi a princípio e durante muito tempo principalmente constituída de membros judeus. O judaismo, sistema religioso baseado na lei de Moisés, era o grande inimigo do cristianismo. Quando pois, lemos dos judeus em oposição à Igreja, sabemos que se trata dos judeus sectários — defensores do judaismo como um sistema e seguidores da lei e inimigos do evangelho. Com esta explicação da diferença entre os judeus como um povo e do judaismo como um sistema, podemos empregar os têrmos "judeu" e "judáico" de acôrdo com o seu uso comum, tendo em mente, contudo a verdadeira significação dos têrmos.

9. A oposição do Judaismo à Igreja foi predita. Enquanto Jesus ministrou em carne, Êle advertiu específica e repetidamente aos apóstolos sôbre as perseguições que iriam encontrar. Respondendo a certas perguntas, Cristo disse a Pedro e outros: "Mas olhai por vós mesmos, porque vos entregarão aos concílios e às sinagogas; sereis açoitados, e sereis apresentados ante presidentes e reis, por amor de mim, para lhes servir de testemunho" (Mar. 13:9; compare Mat. 10:16-18; 24:9-13; Lucas 21:12).

10. Pouco antes de ser traído, o Senhor repetiu a advertência solenemente, citando as perseguições a que Êle tinha sido sujeito e declarando que seus discípulos não podiam escapar: "Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece. Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também a vós perseguirão" (João 15:18-20).

11. O extremo da depravação no qual os fanáticos perseguidores cairiam é apresentado nestas outras palavras do Salvador: Espulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço de Deus. E isto vos farão porque não conheceram ao Pai nem a mim". (João 16:2,3; compare 9:22 e 12:42).

12. Estas predições tiveram rápido e literal cumprimento. Na época da crucificação, a malignidade e o ódio do Judaismo eram dirigidos contra todos os que professavam crença na divindade de Jesus Cristo. Nas primeiras fases de seu ministério, vários dos apóstolos foram aprisionados (Atos 5:18; compare 4:3) e os líderes sacerdotais procuraram tirar suas vidas (Ver

Atos 5:33). Estevão foi apedrejado até a morte, por causa de seu testemunho (ver Atos 6:8-15, 7:54-60) e a perseguição contra a Igreja tornou-se geral (ver Atos 8:1). Tiago, o filho de Zebedeu, foi morto por ordem de Herodes, (Atos 12:1,2) e Pedro foi salvo de semelhante destino, sòmente por uma intervenção miraculosa (versículos 3-10). Os registros da escritura nos informam quanto ao destino final de apenas alguns dos apóstolos; e a história secular é também incompleta a êsse respeito. O Senhor ressuscitado cientificou que Pedro seria contado entre os mártires (ver João 21:18,19). Paulo promulgou o fato de que os apóstolos viviam na própria sombra da morte (I Cor. 4:9) e que a perseguição era a sua herança. (versículos 11,13; ver também II Cor. 4:8,9; 6:4,5).

13. Os judeus não só empreendiam perseguição cerrada contra aquêles que dentre êles professavam crença em Cristo, como também excitavam a oposição por parte dos Romanos e, para conseguir seu intento, alegavam que os Cristãos conspiravam contra o govêrno Romano. Mesmo durante o ministério pessoal dos primeiros apóstolos, a perseguição dos Santos tinha-se espalhado de Jerusalém, através da Palestina e pelas províncias adjacentes. Nessa obra do mal os Judeus procuravam incitar seu próprio povo que vivia longe dos centros e também provocavam a oposição dos oficiais e governadores dos domínios romanos. Como evidência desta fase da perseguição, em parte do Judaismo e em parte pagã, instigada pelos judeus e com a participação de outros, é suficiente esta citação de Mosheim que se segue:

14. "Os judeus que viviam fora da Palestina, nas províncias Romanas, não ficavam nada devendo aos que viviam em Jerusalém, em crueldade para com os inocentes discípulos de Cristo. Pela história dos Atos

dos Apóstolos e outros registros de autoridade inquestionável, ficamos sabendo que êles não poupavam esforços, mas aproveitavam-se zelosamente de tôda oportunidade na instigação dos magistrados contra os cristãos, e orientavam o povo para exigir a sua destruição. O sumo sacerdote da nação e os judeus que habitavam na Palestina eram os instrumentos de incitação da fúria dos judeus estrangeiros contra a Igreja infante, enviando seus mensageiros para exortá-los, não só para evitar tôda a transação com os Cristãos, mas também para persegui-los da maneira mais veemente. Para essa ordem desumana procuravam encontrar os mais plausíveis pretextos e assim pregavam que os Cristãos eram inimigos do imperador romano, uma vez que reconheciam a autoridade de uma certa pessoa cujo nome era Jesus, a quem Pilatos puniu com a morte como malfeitor, por uma justa sentença, e a quem, não obstante, êles conferiam a dignidade real" (Mosheim *"Ecclesiastical History"*, Sec. I part. I, 5:2).

15. Na última metade do primeiro século, a cena de perseguição Judaísta à Igreja tinha-se movimentado de Jerusalém para as províncias de fora; e a causa disso foi o êxodo geral dos Cristãos da cidade cuja destruição tinha sido decretada. (Ver nota 4, no fim do capítulo). As predições do Senhor quanto ao destino de Jerusalém e suas advertências ao povo (ver Lucas 21:5-9, 20-24) tinham se cumprido em geral. Eusébio (Eusébio *"Eccl. History"*, Livro III cap. 5) nos informa que o corpo da Igreja tinha-se transferido de Jerusalém para as províncias além do Jordão, e assim uma grande maioria tinha escapado das calamiddes dos judeus que ficaram.

## NOTAS

1. *Perseguições em Diferentes Dispensações* — Deve-se convir que, a julgar pela história da Igreja restabelecida na

presente dispensação, a perseguição tende mais a fortalecer a Igreja do que a enfraquecê-la e que assim sendo a oposição violenta nos primeiros tempos não pode ser considerada como uma causa verdadeira que a conduziu ao desmembramento final. Em resposta, pode-se dizer que a presente é a dispensação da plenitude dos tempos — um período no qual a Igreja triunfará, e durante o qual as fôrças do mal são limitadas e restringidas em sua oposição, enquanto o período da apostasia foi um período de vitória temporária de Satanás. Nossa crença no triunfo do bem sôbre o mal não nos deve cegar diante do fato de que ao mal é frequentemente permitido um sucesso de duração momentânea, e uma aparente vitória. A duração da Igreja dos Últimos Dias não foi menos seguramente predita do que o foi a duração temporária da Igreja Primitiva. A Satanás foi dado poder para subjugar os Santos nos primeiros dias e as perseguições que êle moveu contra êles e os oficiais da Igreja contribuiram para o seu sucesso passageiro. Foi decretado que êle não teria poder para destruir a Igreja na última dispensação, e sua perseguição aos Santos hoje será futil como meio de provocar uma apostasia geral nestes últimos tempos.

2. *A perseguição como causa possível da apostasia* — "Minha classificação daquelas perseguições como um dos meios pelos quais a Igreja foi destruida, não deve constituir surpresa. A fôrça do ódio pagão era dirigida contra os líderes e homens poderosos do corpo religioso; e sendo contínuo e de crueldade sem tréguas, aquêles mais firmes em sua adesão à Igreja se tornavam invariàvelmente suas vítimas. Estando êstes abatidos, restariam apenas os fracos para batalhar pela fé, tornando assim possíveis as subsequentes inovações na religião de Jesus o que demandava o sentimento público pagão, e que tão completamente alteraram tanto o espírito como a forma da religião cristã, que a subverteram totalmente. Recomendo ainda que ninguém se surpreenda que a violência seja permitida em tal caso. A idéia de que o direito sai sempre vitorioso neste mundo, que a verdade sempre triunfa e que a inocência é sempre protegida divinamente, são antigas fábulas populares com as quais os bem intencionados têm entretido multidões incrédulas; mas os fatos rígidos da história e a experiência real na vida, corrigem a agradável ilusão. Não me entendam mal. Creio na vitória final do direito, no triunfo final da verdade, na imunidade final da inocência contra a violência. Estas — a inocência, a verdade, e o direito — serão no final mais que conquistadores; terão sucesso na guerra, mas isso não evita que percam algumas batalhas. Deve sempre

ser lembrado que Deus deu ao homem o livre arbítrio; e que o fato implica que um homem é tão livre para agir maldosamente como um outro para agir com justiça. Caim foi tão livre para matar seu irmão quanto seu irmão o foi para adorar a Deus; e assim os pagãos e judeus foram tão livres para perseguir e matar os Cristãos, quanto os Cristãos o foram para viver virtuosamente e adorar a Cristo como Deus. O livre arbítrio do homem não dignificaria o nome se não concedesse liberdade ao mau para encher a taça de sua iniquidade, assim como liberdade ao virtuoso, para satisfazer a medida de sua retidão. Essa tão perfeita liberdade ou livre arbítrio, Deus a deu ao homem. E só é modificada variadamente para não desvirtuar seus intentos gerais (B. H. Roberts, *A New Witness for God*, pp. 47, 48).

3. *Primeiras perseguições dos Judeus* — A inocência e a virtude que distinguiam tão eminentemente a vida dos servos de Cristo, os apóstolos, e a pureza da doutrina que ensinavam, não eram suficientes para defendê-la contra a virulência e malignidade dos judeus. Os sacerdotes e os governadores daquele povo abandonado não só cumularam de injúrias e reprovações os apóstolos de Jesus e seus discípulos, como condenaram à morte tantos dêles quanto puderam, e executavam seus decretos da maneira mais irregular e mais bárbara possível. O assassínio de Estevão, e de Tiago, filho de Zebedeu, e de Tiago, o Justo, bispo de Jerusalém, forneceram terríveis exemplos da verdade do que aqui adiantamos. A odiosa malignidade dos doutores judeus contra os proclamadores do evangelho, era indubitàvelmente devido a uma apreensão secreta de que o progresso do Cristianismo destruiria o crédito do judaismo e traria a ruina de suas pomposas cerimônias. No rodapé da citação precedente, apareceram as seguintes referências: O martírio de Estevão é relatado em Atos dos Apóstolos, 7:55; e o de Tiago, filho de Zebedeu, em Atos 12:12 e o de Tiago, o Justo, bispo de Jerusalém, é mencionado por Josepho em suas Antiguidades Judaicas, Livro XX, cap. 8 e por Eusébio em sua *Ecclesiastical History*, livro II, cap. 23. (Mosheim, *Eccl. History*, I parte parte I, 5:1).

4. *A Destruição de Jerusalém pelos Romanos* — Uma rebelião perturbadora entre os judeus foi a desculpa para um terrível castigo entre êles, pelos mestres Romanos, o qual ocasionaria a destruição total de Jerusalém, em 71 A.D. A cidade caiu após 6 meses de sítio ante as fôrças Romanas comandadas por Tito, filho do Imperador Vespasiano. Josepho o famoso historiador, a quem devemos mais do nosso conheci-

mento quanto aos detalhes da luta, estava residindo na Galiléia e foi levado à Roma entre os prisioneiros. Pelos seus registros aprendemos que um milhão de judeus perderam suas vidas pela fome durante o sítio; muitos outros foram vendidos como escravos, e números incontáveis foram forçados ao exílio. A cidade foi completamente destruída, e o lugar no qual o templo estivera, foi revolvido pelos Romanos a procura de tesouros. Assim, as palavras de Cristo foram cumpridas. "Não ficará aqui pedra sôbre pedra que não seja derribada. (Matheus 24:1,2; veja também Lucas 19:44). (O autor, *Regras de Fé,* Capítulo 17:18).

## Capítulo V

### *Causas da Apostasia — Causas Externas (Cont.)*

1. Como já ficou esclarecido, é de conveniência classificar as causas que provocaram a grande apostasia em duas classes: externa e interna ou (1) causas devido a condições exteriores que operavam contra a Igreja; e (2) causas originadas pelas dissenções e heresias dentro da própria Igreja. Resumimos as causas externas sob o têrmo geral, perseguição; e fizemos também uma distinção entre a perseguição Judaísta e a pagã contra a Igreja. Como já tratamos da oposição sofrida pelos primeiros Cristão nas mãos dos Judeus ou através da instigação do judaismo, consideraremos agora as perseguições sofridas pelos crentes em Cristo, movidas pelas nações pagãs.

2. O têrmo "pagão" como é aqui usado deve ser interpretado como referente a pessoas que não acreditavam na existência do Deus vivo, e cuja adoração era essencialmente idólatra. Os motivos que impeliam os judeus descrentes a se oporem ao estabelecimento e disseminação do Cristianismo, podem ser prontamente entendidos, em vista do fato de que a religião ensinada por Cristo apareceu como rival do judaismo e que o crescimento e disseminação de uma implicava no declínio, senão na extinção da outra. O motivo imediato que originou a amarga e generalizada perseguição aos Cristãos pelos povos pagãos não é fácil de compreender, uma vez que não havia nenhum sistema uniforme de adoração idólatra numa única nação, mas sim uma vasta diversidade de deidades e cultos de idolatria, a nenhum dos quais se opunha o Cristianismo mais do que a outro. Entretanto encontramos os ado-

radores de ídolos esquecendo suas próprias diferenças e se unindo na oposição ao evangelho da paz — em perseguição movida com incrível ferocidade e indiscutível crueldade (Ver nota 1 no fim do capítulo).

3. Infelizmente, os historiadores diferem grandemente em suas descrições da perseguição aos Cristãos, de acôrdo com o ponto de vista que cada escritor a escreveu. Assim, de modo geral, os autores Cristãos apresentam extremas narrações dos sofrimentos a que a Igreja e seus adeptos individualmente estiveram sujeitos; por outro lado, os historiadores não cristãos procuram reduzir a um mínimo a extensão e severidade das crueldades praticadas contra os Cristãos. Existem, contudo, fatos que nenhuma das partes negam e dos quais ambas se ocuparam em seus relatos separados. Para fazer uma clara interpretação dêstes fatos, esboçamos sòmente as verdadeiras inferências dêles.

4. Entre os perseguidores pagãos da Igreja, o império romano é o principal agressor. Isto pode parecer estranho em vista da tolerância geral exercida por Roma para com seus povos tributários. A causa real da oposição de Roma ao Cristianismo tem dado motivo a conjecturas. É provável que o zêlo intolerante por parte dos próprios Cristãos tenha muito que ver com sua impopularidade entre as nações pagãs. Êste assunto é de modo conservador resumido como segue, por Mosheim:

5. "Uma natural curiosidade nos leva a perguntar, como aconteceu que os Romanos, que não molestavam nenhuma nação com motivos religiosos e que permitiam até mesmo aos judeus viverem sob suas leis, e seguir seus próprios métodos de adoração, tratassem sòmente os Cristãos com tal severidade. Esta importante questão parece ainda mais difícil de ser resolvida, quando

considerarmos que, a excelente natureza da religião Cristã e sua admirável tendência para promover o bem-estar público do estado e a felicidade pessoal do indivíduo, capacitava-a de maneira singular, a merecer a proteção de fôrças reinantes. Uma das principais razões da severidade pela qual os romanos perseguiam os Cristãos, não obstante essas considerações, parece ter sido a aversão e reprovação com que os últimos consideravam a religião do império, que estava intimamente com a forma, e mesmo com a própria essência de sua constituição política. Pois, embora os romanos tivessem uma tolerância ilimitada para com tôdas as religiões que nada tivessem em seus dogmas de perigoso para o estado, não permitiam que a dos seus antepassados, o que era estabelecido pelas leis do estado, se tornassem em irrisão nem que o povo fôsse dissuadido dela. Estas eram, contudo, as duas coisas de que os cristãos eram acusados, mui justamente, embora em sua honra. Êles ousavam ridicularizar os absurdos das superstições pagãs, e eram zelosos e assíduos em trazer os prosélitos à verdade. Não só atacavam a religião romana, como também todos os diferentes aspectos e formas sob as quais superstições apareciam nos vários países onde exerciam o seu ministério. Por isso os romanos concluiram que a seita Cristã não só era audaciosamente arrogante e insuportável, como também uma inimiga da tranquilidade pública, e em todo sentido própria para excitar as guerras civis e as comoções do império. É provável que nesse sentido Tácito os tenha censurado com o odioso cunho de odiadores da humanidade, e estiliza a religião de Jesus como superstição destrutiva; Suetônio fala dos Cristãos e de sua doutrina em têrmos dessa mesma espécie.

6. "Uma outra circunstância que irritava os romanos contra os cristãos, era a simplicidade de sua adoração que não se assemelhava em nada aos ritos

sagrados de qualquer outro povo. Os cristãos não tinham nem sacrifícios, nem templos, nem imagens nem oráculos, nem ordens sacerdotais: e isso era suficiente para atrair sôbre êles as reprovações de uma multidão ignorante que imaginava não poder haver religião sem tudo isso" (Mosheim *"Ecclesiastical History"*, Sec. I, cap. 5:6, 7).

7. Pode-se dizer que a perseguição à Igreja pelas autoridades romanas, teve início no reinado de Nero (A. D. 64) e continuou até o fim do reinado de Deocliciano (A.D. 305). Dentro dêsse espaço de tempo houve muitos períodos de pouca crueldade, senão de comparativa tranquilidade; não obstante, a Igreja foi objeto da opressão pagã durante cêrca de dois séculos e meio. Os escritores Cristãos fizeram tentativas para segregar as perseguições em dez investidas separadas e distintas: alguns pretenderam mesmo encontrar uma relação mística entre as dez pragas do Egito, bem como uma analogia com os dez chifres mencionados por João o Revelador (Ver Apoc. 17:14). Mas a história atesta que o número de perseguições de severidade incomum ascendia a menos de dez, conquanto o total de tôdas, incluindo os assaltos locais e restritos, fôsse muito maior. (Ver nota 2 no fim do capítulo).

8. *Perseguição no Reinaldo de Nero* — A primeira prolongada e notável perseguição aos Cristãos sob édito oficial de um imperador romano, foi a instigada por Nero, no ano 64 A.D. Como é da ciência dos estudantes da história, êsse monarca é lembrado mais por seus crimes. Durante o último período de seu infamante reinado, uma grande parte da cidade de Roma foi destruída pelo fogo. Suspeitaram que êle fôsse o responsável pelo desastre e, temendo o ressentimento do povo enraivecido, procurou incriminar os impopulares cristãos como incendiários, e pela tortura tentou

forçá-los à confissão. Quanto ao que se seguiu à profana acusação, vamos considerar as palavras de um escritor que não era Cristão, Tácito, cuja integridade como historiador é tida em consideração.

9. "Tendo isso em vista, êle (Nero) inflingiu as mais estranhas torturas a aquêles homens que, sob a vulgar designação de Cristãos, eram já estigmatizados com merecida infâmia. Seu nome foi derivado de Cristo que, no reinado de Tibério tinha sido morto por sentença do procurador Pôncio Pilatos. Durante algum tempo essa terrível superstição cessou, mas se ergueu novamente; e não só se disseminou por sôbre a Judéia, primeiro sítio dessa deplorável seita, como também se introduziu até mesmo em Roma, o asilo comum que recebia e protegia tudo o que era impuro, tudo o que era infame. As confissões daqueles que foram aprisionados revelaram uma grande multidão de cúmplices, e todos foram condenados, não tanto pelo crime de incendiar a cidade, mas pelo seu ódio à espécie humana. Morriam em tormentos, e seus tormentos eram amargurados por insultos e ridicularização. Alguns foram pregados em cruzes; outros amarrados a animais bravios eram expostos à fúria dos cães; outros ainda, eram embebidos em substâncias combustíveis e usados como tochas para iluminar o negrume da noite. Os jardins de Nero foram reservados para o espetáculo de melancolia, que era seguido de uma corrida de cavalos e honrado com a presença do imperador que se misturava com a populaça, com as vestes e com a atitude de um condutor de bigas. A culpa dos Cristãos merecia realmente os mais exemplares castigos, mas o ódio público era transformado em comiseração pela idéia de que aquêles infelizes eram sacrificados, não tanto para o bem estar público mas pela crueldade de um ciumento tirano" (Tácieo, "*Annals*", Livro, 15 cap. 44).

10. Há certa discordância entre os historiadores quanto ao fato de se a perseguição Neroniana deve ser considerada como perseguição local, pràticamente confinada à cidade de Roma, ou geral, através das províncias. (ver nota 3, no fim do capítulo). A opinião mais aceita favorece a crença de que as províncias seguiam o exemplo da metrópole, e que a perseguição era comum em tôda a Igreja.

11. Esta perseguição, a primeira por édito Romano, terminou pràticamente com a morte do tirano Nero, no ano 68 A.D. De acôrdo com a tradição herdada dos primeiros escritores cristãos, os Apóstolos Paulo e Pedro foram martirizados e mortos em Roma. O primeiro foi decapitado, o último crucificado, durante essa perseguição; e contam ainda que a mulher de Pedro foi condenada à morte pouco antes de seu marido; mas a tradição não é confirmada e nem desmentida por registro autêntico.

12. *Perseguição no reinado de Domiciano* — A segunda perseguição oficialmente ordenada por autoridade romana, começou em 93 ou 94 A.D. no reinado de Dominiciano. Tanto os cristãos como os judeus caíram no desagrado dêsse príncipe, porque tinham se recusado a reverenciar as estátuas que êle tinha erigido como objetos de adoração. Outra causa que contribuiu para sua especial animosidade para com os Cristãos, como afirmaram os primeiros escritores, é a seguinte: O imperador foi convencido de que estava em risco de perder o trono, em vista de uma conceituada predição que da família a que Jesus pertencia um se levantaria para enfraquecer, senão mesmo destruir o poder de Roma. Tendo isto como sua ostensiva desculpa, êsse perverso governador moveu terrível destruição a um povo inocente. Felizmente, a perseguição assim iniciada foi de pouca duração. Mosheim e outros

julgam que o fim da perseguição foi causada pela morte prematura do imperador, embora Eusébio, que escreveu no quarto século, cite um escritor mais antigo que declarou que Domiciano mandou que trouxessem perante êle os descendentes vivos da família do Salvador, e que após inquirí-los, convenceu-se de que êles não o punham em perigo. Porisso, mandou-os embora com desdém e ordenou que cessassem a perseguição. Acredita-se que enquanto o édito de Domicino estêve em vigor o apóstolo João tenha sido exilado para a Ilha de Patmos.

13. *Perseguição no reinado de Trajano.* — O que é conhecido na história eclesiástica como a terceira perseguição à Igreja Cristã, passou-se no reinado de Trajano, que ocupou o trono imperial de 98 a 117 A. D. Êle foi e é considerado como um dos melhores imperadores Romanos. Entretanto, sancionou violenta perseguição aos cristãos devido à inflexível obstinação dêstes em se recusarem ao sacrifício aos deüses romanos. A história nos preservou uma carta muito importante pedindo instruções ao imperador, por Plínio o Moço, que era governador de Ponto, e a resposta dada pelo imperador. Essa correspondência é instrutiva porquanto mostra a extensão a que o Cristianismo tinha se difundido naquela época, e o modo pelo qual os crentes eram tratados pelos oficiais do Estado.

14. Plínio pedia instruções ao imperador quanto à política a ser seguida com respeito aos cristãos sob sua jurisdição. Deveriam os jovens e velhos, os fracos e fortes, serem tratados com igualdade, ou deveria haver graduação? Deveria ser dada uma oportunidade para os acusados se regenerarem, ou sòmente o fato dêles terem uma vez professado a fé cristã devia ser considerado como uma ofensa imperdoável? Deveriam os condenados como cristão ser punidos só pela

sua religião ou pelas ofensas específicas resultantes de sua irmandade na Igreja Cristã? Após submeter ao imperador tais questões, o governador prossegue relatando o que êle tinha feito na ausência de instruções definitivas. Em resposta o imperador instruiu que os cristãos não deveriam ser perseguidos e nem procurados por vingança mas, se acusados e trazidos perante o banco de julgamento, e se êles se recusassem a renunciar a sua fé, então deveriam ser condenados à morte (ver nota 4, no fim do capítulo).

15. *Perseguições no reinado de Marco Aurélio* — Marco Aurélio reinou de 161 a 180 A.D. Era considerado como quem procurava o melhor para seu povo, mas sob seu govêrno os cristãos sofreram outras crueldades. A perseguição era muitíssimo severa na Gália (hoje França). Entre os que encontraram o destino de mártir naquela época, encontrava-se Policarpo, bispo de Esmirna, e Justino, o Mártir, conhecido na história como o filósofo. Com referência à aparente anomalia de que mesmo os melhores governadores permitiam e promoviam oposição vigorosa aos devotos cristãos, como foi exemplificado pelos atos dêsse imperador, um escritor moderno disse: "Deve-se notar que a perseguição aos cristãos durante o reinado dos imperadores pagãos resultava mais da política que de motivos religiosos, e aí está porque achamos os nomes dos melhores imperadores, bem como dos piores, na lista dos perseguidores. Acreditava-se que o bem estar do Estado estava ligado à cuidadosa execução dos ritos de adoração nacional; e assim, conquanto os governadores romanos fôssem geralmente muito tolerantes permitindo tôdas as formas de adoração entre seus súditos, mesmo assim êles exigiam que os homens de cada fé deviam pelo menos reconhecer os deuses romanos, e queimar incenso ante suas estátuas. A isto os cristãos prontamente se recusaram. Sua negligência ao ofício no

templo, acreditou-se enfureceu os deuses, e pôs em perigo a segurança do estado, trazendo sôbre êle a sêca, peste e tôda espécie de desastres. Esta a principal razão da sua perseguição pelos imperadores pagãos. (*General History*, por P.V.N. Myers, edição de 1889, página 332).

16. *Perseguições posteriores* — Com raros períodos de cessação parcial, os crentes cristãos continuaram a sofrer nas mãos de oponentes pagãos através do segundo e terceiro séculos. Uma violenta perseguição marcou o reinado de Severo (193-211 A.D.) na primeira década do terceiro século; uma outra caracterizou o reinado de Maximino (235-238 A.D.). Um período de incomum severidade na perseguição e sofrimento caiu sôbre os Cristãos durante o curto reinado de Décio, conhecido também como Décio Trajano (219-251 A.D.). A perseguição no reinado de Décio é designada na história eclesiástica como a sétima perseguição à Igreja. Outras se seguiram em rápida sucessão. Vamos desprezar alguns dêsses períodos de opressão específica e passar à consideração da:

17. *Perseguição Deocleciana,* que é conhecida como a décima e, felizmente, a última. Deocleciano reinou de 284 a 305 A.D. Primeiramente êle foi bastante tolerante para com a crença e prática Cristã. Até mesmo consta dos registros que tanto sua espôsa quanto sua filha eram cristãs, ainda que "de certo modo secreto". Mais tarde, contudo, êle se voltou contra a Igreja e deliberou suprimir totalmente a religião cristã. Para isso determinou a destruição total dos livros cristãos e decretou a pena capital contra todos que conservassem tais obras em seu poder.

18. Por duas vêzes o fogo irrompeu no palácio real em Nicomedia e em ambas as ocasiões o ato incendiário foi atribuído aos cristãos, com terríveis resulta-

dos. Quatro éditos separados, cada um excedendo em violências aos anteriores, foram emitidos contra os crentes; e durante um período de dez anos êles foram vítimas de incontrolável rapina, espoliação e tortura. Ao fim da década de terror a Igreja estava dispersa e aparentemente em condições desesperadora. Os registros sagrados haviam sido queimados; os lugares de adoração foram destruídos; milhares de Cristãos foram condenados à morte; e todo esfôrço possível foi feito para destruir a Igreja e abolir da terra o cristianismo. As descrições dos horríveis extremos a que chegou a brutalidade, são doentias à alma. É suficiente um único exemplo. Eusébio, referindo-se às perseguições no Egito, diz: "Era tal a severidade da luta sustentada pelos Egípcios, que em Tyro contendiam gloriosamente pela fé. Milhares de homens, mulheres e crianças, menosprezando a vida presente por amor à doutrina do nosso Salvador, se submetiam à morte sob várias formas. Alguns após serem esfolados e torturados na roda, e passarem pelos mais terríveis açoites, e outras inumeráveis agonias, que se treme só ao ouví-las, eram finalmente lançados às chamas; e alguns eram submergidos e afogados no mar, outros voluntàriamente ofereciam suas próprias cabeças aos seus carrascos, outros morriam em meio a seus tormentos, alguns definhavam-se pela fome, e outros ainda eram pregados em cruzes. Alguns eram executados como malfeitores e realmente o eram; outros, mais cruelmente, eram pregados de cabeça para baixo e conservados vivos até que perecessem pela fome na própria cruz". (Eusébio, *"Eccl. Hist.,* Livro 8, cap. 8).

19. Um escritor moderno, cuja tendência era diminuir ao máximo a extensão da perseguição aos cristãos, é Edward Gibbon. Sua descrição das condições que prevaleciam durante êsse período violento de Deocleciano, é a seguinte: "Ordenava-se aos magistrados

que empregassem todo método de crueldade que pudesse restaurá-los de sua odiosa perseguição e obrigá-los a retornar à adoração estabelecida pelos deuses. Esta ordem rigorosa foi extensiva, por um édito subsequente, a todo o corpo Cristão, que estava exposto a uma violenta e geral perseguição. Em vez das restrições salutares que tinham exigido o testemunho direto e solene de um acusador, tornou-se dever bem como o interêsse dos oficiais imperiais descobrir, perseguir e atormentar o mais repugnante entre os fiéis. Pesados castigos foram denunciados contra todos os que se atrevessem a salvar um sectário proscrito da justa indignação dos deuses e dos imperadores (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, cap. XVI).

20. Tão geral foi a perseguição de Deocleciano, e tão desastrosos os seus efeitos que, quando da sua cessação, acreditou-se que a Igreja estivesse extinta para sempre. Foram erguidos monumentos para comemorar o zêlo do imperador como perseguidor, notàvelmente dois obeliscos foram erigidos na Espanha. Num dêles há uma inscrição glorificando o poderoso Deocleciano *por ter extinto o nome dos cristãos que levaram a República à ruina"*. Um segundo obelisco comemora o reinado de Deocleciano e honra o imperador "*por ter abolido em tôda a parte a superstição em Cristo; por ter ampliado a adoração aos deuses*". Uma medalha cunhada em honra a Deocleciano traz a inscrição: "*O nome Cristão está sendo extinto*". (Milner "*Church History*", Sec. IV, cap 1:38). Os subsequentes eventos ratificam a falsidade dessas suposições.

21. A opressão Deocleciana foi a última das grandes perseguições levadas a efeito pela Roma pagã contra a Cristandade em geral. Uma estupenda mudança, importando numa revolução, aparece agora nos feitos da Igreja. Constantino, conhecido na história como

Constantino, o Grande, tornou-se imperador de Roma no ano 306 A.D. e reinou durante 31 anos. No princípio de seu reinado êle esposou a impopular causa Cristã, e pôs a Igreja sob a proteção oficial do Estado. Correu a notícia de que a conversão do imperador foi devido a uma manifestação sobrenatural, na qual êle viu uma cruz luminosa que apareceu nos céus com a seguinte inscrição: "Por êste sinal, conquista". A veracidade dessa alegada manifestação é duvidosa e a evidência da história é contra ela. O incidente é aqui mencionado para mostrar os meios imaginados para fazer o Cristianismo popular naquela época.

22. Muitos historiadores judiciosos consideraram a assim chamada conversão de Constantino, mais uma causa política que uma sincera aceitação da verdade do Cristianismo. O próprio imperador permaneceu como catecúmeno, isto é, como crente não batizado, até pouco antes de sua morte, quando então se tornou membro pelo batismo. Mas, fôssem quais fôssem os seus motivos, êle fêz do cristianismo a religião do Estado, publicando um decreto oficial para êsse efeito, em 313. "Fêz da cruz o estandarte real; e as legiões romanas agora, pela primeira vez, marchavam sob o emblema do Cristianismo" (Myers).

23. Imediatamente após essa transformação, houve uma grande concorrência para o melhoramento da Igreja. O ofício de bispo passou a ser mais altamente considerado que a divisa de um general. O próprio imperador era o chefe real da Igreja. Tornou-se impopular e decididamente desvantajoso, no sentido material, ser conhecido como não cristão. Os templos pagãos foram transformados em igrejas e seus ídolos foram demolidos. Sabemos que doze mil homens e um número proporcional de mulheres e crianças foram batizados na Igreja de Roma, num só ano. Constantino

mudou a capital do império de Roma para Bizâncio, a cuja cidade êle deu seu nome, Constantinopla. Esta, a atual capital da Turquia, tornou-se a sede da Igreja do Estado.

24. Quão vaga e vã parece a pretensão de Deocleciano quando disse que o Cristianismo estava para sempre extinto! Entretanto, quão diferente era a Igreja sob a proteção de Constantino, da Igreja restabelecida por Cristo e erguida pelos seus apóstolos! A julgar pelo padrão de sua constituição original, a Igreja já havia se tornado apóstata.

## NOTAS

1. *Causa da Iposição Pagã ao Cristianismo* — O grupo inteiro de Cristãos uniformemente recusou-se a er qualquer comunhão com os deuses de Roma, do império e da humanidade. Era em vão que o crente oprimido alegava os inalienáveis direitos da consciência e do julgamento privado. Ainda que sua situação pudesse inspirar compaixão, seus argumentos nunca podiam chegar à compreensão, quer da parte filosófica ou crente do mundo pagão. Para sua apreensão, não era menos surpreendente que qualquer indivíduo pudesse guardar escrúpulos contra a obediência ao modo estabelecido de adoração, sem que êles tivessem concebido um ódio súbito às maneiras, vestes, ou língua de seu país natal. A surpresa dos pagãos foi logo substituída pelo ressentimento; e os homens mais pios estavam expostos à injusta mas perigosa imputação de irreverência. A malícia e o preconceito concorreram na representação dos Cristãos como uma sociedade de ateísmo que, pelo mais audacioso ataque à constituição religiosa do império, tinha merecido as mais severas críticas do magistrado civil, Eles tinham se separado (e exultavam em o confessar) de qualquer tipo de superstição que era aceita em qualquer parte do globo pelas várias naturezas do politeísmo mas não era inteiramente evidente qual a deidade ou forma de adoração que êles tinham substituído pelos deuses e templos da antiguidade. A idéia pura e sublime que êles tinham do Ser supremo, escapava à grotesca concepção da multidão pagã, que era incapaz de conceber a existência de um Deus solitário e espiritual, que

não fôsse representado por figuras corporais ou símbolo visível, e nem fôsse adorado com a costumeira pompa de libações e festivais de altares e sacrifícios (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano,* cap. XVI).

2. *Quanto ao Número de Perseguições Pelos Romanos* — "Diz-se que os romanos perseguiram os Cristãos com o máximo de violência nas dez perseguições, mas êsse número não foi determinado pela história antiga da Igreja. Poi se, como perseguições, sòmente aquelas são mencionadas como singularmente severas e gerais através do império, então é certo que o número destas não chega ao acima mencionado. E se tomarmos em consideração as perseguições provinciais e as menos notáveis, elas excederiam aquêle número, em muito. No quinto século, certos cristãos foram levados por algumas passagens das escrituras sagradas e por uma em especial em Apocalipse (Apoc. 17:14), a imaginarem que a Igreja estava para sofrer dez calamidades da mais grave natureza. A esta idéia, portanto, êles tentaram, ainda que nem todos o fizessem da mesmo maneira, acomodar a linguagem da história, mesmo contra o testemunho dos relatos antigos, de cuja causa sòmente a história pode falar com autoridade" (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. I, Parte I, cap. 5:4).

Falando sôbre o mesmo assunto, Gibbon diz: "Tôdas as vêzes em que quaisquer crueldades ocasionais eram exercidas nas diferentes partes do império, os primitivos cristãos lamentavam e engrandeciam mesmo os seus próprios sofrimentos; mas o celebrado número de dez perseguições, foi determinado pelos escritores eclesiásticos do quinto século, que tinham uma visão mais distinta do destino próspero ou adverso da igreja desde a era de Nero à de Deocleciano. A ingênua comparação das dez pragas do Egito e dos dez chifres da Apocalipse, sugeriu primeiramente êsse cálculo em suas idéias; e na aplicação de sua fé de profecia à verdade da história, êles foram cuidadosos em selecionar os reinados que foram realmente mais hostis à causa Cristã" (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano,* cap. XVI).

3. *Extensão da Perseguição Neroniana.* — Os entendidos não concordam inteiramente quanto à extensão dessa perseguição no reinado de Nero. Alguns a confinam à cidade de Roma, enquanto outros a representam como levada violentamente através de todo o império. Esta última opinião, que é também a mais antiga é sem dúvida a mais aceita; porque é certo que as leis decretadas contra os Cristãos eram decre-

tadas contra o corpo inteiro, e não contra certas Igrejas e estavam consequentemente em vigor nas mais remotas províncias" (Mosheim, *Ecc. History*, Sec. I, Part. I, 5:54).

4. *Correspondência entre Plínio e Trajano* — A inquisição de Plínio o Moço, governador de Ponto, feita a Trajano, o imperador de Roma e a consequente resposta imperial, é de tal importância que é digna de reprodução integral. A versão aqui apresentada é a de Milner, como consta de sua *History of the Church of Christ*, edição de 1810, Sec. II, cap. I.

"De Plínio a Trajano, Imperador:

"Saúde. — É meu costume usual, Senhor, referir, a vós, tôdas as coisas, das quais tenho algumas dúvidas. Pois quem pode melhor orientar meu julgamento em sua hesitação, ou instruir minha mente em sua ignorância? Nunca tive a ventura de estar presente a qualquer inquirição de Cristãos, antes de minha vinda a esta província. Estou, portanto, hesitante em determinar qual o objeto comum quer da acareação, quer da punição, quer quanto à extensão a que qualquer um dêles deva ser levado. Há também uma questão bem problemática — se deve ser feita qualquer distinção entre o jovem e o ancião, o fraco e o forte — se deve ser dado qualquer asilo pelo arrependimento, ou se uma vez determinada a culpa de pertencer ao cristianismo não possa mais ser expiada pela mais inequívoca retratação — se o próprio nome, resultante de qualquer má conduta ou os crimes ligados ao nome, é objeto de punição. Até aqui êste tem sido o meu método, com respeito àqueles que foram trazidos perante mim como cristãos. Perguntava-lhes se eram cristãos: se êles se julgassem culpados, eu os interrogavam mais duas vêzes, com a ameaça de punição capital. Em caso de obstinada perseverança eu ordenava sua morte. Pois não tinha dúvida alguma que qualquer que fôsse a natureza de sua religião, uma súbita obstinada inflexibilidade clamava pela vingança do magistrado. Alguns contaminados pela mesma loucura eu, devido ao seu privilégio de cidadania, reservei para serem submetidos ao vosso tribunal. No curso dêste trabalho, recebendo abundantes informações como é comum quando êles são encorajados, mais casos apareceram.

Foi apresentado um libelo anônimo, com uma lista de nomes de pessoas que, não obstante, declararam não serem então Cristãos e não o terem sido jamais; e elas repetiram perante mim uma invocação aos deuses e à vossa imagem, a qual, para êsse fim, mandei que fôsse trazida juntamente com as imagens das deidades. Executaram os sagrados ritos com vinho e queima de resina aromática, e exerceram a Cristo — coisas estas,

segundo me disseram, nenhum verdadeiro Cristão jamais seria compelido a fazer. Por essa razão eu os despedi. Outros, revelados por um informante, primeiramente confirmaram, mas depois negaram a acusação de Cristianismo, declarando que êles tinham sido Cristãos, mas haviam deixado de o ser há cêrca de três anos atrás, outros mesmo há mais tempo, e outros ainda há cêrca de vinte anos. Todos êles veneraram vossa imagem, e as estátuas dos deuses, e também execraram a Cristo. Êste é o relato que êles deram da natureza da religião que uma vez professaram, quer mereça o nome de crime ou êrro: que estavam acostumados a se reunirem num determinado dia antes do alvorecer, e repetir entre si um hino a Cristo como a um deus, e obrigavam-se por juramento a um compromisso de não cometerem nenhuma maldade; pelo contrário, deviam se abster de pilhagem, roubos e adultério; e também não violar sua promessa ou negar um compromisso; após o que era seu costume separarem-se para novamente se encontrarem numa promíscua e inofensiva ceia, de cuja prática êles desistiram, após a publicação de meu édito, pelo qual, de acôrdo com vossa ordem, eu proibia qualquer sociedade dêsse gênero. Por essa razão julguei mais necessário descobrir pela tortura de duas mulheres, que eram tidas como diaconisas, qual era a verdade. Mas nada pude obter com exceção de uma depravada e excessiva superstição. Adiando, portanto, qualquer outra investigação, determinei consultar-vos. Pois o número de culpados é tão grande que requer uma séria consulta. Muitas pessoas de tôdas as idades e de ambos os sexos foram denunciadas; e maior número ainda estará na mesma situação. O contágio da superstição se espalhou não só através das cidades, como através das vilas e campos. Não que eu considere impossível detê-la ou corrigi-la. O sucesso de minhas tentativas para isso proibe tais pensamentos desencorajantes; pois os templos, uma vez quase desolados, começam a ser frequentados e as solenidades sagradas, que desde há muito têm sido periódicas são agora frequentes outra vez; e as vítimas para os sacrifícios, que antes raramente encontravam um comprador, são agora vendidas em tôdas as partes. Donde concluo que muitos podiam se emendar fôsse a esperança de impunidade, pelo arrependimento, absolutamente confirmada".

Segue-se a reposta do imperador:

"De Trajano a Plínio:

Vós tendes procedido corretamente, meu caro Plínio, no inquérito por vós levado a efeito com respeito aos Cristãos. Pois que realmente nenhuma lei geral pode ser determinada,

que se aplique a todos os casos. Essas pessoas não devem ser perseguidas. Se forem trazidas perante vós e condenadas, que sejam punidas com a pena capital, entretanto com esta restrição de que se qualquer uma renunciar ao Cristianismo e evidenciar sua sinceridade pela súplica aos nossos deuses, conquanto suspeita possa ter sido no passado, deverá obter o perdão para o futuro, pelo seu arrependimento. Mas libelos anônimos não são casos a que se deva dar qualquer atenção; pois o precedente seria da pior espécie, e perfeitamente incompatível com a política de meu govêrno".

## CAPÍTULO VI

### *Causas da Apostasia — Causas Internas*

1. As crueis perseguições a que os adeptos do Cristianismo e da Igreja como um corpo organizado, estiveram sujeitos durante os três primeiros séculos de nossa era, foram consideradas como causas externas contribuindo, pelo menos indiretamente, para a apostasia geral. Foram dados com suficiente abundância detalhes da oposição Judaísta e pagã para mostrar que a impopular Igreja teve uma existência atribulada, e que seus membros que permaneceram fiéis aos dogmas e princípios do evangelho foram mártires em espírito senão reais.

2. Como seria natural de se esperar, os efeitos imediatos da acirrada perseguição àqueles que professavam a crença na divindade do Senhor Jesus eram diversos e variados; realmente iam desde o incontrolável entusiasmo expresso em inflamado clamor pelo martírio, à pronta e abjeta apostasia com ostentações de devoção aos ritos idólatras.

3. Muitos dos Cristãos devotos criaram um zêlo quase que maníaco, e, desconsiderando tôda a prudência e discrição, vangloriavam-se ante a perspectiva de obter a coroa de mártir. Alguns que não foram perseguidos sentiam-se, êles mesmos, ofendidos e se tornavam seus próprios acusadores, enquanto outros cometiam abertamente atos de agressão com a intenção de trazer sôbre êles o ressentimento. (Ver Nota 1, no fim do capítulo). Estas extravagâncias eram sem dúvida encorajadas pela excessiva veneração feita à memória dos restos mortais daqueles que tinham caído como vítimas pela causa. O respeito reverente assim

emprestado desenvolveu-se mais tarde em ímpia prática de adoração de mártires.

4. Comentando sôbre o imprudente entusiasmo dos primeiros Cristãos, Gibbon diz: "Algumas vêzes os Cristãos supriam por sua declaração voluntária a ausência de um acusador, perturbando grandemente os ritos públicos do paganismo, e, em massa corriam para o tribunal dos magistrados, implorando a êles para pronunciar e inflingir a sentença da lei. O comportamento dos Cristãos era bastante notável para fugir à percepção dos filósofos antigos; mas parece que êles recebiam isso com muito menos admiração do que surpresa. Incapazes de conceber os motivos que às vêzes levavam a coragem dos crentes além dos limites da prudência e da razão, êles consideravam tal vontade de morrer, como um estranho resultado de desespêro obstinado, de insensibilidade estúpida, e de fanatismo supersticioso". (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano,* cap. XVI).

5. Mas há uma outra versão da história. Enquanto os imprudentes fanáticos chamavam para si os perigos dos quais poderiam ter se livrado, outros, alarmados com a possibilidade de serem incluídos com as vítimas, abandonavam voluntàriamente a Igreja e retornavam à devoção pagã. Milner, falando das condições existentes no terceiro século, e incorporando as palavras de Cipriano, bispo de Cartago, que viveu na época do incidente descrito, disse: "Vasto número passou imediatamente à idolatria. Mesmo antes dos homens serem acusados como Cristãos, muitos correram ao forum e ofereceram sacrifícios aos deuses como foram ordenados; e a multidão de apóstatas era tão grande, que os magistrados desejaram transferir muitos dêles para o dia seguinte, mas eram importunados pelos suplicantes profundamente aflitos para que os deixassem

provar que eram pagãos naquela mesma noite". (Milner, *Church History,* Sec. III, cap. 8).

6. Em conexão com essa apostasia individual dos membros da Igreja sob a pressão da persegrição, levantou-se entre os governos provinciais a prática de vender certificados ou "libelos" como eram chamados êsses documentos, que "atestavam que as pessoas neles mencionadas tinham se submetido às leis e eram devotas das deidades Romanas". Pela apresentação dessas falsas declarações, os Cristãos opulentos e tímidos estavam aptos a silenciar a maldade de um informante, e assim conciliarem até certo ponto, sua segurança com sua religião". (Gibbon, "*Declínio e Queda do Império Romano*", cap. XVI). Uma outra modalidade dessa prática de semi-apostasia consistia em procurar o testemunho de pessoas de posição que certificavam que os portadores tinham renunciado o evangelho; êsses documentos eram apresentados aos magistrados pagãos, e êles, em troca de uma paga especificada, consentiam na dispensa dos rituais de devoção aos deuses pagãos. (Ver Milner, *Church History,* Sec. III, cap. 9). Como resultado dessas práticas, pelas quais o rico sob circunstâncias favoráveis podia comprar a imunidade contra a perseguição e ao mesmo tempo manter uma aparência na Igreja, houve muita dissenção tendo-se discutido se aquêles que haviam assim mostrado sua fraqueza deveriam ou não ser recebidos novamente em comunhão com a Igreja.

7. A perseguição, quando muito, era apenas uma causa indireta do declínio do Cristianismo e a perversão dos princípios salvadores do evangelho de Cristo. Os maiores e mais imediatos perigos que ameaçavam a Igreja deviam ser procurados dentro da própria igreja. Em verdade, a opressão da oposição vinda de fora servia para conter as fontes borbulhantes da dis-

senção interna e realmente retardavam as mais destrutivas erupções de heresia. (Ver Nota 2, no fim do capítulo). Uma revisão geral da história da Igreja até o fim do terceiro século, mostra que os períodos de relativa paz foram períodos de fraqueza e declínio na determinação espiritual, e que com a volta da perseguição veio um reavivamento e uma renovação da devoção Cristã. Os líderes devotos do povo não hesitavam em declarar que cada período decorrente de perseguição era um castigo para o pecado e corrupção que haviam progredido dentro da Igreja. (Ver Nota 3, no fim do capítulo).

8. Com respeito às condições da Igreja em meados do terceiro século, Cipriano, bispo de Cartago, assim se expressou: "Se a causa de nossas misérias for investigada, a cura da chaga pode ser encontrada. O Senhor submeteria sua família à provação. E porque a longa paz corrompeu a disciplina que nos foi revelada pelos poderes divinos, a punição celestial ergueu nossa fé, que tinha permanecido quase inativa; e quando por nossos pecados merecíamos sofrer ainda mais, o misericordioso Senhor assim moderou tôdas as coisas, para que o cenário total mereça mais corretamente o nome provação do que perseguição. Cada qual estava inclinado a melhorar o seu patrimônio; e se esquecia o que os crentes tinham feito durante a época dos apóstolos, e o que êles deviam sempre fazer. Estavam cultivando a arte de acumular riquezas: os pastôres e os diáconos cada um esquecendo seu dever: as obras de misericórdia foram esquecidas, e a disciplina caiu ao mais baixo nível. A luxúria e a efeminação prevalesciam: vestes profanas eram usadas: fraudes e mentiras eram praticadas entre a irmandade. Os Cristãos podiam se unir em matrimônio com os descrentes; podiam jurar não só sem reverência, como mesmo sem veracidade. Com arrogante aspereza êles enganavam seus superiores

eclesiásticos: diziam mal uns dos outros com violenta acrimônia e conduziam as desavenças com malignidade: até mesmo muitos bispos, que deviam ser os guias e modêlos para o resto, esquecendo os deveres inerentes à sua posição, entregavam-se aos valores materiais. Abandonavam seus lugares de residência e seus rebanhos: viajavam para distantes províncias à procura de prazer e ganho; não davam qualquer assistência aos irmãos necessitados; e eram insaciáveis em sua sêde de dinheiro. Possuíam propriedades conseguidas pela fraude e usura. Que não merecíamos sofrer por tal conduta? Até mesmo a palavra divina nos predisse o que devíamos esperar. Se seus filhos abandonam minha lei, e não aceitam meu julgamento, eu afligirei suas ofensas com a vara, e seus pecados com açoites. Estas coisas foram denunciadas e preditas, mas em vão. Nossos pecados tinham trazido nossa situação a aquêle estado, e por termos desdenhado as instruções do Senhor, fomos obrigados a suportar uma correção de nossos múltiplos males e uma experiência de nossa fé por severos remédios" (Citado por Milner, *Church History*, Sec. III, cap. 8).

9. Milner, que cita com aprovação a severa denúncia feita à Igreja no terceiro século como mencionado acima, não pode ser acusado de preconceito contra as instituições Cristãs, uma vez que seu intento declarado de apresentar ao mundo uma "História da Igreja de Cristo" adicional era para dar devida atenção a certas fases do assunto desconsiderado ou negligenciado pelos autores do passado e notàvelmente para dar ênfase à piedade e não à maldade dos professos seguidores de Cristo. Êsse autor, declaradamente amigo da Igreja e de seus devotos, admite o crescimento da depravação das seitas Cristãs, e declara que até o fim do terceiro século o efeito da manifestação Pentecostal do Espírito Santo havia se extinguido e que permane-

ceu pequena prova de qualquer estreita relação entre Cristo e a Igreja.

10. Note seu sumário das condições: "A era de seu real declínio deve ser datada da parte pacífica do reinado de Deocleciano. Durante êsse século tôda a obra de Deus, em pureza e poder, tendeu à decadência. A ligação com os filósofos era uma das principais causas. A paz externa e as influências seculares completavam a corrupção. A disciplina eclesiástica que tinha sido demasiadamente estrita, estava agora excessivamente negligenciada; os bispos e o povo tinham consigo um espírito de malignidade. Contendas sem fim eram fomentadas entre os partidos em conflito e a ambição e cobiça tinham em geral ganho a ascendência na Igreja Cristã *** A própria fé Cristã parecia agora como negócio ordinário; e assim *terminou,* ou quase terminou, tanto quanto parece, a primeira grande efusão do Espírito de Deus, que começou no dia de Pentecostes. A depravação humana se efetuou através de uma decadência da devoção; e uma geração de homens passou com provas bem fracas da presença espiritual de Cristo com Sua Igreja" (Milner, *Church History,* Sec. III, capítulo 17).

11. Se outras evidências forem requeridas quanto ao fogo de desafeição latente dentro da Igreja, e tão fàcilmente vivificado em chamas destrutivas, vamos considerar o testemunho de Eusébio com respeito às condições características da segunda metade do terceiro século. E, pesando suas palavras, deve ser lembrado que êle tinha expressado sua intenção de escrever em defesa da Igreja, e em defesa de suas instituições. Êle deplora a tranquilidade que precedeu a revolta Deocleciana, por causa de seus efeitos injuriosos tanto sôbre os oficiais como sôbre os membros da Igreja. São estas as suas palavras: "Mas quando pela liberdade excessiva nos aprofundamos na indolência e na inércia, invejando

e injuriando uns aos outros por diferentes meios, e estivemos quase a ponto de pegarmos em armas uns contra os outros, atacando uns aos outros com palavras, com dardos e lanças; prelados censurando prelados e o povo se levantando contra o povo e a hipocrisia e dissimulação tinham subido às mais altas altitudes da malignidade, então o divino julgamento, que geralmente procede com mão indulgente, atingiu as multidões enquanto estavam ainda agrupadas na Igreja, com visitações benévolas e brandas, começou a aflivir seu episcopado; iniciando-se a perseguição com aquêles irmãos que estavam no exército. *** Mas alguns que pareciam ser nossos pastôres, abandonando a lei da piedade estavam inflamados uns contra os outros com dissidências mútuas, acumulando contendas, rivalidades, hostilidade, e ódio um pelo outro, sòmente ansiosos para estabelecer o govêrno como uma espécie de soberania para êles próprios" (Eusébio, *Eccl. History,* Livro III, cap. I; Ver Nota 4 no fim do capítulo).

12. Como mais ilustrativo do declínio do espírito Cristão no fim do terceiro século, Milner cita a seguinte observação de Eusébio, testemunha ocular das condições descritas: "A poderosa mão de julgamento de Deus começou suavemente, pouco a pouco, a nos visitar segundo Sua habitual maneira; *** mas não éramos absolutamente influenciados pela sua mão, e nem nos preocupavamos em voltar a Deus. Acumulamos pecado sôbre pecado, julgando como descuidados Epicuristas que Deus não se incomoda com os nossos pecados, nem nunca nos visita por causa dêles. E nossos fingidos pastôres, deixando de lado a regra da devoção, praticavam entre si a contenda e a divisão". Êle acrescenta que "temível perseguição de Deocleciano foi então inflingida à Igreja como justa punição e como o mais próprio castigo para as suas iniquidades". (Milner, *Church History,* Sec. III, cap. 17).

13. Deve ser lembrado que a grande transformação, pela qual a Igreja foi elevada a um lugar de honra no estado, ocorreu na primeira parte do quarto século. É êrro popular presumir que a decadência da Igreja como instituição espiritual, data daquela época. O quadro da Igreja declinando em seu poder espiritual na razão direta de seu aumento de riqueza e influências materiais tem sido atraente aos retóricos e escritores de histórias sensacionais; mas tal quadro não apresenta a verdade. A Igreja estava saturada com o espírito da apostasia bem antes de Constantino tomá-la sob sua poderosa proteção declarando sua posição oficial no estado. Em apôio a essa declaração, cito novamente Milner, o declarado amigo da Igreja: "Sei que é comum para os autôres representar o grande declínio do Cristianismo como tendo lugar sòmente após seu estabelecimento externo sob o reinado de Constantino. Mas a evidência da história compele-me a discordar dessa visão das coisas. De fato, vimos que durante uma geração inteira antes da perseguição (Deocleciana) apareceram poucos sinais de piedade superior. Rara era a centelha de piedade existente; e não é comum em qualquer época que uma grande obra do Espírito de Deus seja exibida apenas sob a conduta de alguns grandes santos, pastôres e reformadores. Todo êsse período, bem como tôda a cena da perseguição, é bem estéril em tais caracteres. As instruções morais, filosóficas e monásticas não esclarecerão aos homens o que é de se esperar da doutrina evangélica. E se a fé em Cristo estava tão declinada (seu estado decadente devia ser datado de cêrca do ano 270), não devemos nos admirar que cenas como as sugeridas por Eusébio sem quaisquer detalhes circunstanciais, tenha se verificado no mundo Cristão. *** Êle fala também do ambicioso espírito de muitos, ao aspirarem os cargos da Igreja, as ordenações indevidas e ilegais, as questões entre os próprios confessores,

e das contendas excitadas pelos jovens demagogos nas próprias relíquias da Igreja perseguida, e dos múltiplos males que seus vícios criaram entre os Cristãos ter declinado para que assim se conduzisse sob a própria vara da vingança divina? Entretanto que o mundo infiel ou profano não triunfe. *Não foi o Cristianismo, mas sim, o seu abandono, a causa* dêstes males". (Milner, *Church History*, Sec. IV, cap. I. Os itálicos são introduzidos pelo autor dêste. Ver também Nota 5, no fim do capítulo).

14. O exposto apenas compreende algumas das muitas evidências que poderiam ser citadas na demonstração do fato de que durante o período imediatamente seguinte ao ministério apostólico — o período coberto pelas perseguições aos Cristãos pelas nações pagãs — a Igreja estava sofrendo deterioração interna, e estava num estado de perversão crescente. Entre as causas mais detalhadas e específicas dêsse contínuo abandono do espírito do evangelho de Cristo, dessa apostasia rápida e crescente, os exemplos seguintes podem ser considerados como importantes:

1) A corrupção dos simples princípios do evangelho pela mistura dos assim chamados sistemas filosóficos dos tempos.

2) Aumentos não autorizados das cerimônias da Igreja, e a introdução de alterações vitais em ordenanças essenciais.

3) Alterações não autorizadas na organização e govêrno da Igreja.

15. Consideraremos na devida ordem cada uma das três causas aqui enumeradas. Pode parecer que as condições apresentadas nessas especificações devam ser mais pròpriamente consideradas como efeitos ou resul-

tados do que como causas incidentes à apostasia geral porque elas têm a natureza de evidências ou provas de um abandono da constituição original da Igreja, e não de causas específicas pelas quais o fato da apostasia deva ser explicado ou atribuído. Causa e efeito, contudo, estão às vêzes bem ìntimamente associados, e as condições resultantes podem fornecer a melhor demonstração das causas em operação. Cada uma das condições apresentadas acima como causa específica da apostasia progressiva era, em seu comêço, uma evidência da fraqueza existente e uma causa ativa dos resultados mais graves que se seguiram. Cada manifestação sucessiva do espírito da apostasia era já o resultado da primeira desafeição, e a causa de desenvolvimentos posteriores e mais pronunciados.

## NOTAS

1. *O zêlo desordenado de alguns dos antigos cristãos*: — "A sóbria descrição da era presente pode mais prontamente censurar do que admirar, e pode mais fàcilmente admirar do que imitar o fervor dos primitivos Cristãos; pois que, de acôrdo com a viva expressão de Sulpicio Severo, desejavam o martírio com mais avidez do que seus próprios contemporâneos desejavam um bispado. As epístolas que Inácio compôs enquanto êle era levado em cadeias através das cidades da Ásia, exalavam os sentimentos mais repugnantes à natureza humana. Àvidamente êle implora aos Romanos que quando fôsse exposto no anfiteatro, êles não o privassem, pela sua interferência bondosa mas irrazoável, da coroa de glória e declara sua resolução de provocar e irritar as feras selvagens que pudessem ser empregadas como instrumento de sua morte. Contam-se histórias da bravura dos mártires que realmente fizeram o que Inácio tinha pretendido; exasperavam a fúria dos leões, solicitavam aos carrascos que apressassem seu trabalho, pulavam prazeirosamente nas fogueiras que eram acesas para consumi-los e descobriam uma sensação de alegria e prazer em meio as mais estranhas torturas". (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, Cap. XVI).

2. *Dissensões Internas durante o Período de Paz.* — Como foi dito no texto, a primeira parte do reinado de Deocleciano — período imediatamente precedente ao irrompimento da última grande perseguição a que os Cristãos foram sujeitos — foi um período de liberdade relativa da oposição, e, êsse período foi caracterizado por perturbações internas e dissenções dentro da Igreja. Como ilustrativo da tolerância mostrada pelo imperador antes dêle se tornar hostil à Igreja e o subsequente declínio do fervor espiritual entre os próprios Cristãos, Gibbon diz: "Deocleciano e seus colegas frequentemente conferiam os mais importantes cargos a aquêles que declaravam sua aversão à adoração dos deuses, mas que tivessem mostrado capacidade própria para o serviço do estado. Os bispos tinham uma honorável posição nas respectivas provincias, e eram tratados com distinção e respeito, não só pelo povo como pelos próprios magistrados. Quase em tôdas as cidades as igrejas antigas eram insuficientes para conter a multidão de prosélitos; e em seu lugar edifícios magestosos e de grande capacidade foram erguidos para adoração pública pelos fiéis. As corrupções das maneiras e princípios, tão lamentadas por Eusébio, podem ser consideradas não só como uma consequência, mas como uma prova da liberdade que os Cristãos gosavam e abusavam sob o reinado de Deocleciano. A prosperidade havia relaxado os nervos da disciplina. A fraude, a inveja e a malícia prevaleciam em cada congregação. Os presbíteros aspiravam ao cargo episcopal, que cada dia se tornava objeto mais digno de sua ambição. Os bispos que contendiam uns com outros pelas pre-eminências eclesiásticas, pareciam afirmar, pela sua conduta, um poder secular tirânico da Igreja; e a fé ativa que ainda distinguia os Cristãos dos gentios, era vista muito menos em suas vidas do que em seus escritos controversos". (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, cap. XVI).

3. *O Efeito da Paz na Igreja Primitiva* — "Apesar de terem sido desastrosas as perseguições nos primeiros séculos Cristãos, os períodos de tranquilidade intercalados entre as explosões de ira que os incitavam foram ainda mais desastrosos para a Igreja. A paz pode ter suas vitórias não menos renomadas que as da guerra; e assim, também, ela tem suas calamidades estas não são menos destrutivas que as da guerra. A guerra pode destruir nações, mas o ódio e o luxo corrompem a humanidade, o corpo, e a mente. A paz é em particular perigosa à Igreja. A prosperidade relaxa as rédeas da disciplina; o povo sente menos e menos a necessidade de uma providência

sustentadora; mas na adversidade o espírito do homem procura Deus e êle é consequentemente mais devotado ao serviço religioso. Os Cristãos antigos não constituem exceção a essa influência de calma. Tôdas as vêzes que se lhes apresentava, quer pela misericórdia ou indiferença dos imperadores, as dissenções internas, as intrigas de prelados aspirantes, e o aparecimento de heresias, caracterizavam aquêles períodos". (B. H. Roberts, *A New Witness for God*, p. 70).

4. *Dissenções e heresias na Igreja primitiva* — Eusébio, cujos escritos datam da primeira parte do quarto século, cita os escritos de Hegesipo, que viveu no primeiro quarto do século dois, como segue: "O mesmo autor (Hegesipo) trata também do começo das heresias que apareceram por volta dessa época, nas seguintes palavras: "Mas após Tiago, o Justo, ter sofrido o martírio, como sofreu o Nosso Senhor pelo mesmo motivo, Simeão, o filho de Cleophas, tio de nosso Senhor, foi nomeado segundo bispo (de Jerusalém) a quem todos propuzeram como primo de nosso Senhor. Êles consideravam a Igreja ainda virgem, pois ainda não havia sido corrompida pelos vãos discursos. Teobuto tentou secretamente começar a corrompê-la porque não havia sido feito bispo. Êle era um daquêles das sete seitas entre o povo Judeu. Dêstes também era Simeão, donde veio a seita dos Simonianos; também Cleobio, de quem vieram os Cleobianos; e também Dositeus, o fundador dos Dositeanos. Destas também se originaram os Gorteanos de Gorteus; e também os Masboteanos de Masboteu. Dêstes também descenderam os Meandrianos, os Marcionistas, e os Carpocracianos e Valentinianos, e Basilidianos, e os Saturnianos, cada qual introduzindo suas próprias e peculiares opiniões, cada uma diferente da outra. Destas seitas se originaram os falsos Cristos, os falsos profetas e os falsos apóstolos, que dividiram a unidade da Igreja pela introdução de doutrinas corruptas contra Deus e contra Seu Cristo" (Eusébio, *Eccl. History*, Livro IV, cap. 22).

5. *Primeiro Declínio da Igreja* — Milner, resumindo as condições presentes na Igreja no fim do segundo século, diz: "E aqui encerramos a visão do segundo século, que na maior parte exibiu provas da graça divina, tão fortes, ou quase, como no primeiro. Vimos a mesma firme e simples fé em Jesus, o mesmo amor a Deus e aos irmãos; e aquilo em que êles singularmente superavam os Cristãos modernos, isto é o mesmo espírito celestial e vitória sôbre o mundo. Mas uma sombra negra encobria essas glórias divinas. O Espírito de Deus já está

ofendido pelos intrusões ambiciosas dos justos presunçosos, pelos melhoramentos duvidosos, e pelo orgulho Farisaico; embora seja mais comum representar a mais sensível decadência de piedade como iniciada um século mais tarde, para mim parece já iniciada" (Milner, *Church History*, Sec. II, cap. 9).

Mosheim, escrevendo das condições presentes nos últimos anos do terceiro século, diz: "O antigo método de govêrno eclesiástico parecia em geral ainda subsistir, conquanto ao mesmo tempo, com passos imperceptíveis, êle se afastasse da orientação primitiva e degenerasse em direção a uma forma de monarquia religiosa. *** Essa alteração na forma de govêrno eclesiástico foi logo seguida por uma sucessão de vícios, que desonraram o caráter e a autoridade daqueles a quem a administração da Igreja estava confiada. Pois, embora muitos ainda continuassem a exibir ao mundo exemplos ilustrativos da primitiva *piedade* e virtude Cristã, entretanto muitos estavam mergulhados na luxúria e volúpia, ensoberbados com a vaidade, arrogância e ambição, possuídos por um espírito de contenda e discórdia, e se entregando a muitos outros vícios que lançam uma desmerecida reprovação sôbre a santa religião da qual êles eram os indignos mestres e ministros. Isto é testificado de maneira tão ampla pelas repetidas queixas de muitos dos mais respeitáveis escritores dessa era, que a verdade não nos permite estender o véu, que do contrário estaríamos desejosos de lançar, sôbre tais abusos entre uma ordem tão sagrada. Os bispos assumiam em muitos lugares uma autoridade principesca, especialmente aquêles que tinham os maiores números de igrejas sob sua jurisdição, e que presidiam as mais opulentas assembléias. Êles apropriavam para suas funções evangélicas as esplêndidas insígnias de magestade temporal. Um trono, rodeado pelos ministros, elevava, acima de seus semelhantes, o servo do manso e humilde Jesus; e suntuosas indumentárias ofuscavam os olhos e a mente da multidão numa ignorante veneração de sua usurpada autoridade. O exemplo dos bispos era ambiciosamente imitado pelos presbíteros que, negligenciando os sagrados deveres de sua posição, abandonavam-se à indolência e à delicadeza de uma vida efeminada e luxuriosa. Os diáconos, vendo os presbíteros abandonando assim suas funções, audaciosamente usurpavam seus direitos e privilégios e os efeitos de uma corrupta ambição foram espalhados através de tôda a hierarquia da ordem sagrada". (Mosheim, *Eccl. History*, Sec. III, Parte II, cap. 2:4).

## Capítulo VII

### *Causas Internas: Continuação*

1. A primeira entre as causas específicas dos distúrbios que operaram dentro da Igreja, e que contribuiram para a sua apostasia, são chamados de "*A corrupção dos simples princípios do Evangelho pela mistura dos assim chamados sistemas filosóficos dos tempos*".

2. A tentada implantação de doutrinas estranhas na verdadeira vinha do evangelho de Cristo, foi característica dos primeiros anos do período apostólico. Temos ciência de que o mágico Simão, que professava a crença e entrou para a Igreja pelo batismo, era tão destituído do verdadeiro espírito do evangelho que procurou obter pelo dinheiro a autoridade e o poder do sacerdócio. (Ver Atos 8:9, 13, 18-24). Êsse homem, embora admoestado por Pedro, e aparentemente penitente, continuou a perturbar a Igreja, inculcando heresias e angariando discípulos dentro do rebanho. Seus seguidores foram distintos como seita ou culto no quarto século; e, escrevendo nesse tempo sôbre êles, Eusébio diz: "Êstes, segundo a maneira de seu fundador, insinuando-se na Igreja, como uma doença pestilenta e leprosa, infectaram seus membros com a maior das corrupções, nos quais êles puderam inocular seu veneno secreto, irremediável e destrutivo". (Eusébio, *Eccl. History,* Livro II, cap. 1). Êsse Simão conhecido na história como o Mago, é referido pelos primeiros escritores Cristãos, como o fundador da heresia, devido a suas tentativas persistentes em combinar o Cristianismo com o Gnosticismo. É com referência a sua proposição de comprar a autoridade espiritual que todo o tráfico nos negócios espirituais ficou conhecido como Simonia.

3. Pela bôca de João, o Revelador, o Senhor reprovou certas igrejas por sua adoção ou tolerância de doutrinas e práticas estranhas ao evangelho. Com distinção êste é o caso dos Nicolaitas, e dos seguidores das doutrinas de Balaão. (Ver Apo. 2:15, comparar com versículo 6; ver também versículo 20. Ver Nota 1, no fim do capítulo).

4. A perversão da verdadeira teologia assim desenvolvida dentro da Igreja vem desde a introdução das falácias do Judaismo e dos pagãos. (Ver Nota 2, no fim do capítulo). Realmente, na abertura da era Cristã e durante séculos depois, o Judaismo estava mais ou menos intimamente misturado com a filosofia pagã, e contaminado com suas cerimônias. Haviam numerosas seitas e partidos, cultos e escolas, cada uma advogando teorias rivais qunto à constituição da alma, à essência do pecado, à natureza da Deiade, e uma multidão de outros mistérios. Os Cristãos logo se viram envolvidos em controvérsia sem fim entre si.

5. Os Judeus conversos ao Cristianismo procuraram modificar e adaptar os dogmas da nova fé de modo a harmonizá-los com seu amor herdado do Judaismo e o resultado foi destrutivo a ambos. Nosso Senhor indicou a futilidade de quaisquer tentativas para combinar novos princípios com os velhos sistemas, ou remendar os preconceitos do passado com fragmentos de doutrina nova. "Ninguém", disse Êle, "deita remendo de pano novo em vestido velho, porque semelhante remendo, rompe o vestido, e faz-se maior a rutura. Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam". (Mat. 9:16, 17). O evangelho veio como uma nova revelação, marcando o cumprimento da lei; não era um mero adendo, nem era um simples revigora-

mento de requestos passados. Incorporava um novo e eterno convênio. As tentativas para remendar o manto Judaísta com a nova fazenda do evangelho não podiam resultar em nada que fôsse mais bonito do que uma horrível rutura. O novo vinho do convênio não podia ser guardado nos recipientes de couro desgastado das libações Mosáicas. O Judaismo foi depreciado e o Cristianismo pervertido pela incongruente associação.

6. Entre as primeiras e mais perniciosas adulterações das doutrinas Cristãs está a introdução dos ensinamentos dos Gnósticos. Êstes filósofos de estilo próprio apresentaram pretenciosa afirmação de que eram capazes de guiar a mente humana a uma inteira compreensão do Supremo Ser e a um conhecimento da verdadeira relação entre a Deidade e os mortais. Chegaram a dizer que tinha existido um certo sêr em tôda a eternidade, manifestado como uma luz radiante difundida através do espaço, e a quem êles chamavam de *Pleroma.* "A natureza eterna, infinitamente perfeita e infinitamente feliz, tendo habitado eternamente em profunda solidão e em abençoada tranquilidade, produziu, finalmente, por si mesma, duas mentalidades de sexo diferente que lembravam seu supremo pai na mais perfeita maneira. Da prolífica união dêsses dois sêres, outros apareceram, de modo que com o correr dos tempos foi formada uma família celestial no Pleroma. Essa divina progenie, imutável em sua natureza e acima do poder mortal, foi chamada pelos filósofos, *Aeon* — têrmo Grego que significa, natureza eterna. O número dêsses Aeons, era um ponto muito controvertido entre os sábios orientais". (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. I, Parte II, 1:7).

7. Então um dos Aeos, distintamente chamado de Demiurgo, criou êste mundo, e arrogantemente vindicou o domínio sôbre o mesmo, negando absolutamente

a autoridade do supremo pai. A doutrina Gnóstica declara o homem como sendo uma união do corpo, que, sendo derivado da criação do Demiurgo, é essencialmente maléfico, e um espírito, que, sendo derivado da Deidade, é caracterìsticamente bom. Os espíritos assim aprisionados em corpos maus serão finalmente liberdos, e então o poder do Demiurgo cessará, e a terra será dissolvida no nada.

8. Nossa justificação em introduzir aqui êste sumário parcial do Gnosticismo é o fato de que foram feitos esforços anteriores para acomodar os dogmas dêsse sistema às exigências do Cristianismo; e que Cristo e o Espírito Santo foram declarados pertencentes à família dos Aeons estabelecida para êste esquema. Isto conduz ao extravagante absurdo de negar que Jesus tinha um corpo mesmo enquanto Êle viveu como homem; e que Sua aparência como um ser material foi um engano dos sentidos ocasionado pelo Seu poder sobrenatural. (Ver Nota 3, no fim do capítulo).

9. Que as doutrinas dos Gnósticos não eram satisfatórias mesmos a aquêles que professavam crer nelas, é evidente pelos muitos cultos e partidos que vieram a existir como subdivisões da seita principal; é interessante notar que nos tempos modernos certos pensadores livres se orgulhavam em assumir um título que expressava uma idéia completamente contrária à do nome Gnóstico, isto é, Agnóstico.

10. O efeito prático dos princípios do Gnosticismo nas vidas de seus adeptos é estranhamente diverso. Uma diversão da seita seguiu uma vida de austeridade, compreendendo rigoroso sacrifício, tortura corporal, na vã crença de que o corpo maligno podia assim ser subjugado, enquanto ao espírito seria dado aumento de poder e maior liberdade. Um outro culto procurou diminuir a diferença de moralidade na vida humana; e

êstes se abandonavam aos impulsos das paixões e das fraquezas de natureza corporal, sem restrição, na presunção de que não havia nenhuma relação entre o corpo e a alma que causasse injúria à última através das indulgências e dos excessos corporais.

11. Uma outra seita ou escola cujas doutrinas estavam até certa extensão amalgamadas com as do Cristianismo era a dos Neo-Platônicos. As antigas seitas dos Platônicos estavam aliadas em alguns pontos doutrinários com os Epicurianos, e eram rivais senão oponentes dos Estóicos. Os primeiros Platônicos mantinham que a matéria inorganizada existiu em tôda a eternidade, e que seu organizador, Deus, é semelhantemente eterno. Assim como Deus é eterno, assim Sua vontade ou inteligência é sem princípio, e essa inteligência eterna que existe por vontade ou intento da Deidade, foi chamada de *Logos*. Tais preceitos, que tinham sido ensinados muito antes da era Cristã, e a filosofia professada por algumas das seitas contendoras entre os Judeus no tempo de Cristo, foram por êsse meio influenciados.

12. À medida que os princípios do Cristianismo foram difundidos em geral, certos líderes nas seitas dos Platônicos acharam na nova doutrina muito o que estudar e admirar. Nesse tempo, contudo, o próprio Platonismo havia sofrido muitas alterações, e os adeptos mais liberais tinham formado uma nova organização e se distinguiam pela designação de Neo-Platônicos. Êstes diziam encontrar em Jesus Cristo a incarnação do Logos, e aceitavam com ansiedade a declaração de São João: "No Princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. *** E o Verbo se fêz carne e habitou entre nós". (João 1:1,14). De acôrdo com a filosofia Eclética ou Neo-Platônica, o "Verbo" referido por São João era o "Logos" descrito por Platão.

13. O conceito Platônico da Divindade como consistindo da Deidade e do Logos, foi aumentado de acôrdo com os dógmas Cristãos como consistentes de três membros, sendo o Espírito Santo o terceiro. Daí levantou-se amarga e duradoura dissenção com respeito ao poder relativo de cada membro da Trindade, especialmente quanto à posição e autoridade do Logos ou o Filho. As muitas disputas inerentes à mistura da teoria Platônica com a doutrina Cristã continuaram através dos séculos, e de um modo pode-se dizer que perturbou a mente dos homens mesmo nesta época moderna.

14. Está inteiramente além do nosso intuito classificar ou descrever a descendência híbrida resultante da desnatural união da filosofia pagã e da Verdade Cristã; nem tentaremos seguir em detalhes as dissenções e contendas sôbre os pontos teológicos e questões de doutrina. Nosso propósito será alcançado quando pela exposição de fatos e citações de autoridades, fôr estabelecida a realidade da apostasia. Consideraremos, portanto, sòmente as mais importantes dissenções pelas quais a Igreja foi perturbada. (Ver Nota 4 no fim do capítulo).

15. Em meados do terceiro século, Sibellius, um presbítero ou bispo da Igreja na África, advogou fortemente a doutrina de "três em unidade" como caracterizando a Trindade. Êle clamava que a natureza divina de Cristo não era nenhum atributo distinto ou pessoal do homem Jesus, mas simplesmente uma porção da energia divina, uma emanação do Pai, com a qual o Filho foi temporàriamente revestido; e que da mesma maneira o Espírito Santo era uma parte do divino Pai. Êstes pontos de vista eram tão vigorosamente rejeitados por uns, quanto defendidos por outros e o desentendimento era prevalente quando Constantino tão repentinamente alterou a posição da Igreja, e trouxe em seu apôio o

poder do Estado. No princípio do quarto século a disputa assumiu um aspecto ameaçador na amarga contenda entre Alexandre, bispo de Alexandria, e Ario, um dos oficiais subordinados da mesma Igreja. Alexandre proclamava que o Filho era em todos os pontos igual ao Pai, e que era da mesma substância ou essência. Ario insistia que o Filho tinha sido criado pelo Pai, e portanto não podia ser co-eterno com seu Pai divino; e que o Filho era o agente através do qual a vontade do Pai era executada, e que por essa razão também o Filho era inferior ao Pai tanto na natureza como na dignidade. Dessa mesma maneira o Espírito Santo era inferior aos outros membros da Divindade.

16. O Arianismo, como veio a ser conhecida a doutrina, era pregado com vigor e acusado com energia; e a dissenção assim ocasionada ameaçava seccionar a Igreja em seus alicerces. Pelo menos, o imperador Constantino, foi forçado a intervir num esforço para estabelecer a paz entre seus igrejeiros contendores. Êle convocou um conselho dos dignatários da igreja que se rerniu no ano de 325 e que ficou conhecido como Concílio de Nicéa devido ao lugar em que foi realizado. Êsse Concílio condenou as doutrinas de Ario e pronunciou sentença de banimento contra seu autor. O que foi declarado a ser a doutrina ortodoxa da igreja universal ou Católica com respeito à trindade foi promulgado como segue:

17. "Cremos num Deus, o Pai, Todopoderoso, o criador de tôdas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigênito do Pai (isto é) da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus e muito Deus; unigênito gerado e não feito; da mesma substância do Pai, pelo qual tôdas as coisas foram feitas, que estão no céu e que estão na terra: que por nós os homens, e para nossa salvação,

desceu e se encarnou, e se tornou homem; sofreu e subiu novamente no terceiro dia, ascendeu aos céus e virá julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo. Mas aquêles que dizem que houve uma época em que êle (o Filho) não existia, e que êle não existia antes que fôsse gerado, e que êle foi feito do nada, ou afirmam que êle não é de nenhuma outra substância ou essência, ou que o Filho de Deus foi criado, é mutável ou variável, a Igreja Católica os considera execráveis".

18. Esta é a versão geralmente aceita do Credo de Nicéa como foi originalmente promulgada. Na forma foi um tanto modificado embora ficasse pràticamente imutável quanto à essência pelo concílio reunido em Constantinopla meio século depois. O que é considerado como reafirmação do Credo de Nicéa é atribuído a Atanasio, um dos principais oponentes do arianismo, embora seus direitos de ser considerado o autor seja questionado por muitos e negado enfàticamente por algumas autoridades em história eclesiástica. Não obstante, a citação referida achou um lugar na literatura como o "Credo de Atanásio", e certa ou errôneamente chamado, persiste como uma declaração da crença professada por algumas seitas Cristãs de hoje. Êle tem lugar presente no ritual prescrito da Igreja da Inglaterra. O "Credo de Atanásio" rege-se como segue:

19. "Adoramos um Deus, na Trindade e a Trindade na Unidade, nem confundindo as pessoas, nem dividindo a substância. Porque há uma pessoa do Pai, outra do Filho, e uma outra do Espírito Santo. Porém a Divindade do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, tôda é uma: a glória é igual, a magestade co-eterna. Tal como o Pai, é o Filho e o Espírito Santo. O Pai não é criado, o Filho não é criado, e o Espírito Santo não é criado. O Pai é inconcebível, o Filho é inconcebível, e o Espírito Santo é inconcebível. O Pai é eterno, o

Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno. E não obstante não há três eternos; mas sim um eterno. Como também não há três que não foram criados, e nem três; mas um que não foi criado e um inconcebível. Assim dessa maneira o Pai é Todopoderoso, o Filho é Todopoderoso, e o Espírito Santo é Todopoderoso; e não obstante não há três Todopoderosos, mas sim um Todopoderoso. Assim o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus, não obstante não há três Deuses mas sim um Deus".

20. O Concílio de Nicéa, é conhecido na história Eclesiástica como uma das mais famosas e mais importantes congregações jamais reunida num corpo oficial relacionado com a administração da igreja. Não só a disputa ariana foi eliminada, até aonde o decreto eclesiástico podia eliminar uma questão que afetava vitalmente a consciência individual, mas muitos outros objetos de controvérsia foram igualmente silenciados para o tempo. Assim a disputa tão longamente pendente quanto ao tempo da celebração da Páscoa foi decidida por voto, bem como o foi a questão agitada por Novato e seus seguidores — quanto à propriedade da readmissão dos apóstatas arrependidos à Igreja, e a dissensão causada por Melecio, bispo da África Superior, que tinha se recusado a reconhecer a autoridade do bispo de Alexandria. Pelo número e pela diversidade de questões trazidas perante o Concílio de Nicéa para adjudicação, podemos concluir seguramente que a recém-entronada Igreja não era caracterizada nem pela unidade de propósito nem harmonia de ação. Contudo, comparada com as amargas contenções que se seguiram, as dissenções no reinado de Constantino foram apenas o princípio dos distúrbios.

21. O efeito moral do potente espírito da apostasia que operou durante os três primeiros séculos da exis-

tência da Igreja e foi nutrido pelas contribuições da filosofia pagã, provou, como era inevitável, ser altamente injurioso e mau. É de nosso dever considerar alguns dos mais perniciosos dêsses efeitos.

22. *Visões Pervertidas da Vida.* Uma das heresias de antiga origém e rápido crescimento na Igreja foi a doutrina do antagonismo entre o corpo e o espírito, pela qual o primeiro era considerado como um incubo e uma maldição. Pelo que foi dito isto será reconhecido como uma das perversões derivadas da aliança do Gnosticismo com o Cristianismo. O resultado dessa enxertia de doutrinas pagãs foi o grande crescimento das práticas eremitas, pelas quais os homens procuravam se enfraquecer, torturar e subjugar seus corpos, para que seus espíritos ou "almas" pudessem ganhar maior liberdade. Muitos que adotavam essa irregular visão da existência humana retiravam-se à solidão do deserto e lá passavam seu tempo em práticas de severa abnegação e em atos de auto-torturas. Outros se trancavam voluntàriamente como prisioneiros, procurando a glória na privação e sofrimento impostos por si mesmos. Foi essa visão não natural da vida que deu origem a várias ordens de reclusos, eremitas e monges.

23. Não julgam que o Salvador tinha em mente tais práticas, quando, alertando os discípulos contra falsas alegações de santidade que caracterizariam os tempos então prestes seguir, Êle disse: "Portanto, se vos disserem: Eis que Êle (Cristo) está no deserto, não saiais; Eis que Êle está no interior da casa; não acrediteis". (Mat. 24:26)?

24. Quando a Igreja veio a ser favorecido pelo estado sob o reinado de Constantino, no quarto século, apareceram muitas ordens de reclusos que "mantinham que a comunhão com Deus era para ser procurada pela mortificação dos sentidos, afastando o pensamento de

coisas externas, macerando o corpo pela fome e trabalho, e por uma espécie de indolência sagrada, que confinava tôda atividade da alma a uma indolente contemplação das coisas espirituais e externas". Mosheim, o autor agora citado, continua: "A Igreja Cristã nunca teria sido degraciada por êsse cruel e insociável entusiasmo, nem nunca seria sujeita a aquêles penetrantes tormentos da mente e do corpo aos quais deu origem, não tivessem muitos Cristãos sido imprudentemente apanhados pelas aparências ilusórias e pelo impressionante som da máxima da filosofia antiga" "Que com o fim de alcançar a verdadeira felicidade e a comunhão com Deus, era necessário que a alma fôsse separada do corpo, mesmo aqui em baixo; e que o corpo fôsse macerado e mortificado para êsse fim". (Mosheim, *Eccl. History*, Sec. IV, Parte II, cap. 3:12,13).

25. O fruto dessa má semeadura foi o crescimento de numerosas ordens de monges e a manutenção de mosteiros. O celibato era ensinado como uma virtude, e veio a ser uma exigência do clero, como o é na Igreja Católica Romana de hoje. Um clérigo solteiro, privado das elevadas influências da vida doméstica, cai em muitos excessos, e a corrupção dos sacerdotes tem sido um tema de reprovação através dos séculos. "O Senhor Deus, disse: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dêle", (Gen. 2:18) e mais, "Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher e serão ambos uma só carne". (Versículo 24). Seus apóstolos inspirados proclamavam :"Todavia nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor". (I Cor. 11:11. Compare com I Tim. 4:3). Entretanto uma igreja apóstata decreta que seus ministros estão proibidos de seguir a lei de Deus.

26. *Menosprêzo à verdade.* No quarto século, certas doutrinas perniciosas incorporando o menosprêzo

pela verdade, ganharam aceitação na Igreja. Assim foi ensinado "que era um ato de virtude enganar e mentir, quando por aquêles meios os interêsses da igreja podiam ser promovidos". (Mosheim, *Eccl. History*, Sec. IV, Parte II, cap. 3:16). Desnecessário dizer, outros pecados sem ser os da falsidade e fraude eram justificados nos supostos interêsses do adiantamento da igreja, e o crime era tolerado sob a especial alegação de que o fim justifica os meios. Muitas das fábulas e histórias fictícias relacionados com a vida de Cristo, e dos seus apóstolos, como também os falsos relatos de visitações sobrenaturais e milagres maravilhosos, no que a literatura dos primeiros séculos é abundante, têm origem nessa infame doutrina de que as mentiras são aceitas por Deus se perpetradas numa causa que o homem considere boa. (Ver Nota 5, no fim do capítulo).

## NOTAS

1. *Os Nicolaitas.* — Esta seita é mencionada especificamente na divina comunicação em que João Batista o Revelador foi instruído a escrever às igrejas da Ásia (Apo. 2:6,15); e a passagem prova o desprêzo com que o Senhor considerava os ensinamentos e práticas do culto. A tentativa de corromper o Cristianismo pela introdução das cerimônias Nicolaitas, foi um real perigo que ameaçou a Igreja. O extrato seguinte do Dicionário Bíblico de Smith, é elucidativo:

"A própria seita vem perante nós aparentando a última fase de uma grande controvérsia, que ameaçou contaminar sua pureza. A controvérsia em si era inevitável tão logo os gentios fôssem admitidos em grandes números na Igreja de Cristo. Deveriam os novos conversos serem submetidos inteiramente à lei Mosaica? Os apóstolos e os anciãos de Jerusalém encararam calma e sàbiamente a questão. O pêso da lei não era para ser imposto aos discípulos gentios. Êles deviam se abster entre outras coisas, de "sacrifícios oferecidos aos ídolos" e da fornicação" (Atos 15:20,29), e êsse decreto foi recebido como o grande têrmo de liberdade da Igreja. Estranho como a estreita união dos mandamentos morais e positivos possa nos parecer, não parecia ao sínodo em Jerusalém. Os dois pecados

estavam bem intimamente aliados, muitas vêzes mesmo na mais estreita proximidade de tempo e lugar. As mensagens às igrejas da Ásia, e as posteriores Epístolas Apostólicas (II Pedro, e S. Judas) indicam que os dois males apareceram naquele período também em ínitma aliança. Os mestres da Igreja os estigmatizaram com um nome que expressava seu verdadeiro caráter. Os homens que faziam e ensinavam tais coisas eram os seguidores de Balaão (II Pedro 2:15; S. Judas 11). Êles, como os falsos profetas de Pethor, uniam bravas palavras com feitos maléficos. Numa época da perseguição, quando o comer ou não das coisas sacrificadas aos ídolos era mais que tudo uma prova crucial da lealdade, êles persuadiam os homens antes de tudo que aquilo era indiferente (Apo-. 2:13, 14). Isto era bastante ruim, mas havia ainda algo de bem pior. Misturando-se nas orgias dos festins idólatras, êles traziam as impurezas dos mesmos às reuniões da Igreja Cristã. E tudo isso foi feito, deve ser lembrado, não simplesmente como uma indulgência do apetite, mas como parte de um sistema sustentado por uma "doutrina" acompanhada pela pretensão de iluminação profética (II Pedro 2:1).

2. *Imitação dos mistérios pagãos e o resultado* — A adoração de Deus pelos primeiros Cristãos foi censurada e ridicularizada por causa de sua simplicidade e ausência de cerimônias místicas. É verdade, que o ardor dos perseguidores logo tornou necessário um prudente sigilo nos serviços religiosos e reuniões de adoração, mas ao lado dessa necessidade, havia um esfôrço voluntário de fingir um sigilo que não era exigido. Sôbre êsse ponto Gibbon, diz o seguinte: "As precauções com que os discípulos de Cristo realizavam os ofícios da religião foram primeiramente ditadas pelo mêdo e necessidade; mas foram continuadas espontâneamente. Pela imitação do terrível sigilo dos mistérios Eleusianos, os Cristãos se iludiam julgando suas instituições sagradas mais respeitáveis aos olhos do mundo pagão. Mas o evento, como sempre acontece às operações de política sútil, decepcionou seus desejos e suas espectativas. Concluiu-se que êles sòmente escondiam o que tinham vergonha de revelar. Sua prudência errônea apresentou uma oportunidade para a credulidade suspeita crer e para a malícia inventar as horríveis histórias que descreviam os Cristãos como os mais desumanos da espécie humana, porque praticavam em seus recessos obscuros tôda abominação que uma fantasia depravada podia sugerir, e que solicitavam o favor de seu Deus desconhecido pelo sacrifício de tôda virtude moral. Haviam muitos que fingiam confessar ou relatar as cerimô-

nias dessa sociedade detestada" (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, cap. XVI).

3. *Ebionitas e Gnósticos* — "Além do desígnio geral de fixar uma base perpétua para as divinas honras de Cristo, os mais antigos e respeitáveis dos escritores eclesiásticos, imputavam aos teólogos evangélicos (S. João) um especial intento de refutar duas heresias oponentes que perturbavam a paz da Igreja primitiva" I. A fé dos Ebionitas, talvez dos Nazarenos, era grosseira e imperfeita. Veneravam Jesus como o maior dos profetas, revestido de virtude e poder sobrenaturais. Atribuíam à Sua pessoa e ao Seu futuro reino tôdas as predições dos oráculos Hebreus que se relacionavam com o reino espiritual e eterno do Messias. Alguns dêles podiam confessar que Êle nasceu de uma virgem; mas obstinadamente rejeitavam a existência precedente e as divinas perfeições do Logos, ou Filho de Deus, que são bem definidas no evangelho de S. João. *** II. Os Gnósticos, que eram distintos pelo epíteto de Docetes, desviaram-se ao extremo oposto e traíam a natureza humana de Cristo enquanto afirmavam sua natureza divina. Educados na escola de Plato, acostumados à sublime idéia do Logos, prontamente conceberam que o mais eminente Aeon ou Emanação da Deidade, poderia assumir a forma exterior e a aparência visível de um mortal; mas em vão fingiam que as imperfeições da matéria eram incompatíveis com a pureza de uma substância celestial. Enquanto o sangue do Cristo ainda se evolava no Monte do Calvário, os Docetes inventavam a ímpia e extravagante hipótese de que, em vez de nascer da virgem, êle tinha descido nas margens do Jordão na forma de homem perfeito; que se tinha imposto aos sentidos de seus inimigos e de Seus discípulos e que os ministros de Pilatos tinham desperdiçado sua fúria impotente num fantasma etéreo, que parecia expirar na Cruz, e, após três dias, ressuscitar dos mortos" (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, cap. XXI).

4. *Fusão das Doutrinas Pagãs com o Cristianismo* — Os seguintes esclarecimentos pelos modernos ecritores com respeito à "filosofia" pagã sôbre a Igreja são dignos de atenção. Sumariando as condições prevalentes na última parte do segundo século, Milner diz: "Até aqui não achamos difícil descobrir nos mestres e escritores do Cristianismo, as doutrinas vitais de Cristo. Agora veremos que as mais preciosas verdades do evangelho começam a ser menos consideradas e menos vistas. Mesmo Justino o Mártir antes do período da corrupção eclética,

pela sua simpatia por Plato, adulterou o evangelho de certo modo, como observamos especialmente no artigo de livre arbítrio. Tatiano, seu seguidor, foi mais longe, e mereceu o nome de herético. Êle tratava principalmente dos méritos da temperança e castidade; e estas virtudes, levadas com excesso extravagante, sob a noção de pureza superior, tornaram-se grandes máquinas de pretensa retidão e superstições; obscureciam os pontos de vista dos homens com respeito à fé em Cristo, e turbavam tôda a face do Cristianismo. Sob a alentadora mão de Ammonio e de seus seguidores, essa fictícia santidade dissimulada sob a aparência de eminente santidade, foi formada num sistema; e logo começou a gerar o pior dos males. *** A cautela de S. Paulo contra a filosofia e vão estratagema, parece, foi agora fatalmente negligenciada pelos Cristãos. A falsa humildade, o "culto da vontade" os curiosos e orgulhosos requintes, e as austerezas corporais,, juntamente com altas pretensões de retidão, ignorância a Cristo e da verdadeira vida de fé n'Êle, foram superadas miseràvelmente pelas cerimônias e superstições — tôdas estas coisas são divinamente delineadas no segundo capítulo dos Colossenses: e, até onde as palavras podem fazê-lo, a verdadeira defesa contra elas é poderosamente descrita e reforçada". (Milner, *Church History*, Sec. II, cap. 9).

"As dissensões e as comoções que se originaram na Igreja pela mistura da filosofia oriental e Egípcia com a religião Cristã foram, no segundo século, aumentadas pelos filósofos Gregos que abraçaram a doutrina de Cristo. A doutrina Cristã, com respeito ao Pai, o Filho, e o Espírito Santo, e as duas naturezas unidas em nosso abençoado Salvador, não eram de modo algum reconciliáveis com os dógmas dos sábios e doutores da Grécia que, portanto, se esforçaram para explicá-los de maneira a torná-los compreensíveis. Praxeas, homem intelectual e letrado começou a propagar essas explicações em Roma e foi severamente perseguido pelos erros que elas continham. Êle negava qualquer distinção real entre o Pai e o Filho e o Espírito Santo; e mantinha que o Pai, único criador de tôdas as coisas, tinha unido a Êle próprio a natureza humana de Cristo. Por isso seus seguidores foram chamados de Monarquistas, por causa de sua descrença na pluralidade das pessoas da Deidade; e também Patropassianos, porque, de acôrdo com a exposição de Tertuliano, êles acreditavam que o Pai estava intimamente ligado ao homem Cristo, Seu filho, porque sofreu com Êle a angústia de uma vida aflita e os tormentos de uma ignominiosa morte. Apesar de muitos homens terem abraçado essa doutrina errônea, não parece que essa seita formava para êles próprios um

lugar separado para cultuar e nem os removia das reuniões dos Cristãos" (Mosheim *Eccl. History*, Sec. II, Parte, cap. 5:20).

5. *Falsos escritos no Período Apostólico.* "Não muito após a ascenção de Cristo aos céus, várias histórias de sua vida e doutrinas, cheias de fraudes pias e maravilhas fabulosas, foram compostas por pessoas cujas intenções, talvez, não fôssem más, mas cujos escritos revelaram a maior superstição e ignorância. Isso não era tudo: apareceram produções que foram impostas ao mundo por homens fraudulentos, como se fôssem escritos dos santos apóstolos. Êsses apócrifos e falsos escritos teriam produzido uma triste confusão tornando tanto a história como a doutrina de Cristo incerta, não tivessem os dirigentes da Igreja usado de todo o cuidado e diligência possíveis na separação dos livros que eram verdadeiramente apostólicos e divinos de todos os daquele falso rebotalho" (Mosheim, *Eccl. Hist.*, Sec. I, Part. II, cap. 2:7).

## Capítulo VIII

### *Causas Internas — Continuação*

1. Como uma das mais eficientes causas que levaram à apostasia a Igreja Primitiva, já mencionamos: "*as adições não autorizadas às cerimônias da Igreja, e a introdução de alterações vitais nas ordenanças essenciais.*

2. Já foi mencionado o ridículo acumulado sôbre a Igreja Primitiva pelos pagãos em virtude da simplicidade da adoração Cristã. Essa causa de depreciação não era menos salientada pelos críticos Judaístas, a quem os rituais e cerimônias, o formalismo e os ritos prescritos, figuravam como essenciais à religião. Logo no começo de sua história, a Igreja manifestou uma tendência para substituir a primitiva simplicidade de sua adoração por cerimônias elaboradas, copiadas segundo o ritual judaísta e idolatrias pagãs.

3. Quanto a essas inovações, Mosheim escreve o seguinte com referência às condições existentes no século dois: "Não existe nenhuma instituição tão pura e excelente que a corrupção e a estupidez do homem não a altere com o tempo para pior, adicionando coisas estranhas à sua natureza e desígnios originais. Êste, de maneira especial, foi o destino do Cristianismo. Nesse século muitos ritos e cerimônias desnecessárias foram acrescentadas à adoração Cristã, sendo essas introduções extremamente ofensivas aos homens sábios e bons. Estas alterações, conquanto destruíssem a beleza e a simplicidade do evangelho, eram do agrado do grosso das multidões, que se contentava mais com a pompa e esplendor das instituições externas do que com os encantos natos da piedade sólida e racional, e

que geralmente davam pouca atenção a qualquer objeto a não ser àqueles que tocavam seus sentimentos exteriores". (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. II, Parte II, cap. 4). O autor citado explica que os bispos daqueles dias aumentaram as cerimônias e procuram dar-lhes esplendor "com o fim de acomodá-las às fraquezas e preceitos tanto dos Judeus como dos pagãos" (Ver Nota 1, no fim do capítulo).

4. Para reconciliar mais efetivameste os requisitos do evangelho com o preconceito Judeu, que ainda se apegava à lei Mosáica, os oficiais da Igreja no primeiro e segundo séculos tomaram para êles próprios os antigos títulos; assim, os bispos se estilizaram como sacerdotes-chefes e os diáconos, Levitas. "Da mesma forma", diz Mosheim, "a comparação da *oblação* Cristã com o *sacrifício de vítima* do Judaismo, redundou numa porção de ritos desnecessários, e foi a ocasião para a introdução daquela noção errônea da *eucaristia,* que a representa como um verdadeiro sacrifício e não meramente como uma comemoração da grande oferenda que uma vez foi feita sôbre a cruz pelos pecados dos mortais" (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. II, Parte II, cap. 4:4).

5. No século quatro vamos encontrar a Igreja ainda mais desesperançada e entregue ao formalismo e às superstições. O decente respeito com que os remanescentes dos primeiros mártires tinham sido honrados, degenerou ou se desenvolveu numa supersticiosa reverência, redundando em adoração. Esta prática foi permitida em deferência da adoração pagã prestada aos heróis endeusados. As peregrinações aos túmulos dos mártires tornaram-se comuns como forma exterior de devoção religiosa; e as cinzas dos mártires, bem como o pó e a terra, trazidos de lugares que se diziam sagrados por alguma ocorrência incomum, eram vendidos como

supremos remédios contra a doença e como meio de proteção contra assaltos de espíritos malígnos.

4. A forma de adoração pública foi tão alterada durante os séculos dois e três que pouca semelhança tinha com a simplicidade e ardor das primeiras congregações. Discursos filosóficos tomaram o lugar dos fervorosos testemunhos que se prestavam, e a habilidade do orador retórico e controverso suplantava a verdadeira eloquência da convicção religiosa. O aplauso era permitido e esperado, como evidência da popularidade do orador. A queima de incenso, primeiramente detestada pelas juntas Cristãs por causa de sua origem e significação pagã, tinha se tornado comum na Igreja antes do fim do terceiro século.

7. No século quatro a adoração de imagens, quadros e efígies, tomou lugar na assim chamada adoração Cristã; e sua prática se tornou geral no século seguinte. Um esfôrço para impedir os abusos resultantes dessa prática idólatra no século oito, redundou em guerra civil. (Ver Mosheim, *Eccl. History,* Sec. VIII, Parte II, cap. 3: 9, 10).

8. Na consideração dessas evidências do cerimonial pagão e dos ritos supersticiosos que tomaram o lugar dos simples procederes próprios da genuina adoração característica da Igreja nos dias de sua integridade, quem pode duvidar do solene e chocante fato da real apostasia? (Ver Nota 2, no fim do capítulo). Porém, mais importante ainda, mais significativo ainda que as meras adições ao cerimonial ritualístico, são as perversões e alterações introduzidas nas mais sagradas e essenciais ordenanças da Igreja de Cristo. Como é comum com as autoridades eclesiásticas considerar as ordenanças mais essenciais do evangelho originalmente estabelecidas por Cristo e mantidas por Seus Apósto-

los, compreendendo o batismo e o sacramento da ceia do Senhor, examinaremos sòmente estas como exemplos das alterações não autorizadas, agora sob consideração. Assim restringindo nossos exemplos ilustrativos não admitimos que o batismo e o sacramento fôssem as únicas ordenanças características da Igreja; realmente há abundante prova do contrário. Assim, a imposição autorizada das mãos para o dom do Espírito Santo no caso de crentes batizados, era tão essencial como o próprio batismo, (Ves Atos 8:5-8, 12, 14-17; também 19:1-7; também 19:1-7; ver também 2:38; ver Mat. 3:11; e Marcos 1:8) e foi certamente considerada como uma ordenança vital desde o princípio. (Ver Mat. 3:11). Além disso, a ordenação no sacerdócio, pela qual os homens eram comissionados por divina autoridade, era indispensável para a manutenção de uma Igreja organizada. Os exemplos selecionados, contudo, serão suficientes para o fim de nosso presente inquérito.

### *Alterada a ordenança do Batismo*

9. Primeiramente, quanto ao batismo. Em que consistia a ordenança original, quanto à intenção e modo da administração, e quais as alterações que ela sofreu no curso da apostasia progressiva pela qual a Igreja passou? Que o batismo é essencial à salvação não é necessário demonstrar aqui: isto tem sido geralmente apoiado pela Igreja Cristã tanto no tempo antigo como no moderno. (Para uma consideração mais concisa dêsse assunto, ver *Regras de Fé,* do Autor, Capítulo 6:8-29). A intenção do batismo foi e é a obtenção da remissão dos pecados; a obediência a êsse requisito tem sido desde o comêço o único meio de assegurar admissão à Igreja de Cristo (Ver Mar. 1:4 e Luc. 3:3, também Atos 2:38; I Pedro 3:21; e Atos 22:16. Compare com II Nefi 31:17).

10. Na Igreja antiga, o batismo era administrado mediante a profissão de fé e evidência de arrependimento, e era realizado por imersão — (Ver Nota 3, no fim do capítulo) — pelas mãos de alguém investido com autoridade necessária do sacerdócio. Não havia delongas na administração da ordenança após a elegibilidade do candidato ter sido mostrada. Como exemplos podemos citar a prontidão com que o batismo foi administrado aos crentes naquele grande dia de Pentecostes; (Atos 2:37-41); o batismo administrado por Felipe ao Etíope converso imediatamente em seguida à devida profissão de fé (Atos 8:26-39); o batismo imediato do devoto Cornélio e sua família; (Atos 10:47,48) e a rapidez do batismo do carcereiro convertido por Paulo, seu prisioneiro. (Atos 16:31-33).

11. No século dois, contudo, um mandato sacerdotal restringiu a ordenança batismal às épocas de duas festas da Igreja, a Páscoa e a festa de Pentecostes, sendo a primeira o aniversário da ressurreição de Cristo e a segunda a ocasião da celebração Pentecostal. Era exigido um longo e tedioso curso preparatório do candidato antes de sua elegibilidade ser admitida; durante êsse tempo êle era conhecido como *catecúmeno,* ou noviço em treinamento. De acôrdo com algumas autoridades era requerido um curso de preparação de três anos em todos os casos com exceção de alguns excepcionais. (Schlegel, Livro VIII, cap. 32).

12. Durante o século dois o simbolismo batismal de um novo nascimento foi salientado por muitas adições à ordenança; assim os recém-batizados eram tratados como infantes e eram alimentados com leite e mel como símbolo de sua imaturidade. Como o batismo se destinava a ser uma cerimônia de libertação da escravidão de Satã, certas fórmulas usadas na libertação de escravos foram adicionadas. A unção com óleo tor-

nou-se também numa parte da cerimônia. No terceiro século a simples ordenança do batismo foi ainda mais complicada e pervertida pelas administrações de um exorcita. Êsse oficial entregava-se a "gritos ameaçadores e horrendos e declamação" pelos quais deveriam ser expulsos os demônios ou espíritos maus com que supunha-se que o candidato estivesse afligido. "A expulsão dêsse demônio era agora considerada como uma preparação essencial para o batismo, após cuja administração os candidatos regressavam ao lar, adornados com coroas, e vestidos com indumentárias brancas, como emblemas sagrados, o primeiro representando sua vitória sôbre o pecado e o mundo; o último sua pureza e inocência interiores". (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. III, Parte II, cap. 4:4). Não é difícil ver nessa supersticiosa cerimônia a evidência da adulteração pagã da religião Cristã. No século quatro tornou-se prática colocar sal na bôca do recém-batizado, como símbolo de purificação, e o batismo real era tanto precedido como seguido por uma unção com óleo.

13. A forma ou o modo do batismo também sofreu uma mudança radical na primeira metade do século três — alteração pela qual seu simbolismo essencial foi destruído. A imersão (Ver Nota 3, no fim do capítulo) significando a morte seguida pela ressurreição, não era mais considerada um característico essencial e foi permitido que a aspersão com água a substituisse. O próprio autorizado e erudito Cipriano, bispo de Cartago, defendeu a propriedade da aspersão em lugar da imersão em casos de fraqueza física; e a prática assim iniciada, tornou-se mais tarde geral. O primeiro exemplo registrado é o de Novato, herege que pediu o batismo quando pensou que a morte estava próxima. (Quanto à doutrina do batismo, seu modo de administração e seu simbolismo, ver *Regras de Fé,* do autor, capítulo 7).

14. Não só foi a forma do rito batismal radicalmente alterada, como pervertida a aplicação da ordenança. A prática da administração do batismo às crianças foi reconhecida como ortodoxa no terceiro século, e era sem dúvida de orígem anterior. Numa prolongada disputa quanto a se era seguro adiar o batismo das crianças até o oitavo dia depois do nascimento — em deferência ao costume Judeu de fazer a circuncisão naquele dia — foi gravemente decidido que tal demora devia ser perigosa, arriscando assim o futuro bem-estar da criança caso ela morresse antes de atingir a idade de oito dias e que o batismo devia ser administrado tão logo após o nascimento quanto possível. (Ver Milner, *Church History*, Sec. III, cap. 13). Doutrina mais infame do que a da condenação das crianças não batizadas não pode sequer ser imaginada, e uma prova mais forte das heresias que invadiram e corromperam a Igreja primitiva não necessita ser procurada. Tal doutrina é estranha ao evangelho e à Igreja de Cristo, e sua adoção como um dogma essencial é prova da apostasia. (Para uma melhor orientação do batismo de crianças ver *Regras de Fé*, do autor, Capítulo 6; ver nota 4, no fim do capítulo).

### *Alterações na Ordenança do Sacramento da Cêia do Senhor*

15. O sacramento da Ceia do Senhor tem sido considerado como uma ordenança essencial desde o tempo de seu estabelecimento na Igreja por Jesus Cristo. Entretanto a despeito de sua santidade êle sofreu radical alteração tanto quanto ao seu simbolismo como foi administrado durante os dias do ministério apostólico, era tão simples quanto sagrado e solene. Acompanhado do verdadeiro espírito do evangelho, sua simplicidade era santificadora: interpretado pelo espírito

apostático, essa simplicidade se tornava uma reprovação. Daí o encontrarmos no século três a prescrição de longas orações sacramentais e a introdução de muita pompa. Vasos de ouro e prata eram usados pelas congregações que dêles podiam dispor e isso com ostentosa exibição. Os não membros e os membros "que estavam num estado de penitência", eram excluídos do ofício sacramental — em imitação da exclusividade que acompanha os mistérios pagãos. Surgiram as disputas e as dissensões quanto ao tempo apropriado da administração do sacramento — pela manhã, ao meio dia, ou à tarde; e quanto a frequência com a qual a ordenança devia ser celebrada. (Ver Nota 5, no fim do capítulo).

16. Numa data posterior a doutrina da *Transubstanciação* foi estabelecida como um dogma essencial da Igreja Romana. Isto brevemente sumariado, quer dizer que os elementos, — isto é o pão e o vinho usados no sacramento — perdiam o seu caráter como simples pão e vinho, e se tornavam de fato a carne e o sangue do Cristo crucificado. A transmutação se verificava presumìvelmente de tal modo místico que chegava a enganar os sentidos; e, assim, a despeito do fato de ser carne real e vinho real, os elementos ainda pareciam ser pão e vinho. Esta visão, tão fortemente defendida e àvidamente reverenciada pelos membros ortodoxos da Igreja Romana, é veementemente denunciada pelos outros como "um dogma absurdo", (Milner) e uma "monstruosa e irreal doutrina". (Mosheim).

17. Têm havido muitos debates quanto à origem dessa doutrina, (Ver Nota 6, no fim do capítulo) alegando os Católicos Romanos a sua grande antiguidade, enquanto seus oponentes insistem que foi uma inovação do oitavo ou do nono século. De acôrdo com Milner ela foi abertamente ensinada no século nove; (Milner, *Church History,* Sec. IX, cap. 1) foi formalmente esta-

belecida como um dogma da Igreja pelo Conselho de Placentia em 1095 A.D. (O mesmo, Sec. XI, cap. 1) e foi tornada um artigo essencial do credo, cuja crença era exigida de todos pela ação da côrte eclesiástica Romana cêrca de 1160. (O mesmo, Sec. XIII, cap. 1). Um édito oficial do papa Inocêncio III, confirmou o dogma como uma doutrina obrigatória e exigência da Igreja em 1215; (Mosheim, *Eccl. Hist.*, Sec. XIII, Parte II, cap. 3:2) e êle permanece pràticamente em vigor na Igreja Católica Romana de hoje em dia. A doutrina foi adotada pela Igreja Grega no século dezessete. (O mesmo, XVIII, Parte II, cap. 2:3).

18. Os emblemas consagrados, ou "hóstia", sendo considerados como a carne e o sangue real de Cristo, foram adorados como se fôssem divinos. Assim, "uma prática bem perniciosa de idolatria ficou ligada à aceitação dessa doutrina. Os homens caíam de joelhos perante a hóstia consagrada, e adoravam-na como se fôra Deus; e a novidade, o absurdo, e a impiedade dessa abominação chocava em muito a mente de todos os homens que não estavam mortos ao sentimento da verdadeira religião". (Milner, *Church History*, Sec. XIII, cap. 1). A "elevação da hóstia", isto é, a apresentação dos emblemas consagrados perante o povo, para adoração, é um característico do moderno ritual de adoração na Igreja Católica Romana. A celebração da missa é ensinada como sendo um real, embora místico, sacrifício, em que o Filho de Deus é diàriamente oferecido outra vez como uma constante e recurrente expiação dos pecados presentes dos adoradores reunidos". Uma outra perversação do sacramento ocorria na administração só do pão, em vez de ambos pão e vinho como exigido originalmente.

19. Assim foram a pura intenção e a eficácia certa do sacramento ocultos sob uma nuvem de mistério e

exibição cerimonial. Isso contrasta com a solene simplicidade da ordenança como foi instituída pelo nosso Senhor, — Êle tomou do pão e vinho, abençoou-os e deu-os aos Seus discíprlos e disse, "Fazei isto em memória de mim". (Luc. 22:19,20; compare com Mat. 26:27,28). Do pão êle disse, "Isto é o meu corpo"; do vinho, "Êste é o meu sangue"; entretanto naquele tempo seu corpo ainda não havia sido injuriado, nem Seu sangue derramado. Os discípulos comeram pão, não a carne de um homem vivente, e beberam vinho, não seu sangue; e isto êles foram ordenados a fazer em memória de Cristo. (Para uma revisão melhor e geral do sacramento da Cêia do Senhor, ver *Regras de Fé*, do autor, Capítulo 9). A perversão do sacramento é evidência do afastamento do espírito do evangelho de Cristo, e quando feito um dogma essencial de uma igreja é prova da condição apóstata daquela igreja.

20. Notem, *"êles transgridem as leis, mudam os estatutos e quebram a aliança eterna"*. (Isa. 24:4-6).

## NOTAS

1. *Cerimônias adicionadas como conciliação* — "Tanto os Judeus como os pagãos estavam acostumados com uma vasta variedade de cerimônias pomposas e magnificentes em seus ofícios religiosos. E conquanto considerassem êsses ritos como parte da religião, era natural que êles pudessem ver com indiferença, e mesmo com desdém,, a simplicidade da adoração Cristã, que era destituída das vãs cerimônias que faziam seu culto tão pomposo e grandioso. Para remover então, de algum modo êsse preconceito contra o Cristianismo, os bispos julgaram necessário aumentar o número de ritos e cerimônias, e assim tornar a adoração pública mais atraente aos sentidos exteriores. Essa edição de ritos externos era também destinada a remover as calúnias oprobiosas que os sacerdotes Judeus e pagãos lançavam sôbre os Cristãos em virtude da simplicidade de sua adoração, estimando-os pouco melhor que os ateus, porque êles não tinham templos, altares, vítimas, sacerdotes, nem nada daquela pompa externa em que o público está inclinado

a colocar a essência da religião. Os dirigentes da Igreja adotaram, portanto, certas cerimônias externas, para que assim pudessem cativar o sentimento da plebe, e serem capazes de refutar as reprovações de seus adversários". (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. II, Parte II, cap. 4:2,3).

Uma nota apensa à citação anterior pelo tradutor, Dr. Archibald Maclaine, diz o seguinte:

"Uma memorável passagem na vida de Gregório, o Taumaturgo, isto é, o operador de maravilhas, ilustrará êsse ponto da maneira mais clara. A passagem é a seguinte: — "Quando Gregório percebeu que a multidão ignorante persistia em sua idolatria, em virtude dos prazeres e gozos sensuais que êles tinham nos festivais pagãos, deu-lhes permissão para se indulgenciarem de tais prazeres, celebrando-o em memória dos santos mártires, na esperança de que com o tempo, êles voltassem por sua própria iniciativa a um curso de vida mais regular e virtuoso". Não há qualquer dúvida, a não ser que por essa permissão, Gregório consentiu que os Cristãos dançassem, divertissem e festejassem tudo o que os pagãos estavam acostumados a fazer em seus templos durante as festas celebradas em honra de seus deuses".

O Gregório aqui referido viveu em meados do século três. Êle adquiriu o título de Taumaturgo pela sua fama como operador de milagres, sendo que a genuinidade de tal feito é disputada por muitos autores. Êle era bispo de Neocesaréa e homem de grande influência na Igreja. Sua sanção das cerimônias, segundo os ritos pagãos, foi sem dúvida de alto efeito.

2. *O Cerimonial da Igreja no século cinco* — "A sublime e simples teologia dos primitivos Cristãos foi gradualmente corrompida, e a monarquia do céu, já enviada pelas sutilezas, foi degradada pela introdução de uma mitologia popular, que tendia a restaurar o reino do politeismo. Como os objetos da religião foram gradualmente reduzidos ao padrão da imaginação, os ritos e cerimônias foram introduzidos de modo que parecessem afetar mais profundamente o senso da plebe. Se no comêço do século cinco Tertuliano ou Lactantio tivessem sido repentinamente ressuscitados, para assistirem o festivel de algum santo ou mártir popular, êles teriam olhado com surpresa e indignação o profano espetáculo que tinha sucedido a pura e espiritual adoração de uma congregação Cristã. Tão logo as portas da Igreja fossem abertas êles se ofenderiam pelo fumo do incenso, o perfume das flôres e o brilhar das lâmpadas e velas que difundiam, ao meio dia, uma vivaz, supérflua, e, em sua opinião, sacrílega luz. Se êles se aproximassem da balaus-

trada do altar, o fariam através da multidão prostrada, consistindo na sua maioria, de estrangeiros e peregrinos, que permaneciam na cidade esperando a festa; e que já sentiam a forte intoxicação do fanatismo, e talvez do vinho. Seus beijos devotos eram estampados nas paredes e pavimentos do sagrado edifício; e suas preces fervorosas eram dirigidas, fôsse qual fôsse a língua de sua igreja, aos ossos, ao sangue, ou às cinzas dos santos, que estavam geralmente ocultos por um véu de linho ou seda aos olhos da plebe. Os Cristãos frequentavam os túmulos dos mártires, na esperança de obter, pela sua poderosa intercessão, tôda espécie de bênçãos espirituais e mais especialmente as bênçãos temporais. *** O mesmo espírito uniforme e original da superstição podia sugerir, nas mais distantes eras e países, os mesmos métodos de ludibriar a credulidade e de afetar a devoção da humanidade; mas pode-se confessar com sinceridade que os ministros da Igreja Católica imitaram o padrão profano que êles estavam impacientes para destruir. Os bispos mais respeitáveis se persuadiram de que os rústicos e ignorantes renunciariam mais alegremente às superstições do paganismo, se êles encontrassem alguma semelhança, alguma compensação, no seio da Cristandade. A religião de Constantino alcançou, em menos de um século, a conquista final do império Romano; mas os próprios vencedores estavam insensìvelmente subjugados pelas artes de seus rivais conquistados". (Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano"*, cap. XXVIII).

3. *Forma primitiva do Batismo Cristão* — A história fornece ampla prova de que no século um, após a morte de Cristo, o batismo era admisistrado sòmente por imersão. Tertuliano assim se refere à cerimônia da imersão, comum em seus dias: "Não há njenhuma diferença se alguém é lavado no mar ou num poço, num rio ou numa fonte, num lago ou num canal; nem há qualquer diferença entre aquêles que João imergiu no Jordão, e os que Pedro imergiu no Tibre. *** Somos imergidos na água".

Justino, o Mártir, descreve a cerimônia como foi praticada por êle próprio. Primeiramente descrevendo o exame preparatório do candidato, êle prossegue: — "Após o que, êles eram conduzidos por nós para onde havia água, e eram nascidos novamente naquela espécie de novo nascimento pelo qual nós próprios nascemos outra vez. Pois a imersão na água é feita em nome de Deus, o Pai e Senhor de todos e de Jesus Cristo, nosso Salvador, e do Espírito Santo; porque Cristo também disse: "A não ser que um homem seja nascido novamente, êle não pode entrar no reino do céu".

O bispo Bennet diz com respeito às práticas dos primeiros Cristãos: Êles os conduziam para a água e os deitavam na água como um homem é deitado na sepultura; e então proferiam estas palavras: "Eu vos batizo (ou lavo) em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo; então êles os levantavam novamente, e vestes limpas, eram colocadas sôbre êles; disso vieram as frases de ser batizado na morte de Cristo, de ser enterrado com Êle pelo batismo na morte, de nossa ressurreição com Cristo e de nosso revestimento do Senhor Jesus Cristo, do afastamento do homem velho e da aceitação do renovado".

"Que os apóstolos imergiam a quem êles batizavam não há dúvida. *** E que a antiga igreja seguia seus exemplos está bem claramente evidenciado por inumeráveis testemunhos dos pais apostólicos". (Vossius).

"Sem dúvida, antigamente o método usual, era enterrar as pessoas batizadas na água e retirá-las novamente. (arcebispo Secker).

"A *Imersão* era o método usual pelo qual o batismo era administrado na Igreja primitiva. *** A imersão era sem dúvida um modo comum de administrar o batismo, e não foi interrompida quando o batismo de crianças prevaleceu. *** A aspersão tomou gradualmente o lugar da imersão sem qualquer renúncia formal da última" (Canon Farrar).

4. *Notas Históricas sôbre o Batismo de Crianças* — "O batismo de criancinhas era algo completamente desconhecido nos primeiros dois séculos depois de Cristo. *** O costume de batizar criancinhas não foi iniciado antes do terceiro século do nascimento de Cristo. Não existem vestígios dêsse ato em épocas anteriores; foi introduzido sem o mandamento de Cristo" (Curcullaeus).

"É certo que Cristo não ordenou o batismo de criancinhas *** não podemos comprovar que os apóstolos instituiram o batismo de criancinhas. Não podemos chegar a tal conclusão pelas passagens que mencionam o batismo de tôda a família (como em Atos 16:33; I Cor. 1:16) porque falta ainda investigar se havia crianças nessas famílias de idade suficiente para poder receber inteligentemente o cristianismo; porque êste é o único ponto sôbre o qual se baseia o assunto. *** Porque o batismo se relacionava intimamente com a entrada na confraternização cristã, a fé e o batismo sempre estavam unidos um ao outro, de maneira que existe a maior probabilidade de que se efetuasse o batismo sòmente quando existiam ambas as coisas e que a prática de batizar as criancinhas não era conhecida

neste período (o apostólico). *** O fato de que em época posterior à de Irineu (é certo que não foi antes), aparecem sinais do batismo das criancinhas e de que pela primeira vez foi reconhecido como tradição apostólica no decorrer do terceiro século, constitui, evidência mais contra do que a favor de sua origem apostólica". (Johann Neander, teólogo Alemão que viveu na primeira metade do século atual).

"Que venham, portanto, quando tenham crescido; quando puderem entender, quando se lhes tenha ensinado onde virão. Que se façam cristãos quando puderem conhecer Cristo". (Tertuliano, um dos Padres Cristãos latinos; viveu de 150 a 220 anos depois de Jesus Cristo). Neander cita a quase violenta oposição de Tertuliano à prática do batismo de crianças pequenas como "evidência de que naqueles dias não era considerada como uma ordenança apostólica; pois do contrário, dificilmente se teria ousado falar tão veementemente contra ela".

Martinho Lutero declarou por escrito em princípios do século XVI: "Não se pode provar por meio das Escrituras que Cristo instituiu o batismo de crianças, nem que êste foi iniciado pelos primeiros cristãos depois dos apóstolos".

"O apóstolo entende por *tekna,* não crianças pequenas, mas sim posteridade; com êste significado a palavra se encontra em vários lugares do Novo Testamento (entre outros João 8:39); pelo que parece, o argumento que comumente se deduz desta passagem a favor do batismo de crianças pequenas, carece de fôrça e de nada serve" — Limborch (natural da Holanda e distinto teólogo, viveu de 1633 a 1712).

5. *Erros a respeito do Sacramento* — Durante os primeiros séculos da era cristã multiplicaram-se ràpidamente os conceitos errôneos referentes ao sacramento, seu significado e maneira de administração. Enquanto se perdia o poder do sacerdócio surgiram muitas disputas sôbre as ordenanças e se perverteu a observância do sacramento. Os mestres de teologia procuraram propagar a idéia de que aquêle rito, naturalmente simples e extremamente impressionante, devia ser acompanhado de muito mistério; que todos aquêles que não gozavam da completa confraternidade da Igreja deveriam ser excluídos, não só da participação da ordenança, o que era justificável, mas também do privilégio de presenciar o serviço para que não profanassem o rito místico com sua presença ímpia. Nasceu então a heresia da transubstanciação, a qual ensina que os símbolos sacramentais perdem seu caráter natural de simples pão e vinho pela cerimônia da consagração e se convertem em carne e sangue reais, verdadeiras partes do corpo crucifi-

cado de Cristo. Não se faz necessário apresentar argumentos contra êsses dogmas. Logo seguiu-se a adoração dos emblemas por parte do povo: o pão e o vinho, considerados como parte do corpo de Cristo, são elevados durante a missa para que recebam a adoração do povo; mais tarde introduziu-se o costume de suprimir a metade do sacramento. De conformidade com esta inovação, sòmente se administrava o pão com a afirmativa dogmática de que tanto o corpo como o sangue se acham representados de certo modo místico num dos "elementos". O certo é que Cristo mandou que seus discípulos *comessem* e *bebessem* em memória d'Êle. (O autor, em *Regras de Fé*, cap. 9, nota 4).

6. *Quanto à antiguidade da Doutrina da Transubstanciação* — Como foi citado no texto, a data de origem da doutrina católica da transubstanciação já foi debatida. O sumário seguinte é bem instrutivo. "Os Protestantes que combatiam a idéia católica da presença real da carne e sangue na Eucaristia — transubstanciação — tentaram provar que essa doutrina não era de origem anterior ao século oito. Nisto, contudo, a evidência está contra êles. Inácio, bispo de Antióquia, que escreveu no início do século dois, diz o seguinte de certos hereges supostos: Éles não admitem a eucaristia e oblações, porque não crêem que a eucaristia seja acarne do nosso Salvador Jesus Cristo, que sofreu pelos nossos pecados". (Epístola de Inácio aos Esmirneanos). Assim se expressa Justino, o Mártir, que também escreveu na primeira parte do século dois: "Não os recebemos (o pão e o vinho) como alimento ou bebida comuns, mas assim, pela palavra de Deus, Jesus Cristo, nosso Salvador, foi feito carne e tomou sôbre si carne e sangue por nossa salvação, assim também o alimento que foi abençoado pela oração da palavra que procedeu d'Êle, e da qual nossa carne e sangue, pela transmutação, recebem nutrição, é, como nos ensinam, a carne e sangue daquele Jesus que foi feito carne". (Apologia de Justino ao Imperador Antonino). Após o período de Justino o testemunho dos padres são abundantes. Não há qualquer dúvida quanto à antiguidade da idéia da real presença do corpo e sangue de Jesus na eucaristia; mas isso prova — como falamos do batismo de criancinhas — não que a doutrina seja verdadeira, mas que logo após os apóstolos terem desaparecido, a simplicidade do evangelho foi corrompida ou então desapareceu". (B. H. Roberts, *Outlines of Eccl. History*, p. 133).

## CAPÍTULO IX

### *Causas Internas — Continuação*

1. Entre as causas que conduziram à apostasia geral da Igreja, especificamos como a terceira nesta série: *Alterações não autorizadas na organização e govêrno da Igreja.*

2. Uma comparação entre o plano de organização no qual a Igreja Prmitiva foi fundada e o sistema eclesiástico que tomou seu lugar fornecerá valiosa evidência quanto à condição verdadeira ou apóstata da Igreja moderna. A Igreja Primitiva era oficiada por apóstolos, pastôres, sumo-sacerdotes, setentas, anciãos, bispos, sacerdotes, mestres e diáconos. (Ver Lucas 6:13 e Marcos 3:14; Eph. 4:11; Hebr. 5:15; Lucas 10:1; Atos 14:23; 15:6; I Pedro 5:1; I Tim. 3:1; Tito 1:7; Apo. 1:6; Atos 13:1; I Tim. 3:8-12). Não temos qualquer evidência de que o conselho presidente da Igreja, compreendendo os doze apóstolos, tenha continuado depois do ministério terrestre daqueles que tinham sido ordenados àquele santo chamado durante a vida de Cristo ou logo após Sua ascenção. Não há registro de qualquer ordenação de pessoas ao apostolado, não considerando a filiação na Igreja para o conselho dos doze, além daqueles cujos chamados e ministérios estão historiados no Novo Testamento, que, como registro histórico, finaliza no primeiro século.

3. A história eclesiástica, além das escrituras sagradas nos informa, contudo, que onde quer que um ramo, ou igreja, fôsse organizado, um bispo ou ancião (presbítero) era colocado na direção. Não há dúvida que enquanto os apóstolos viviam, êles eram reconhecidos e respeitados como autoridades presidentes da Igre-

ja. Quando êles estabeleceram os ramos ou igrejas, selecionaram os bispos, e submeteram a sua nomeação ao voto dos membros. Como já foi dito, o princípio de autogovêrno, ou comum assentimento, era respeitado nos dias apostólicos com um cuidado que era mais um dever sagrado. Temos ciência de que os bispos eram assistidos em suas administrações locais por presbíteros e diáconos.

4. Após o passamento dos apóstolos os bispos e outros oficiais eram nomeados pelas autoridades existentes, ou a seu pedido. Os afazeres da igreja ou ramo eram dirigidos e regulados pelos oficiais locais, de maneira que existia uma marcante igualdade entre as várias igrejas, e nenhuma reclamava ou exercia supremacia, com exceção das deferências voluntárias prestadas às igrejas que tinham sido organizadas pelo ministério pessoal dos apóstolos. Através do primeiro sélulo e a maior parte do segundo, "as Igrejas Cristãs eram independentes umas das outras; nem mesmo eram unidas por associação, confederação, ou outros laços quaisquer além dos de caridade. Cada agrupamento Cristão era um pequeno estado, governado pelas suas próprias leis, que eram promulgadas, ou, pelo menos, aprovadas pela sociedade" (Mosheim, *Eccl. History,* Ser. II, Parte II, cap. 2:3).

5. Assim como acontecia com as igrejas, acontecia com os bispos — havia uma reconhecida igualdade entre êles. No fim do século dois e através do terceiro, contudo, acentuadas distinções e reconhecimento de posição se originou entre êles e os bispos das grandes e poderosas cidades assumiam autoridade e dignidade superior aos bispos provinciais. Os bispos das grandes cidades ou províncias, tomavam para si o distinto título de Metropolitanos. (Ver Mosheim, *Eccl. History,* Sec. II, Parte II, cap. 2:3; também Sec. IV, Parte II, cap. 2:3,

e compare Sec. I, Parte II, cap. 2:14) — e assumiam um poder de presidência sôbre os bispos de jurisdição mais limitada.

6. O século dois foi marcado pelo costume de reunir os sínodos ou conselhos da Igreja. A prática se originou entre as igrejas na Grécia, e desde então se tornou geral. Êstes conselhos cresceram ràpidamente em poder, de modo que no século três vamos encontrá-los legislando pelas igrejas e dirigindo por édito e ordenando em matéria que primeiramente tinha sido deixada ao voto do povo. Desnecessário dizer que com tais assunções de autoridade veio a arrogância e a tirania ao govêrno na Igreja. Ao passo que a forma de govêrno da igreja mudava mais e mais, apareciam ordens menores de clérigos ou oficiais da igreja; assim no terceiro século apareceram os sub-diáconos, acólitos, ostiários, leitores, exorcistas e copiates. Como exemplo do orgulho do ofício, é digno notar que um sub-diácono era proibido de sentar-se na presença de um diácono sem o consentimento expresso dêste.

7. Roma, há tanto "mestre do mundo" em assuntos seculares, reclamava para si uma pre-eminência nos negócios da igreja, e o bispo de Roma clamava pela supremacia. É, sem dúvida, verdade que a igreja em Roma foi organizada por Pedro e Paulo. A tradição, alicerçada em êrro, dizia que o apóstolo Pedro foi o primeiro bispo de Roma; e aquêles que sucessivamente foram reconhecidos como bispos de metrópoles diziam ser, de fato, sucessores lineares do apóstolo presidente. A alta, mas não menos falsa reivindicação, é feita pela Igreja Católica nestes dias, de que o papa presente é o último sucessor linear não só do bispado como do apostolado.

8. O direito de supremacia dos bispos de Roma, ou pontífices Romanos, como êles vieram a ser conhe-

cidos, foi logo debatido; e quando Constantino fêz Bizâncio, ou Constantinopla, a capital do império, o bispo de Constantinopla reivindicou a igualdade. A disputa dividiu a Igreja e durante quinhentos anos a dissenção aumentou até o século nove (855 A.D.) quando se desenvolveu uma grande desintegração, em consequência do que, o bispo de Constantinopla, conhecido distintamente como patriarca, negou tôda e qualquer lealdade ao bispo de Roma, aliás conhecido como pontífice Romano. Essa desintegração é observada hoje em dia pela distinção entre os Católicos Romanos.

9. A eleição do pontífice, ou bispo de Roma, foi por muito tempo deixada ao voto do povo e do clero; mais tarde a função eleitoral foi relegada sòmente ao clero; e no século onze o poder era dado ao colégio dos cardeais, onde ainda hoje permanece. Os pontífices Romanos se esforçaram com ardor perseverante para adquirir autoridade tanto temporal como espiritual; e sua influência tinha se tornado tão grande que no século onze vamos encontrá-los reclamando o direito de dirigir príncipes, reis e imperadores nos negócios de várias nações. Foi neste primeiro período de maior poder temporal, que os potífices tomaram o título de *papa*, significando a palavra pai, e aplicada no sentido de pai Universal. O poder dos *papas* foi aumentado durante o século doze, e pode-se dizer que alcançou seu acme no século treze.

10. Não contentes com a supremacia assumida em todos os negócios da igreja, os papas "variavam suas insolentes pretensões até ao ponto de dar-lhes o título de senhores do universo, árbitros dos destinos de reis e impérios, e supremos governadores sôbre os reis e príncipes da terra. (Mosheim, *Eccl. History,* Sec. XI, Parte II, cap. 2:2). Êles clamavam pelo direito de autorizar e dirigir os negócios internos das nações e de tornar

legal a rebelião dos súditos contra seus governadores se êstes últimos não estivessem em graças com o poder papal.

11. Compare essa igreja arrogante e tirana do mundo com a Igreja de Cristo. A Pilatos, Nosso Senhor declarou: "O meu reino não é dêste mundo" (João 18:36) e, numa ocasião anterior, quando o povo o havia proclamado rei do domínio terrestre, (João 6:15) Êle se afastou dêles. Entretanto, a Igreja que proclama sua origem divina como tendo sido fundada por Cristo que não quis ser rei, eleva-se acima de todos os reis e governadores, e se considera o supremo poder nos negócios das nações.

12. No quarto século a Igreja promulgou o que desde então tem sido designado como uma infâmia, isto é, que "os erros na religião, quando mantidos e aceitos após a devida admoestação, eram puníveis com penalidades civis e torturas corporais". (Mosheim, *Eccl. History*, Sec. IV, Parte II, cap. 3:16). O efeito dessa injusta lei parecia mais e mais brutal com a passagem dos anos, de modo que no século onze e mesmo mais tarde, encontramos a Igreja impondo castigo ou multa, prisão, tortura corporal, e até mesmo a morte, como castigo para a infração dos regulamentos da Igreja, e, mais infame ainda, permitindo a mitigação ou cancelamento de tais sentenças pelo resgate em dinheiro. Isso levou à chocante prática de vender *indulgências* ou perdões, cujo costume foi depois levado ao terrível extremo da emissão das mesmas antes de cometida uma ofensa específica, oferecendo-se literalmente assim para vender licenças para pecar, com garantia de imunidade temporal e promessa de imunidade espiritual.

13. A concessão das indulgências como isenção de castigos temporais foi primeiramente confinada aos bispos e seus agentes, e a prática data como tráfico organi-

zado desde os meados do século doze. Contudo ela continuou com os papas, que chegaram ao extremo blasfemo de pretender perdoar as faltas futuras mediante pagamento de quantias estipuladas. Suas fingidas justificações da ímpia presunção eram tão horríveis quanto o próprio ato, e constituiam a terrível *doutrina de supererogação.*

14. Essa doutrina conforme foi feita no século treze, determinava: "Que realmente existia um imenso tesouro de *mérito,* composto de feitos pios e ações virtuosas que os santos tinham realizado *além do que era necessário para a sua própria salvação,* e que eram portanto aplicáveis para benefício de outros; que o guarda e administrador dêsse precioso tesouro era o pontífice Romano, e que em consequência êle estava autorizado a dar, àqueles que julgasse próprio, uma parte dessa inexaurível fonte de méritos, adequados às suas respectivas culpas, e suficientes para libertá-los da punição devida aos seus crimes". Citado por Mosheim, ver *Eccl. History,* Sec. XII, Parte II, cap. 3:4).

15. A doutrina de supererogação é irrazoável, não pertence à escritura e é irreal. A responsabilidade individual do homem pelos seus atos é tão seguramente um fato como o é seu arbítrio para agir por si próprio. Êle será salvo pelos méritos e pelo sacrifício expiratório de nosso Redentor e Senhor; e sua reivindicação à salvação existente está estritamente dependente de sua submissão aos princípios e ordenanças do evangelho como foi estabelecido por Jesus Cristo. A remissão dos pecados e a eventual salvação da alma humana são oferecidos; mas êsses dons de Deus não são comprados com dinheiro. Compare os terríveis êrros da supererogação e a prática blasfema de pretender remir os pecados de um homem em consideração dos méritos de outro, com a declara-

ção do único Salvador da humanidade: "Mas eu vos digo que de tôda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo" (Mat. 12:36). Seu inspirado apóstolo, vendo em profética visão o dia da terrível certeza, testífica solenemente, "E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas, *segundo as suas obras.* E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que nêles havia; *e foram julgados cada um segundo as suas obras*" (Apo. 20:12,13. Os itálicos foram introduzidos).

16. As escrituras proclamam o fato eterno da responsabilidade individual; — (Para um tratamento mais conciso da doutrina da responsabilidade do homem, ver *Regra de Fé,* do autor, Capítulo 3). A igreja nos dias de sua degenração declara que o mérito de alguém pode ser comprado por outrem e pago em moeda terrena. Pode tal Igreja ser em qualquer extensão a Igreja de Cristo?

17. Em ilustrações das indulgências como foram negociadas na Alemanha no século dezesseis, temos os registros dos atos de John Tetzel, agente do papa, que viajava para vender perdão dos pecados. Diz Milner: "Myconius nos assegura que êle próprio ouviu Tetzel declamar com incrível temeridade sôbre o poder ilimitado do papa e a eficácia das indulgências. O povo acreditava que no momento em que qualquer pessoa pagasse o dinheiro da indulgência, ela estava certa de sua salvação; e que as almas para as quais as indulgências eram compradas, imediatamente se libertavam do purgatório. *** John Tetzel se vangloriava de que tinha salvo mais almas do inferno pelas suas indulgências do que S. Pedro havia convertido ao Cristianis-

mo pelas suas pregações. Êle assegurava aos seus compradores, que seus crimes, conquanto enormes, seriam perdoados; por isso se tornou quase desnecessário para êle pedir-lhes que se libertassem dos temores quanto à sua salvação. Pois, a remissão dos pecados sendo obtida de modo completo, que dúvida podia haver de sua salvação?" (Milner, Church History, Sec. XVI, cap. 2).

18. Uma cópia de uma indulgência escrita por Tetzel, o vendedor dos perdões papais, nos foi preservada como segue: "Que o Senhor Jesus Cristo, tenha misericórdia de ti e te absolva pelos méritos de sua mais santa paixão. E eu, pela Sua autoridade, a mesma que de Seus apóstolos Pedro e Paulo, e do mais santo papa, foi confiada a mim nestas partes, absolvo-te, primeiramente de tôdas as censuras eclesiásticas, de qualquer forma em que tenham sido incorridas, e então de todos os pecados, transgressão, e excessos, conquanto enormes possam ser, pois os mesmos são reservados para conhecimento do santo trono; e até onde as chaves da santa igreja se estendem, eu te perdôo de tôdas as punições que mereces no purgatório por causa dêles; e te restauro aos santos sacramentos da igreja, à unidade da fé, e àquela inocência e pureza que possuiste no batismo; para que quando morreres as portas da punição estejam fechadas, e as portas do paraíso do gôzo estejam abertas; e se não morreres já, esta graça permanecerá na plenitude de sua fôrça quando estiveres no momento da morte. Em nome do Pai. do Filho, e do Espírito Santo". (Milner, *Church History,* Sec. XVI, cap. 2).

19. Com a intenção de excusa ou defesa, era exigida pela Igreja Católica Romana que uma profissão de contrição ou arrependimento fôsse requerida de cada candidato à indulgência, e que o perdão fôsse baseado em tal penitência, e não primàriamente por di-

nheiro ou seus equivalentes; mas êsses receptadores de indulgência faziam, a princípio voluntàriamente, e mais tarde em observância ao costume estabelecido, uma oferta material ou donativo à igreja... Relata-se mais tarde que alguns dos abusos com os quais estava associada a venda de indulgência, foram desaprovados pelo Conselho de Trento, cêrca dos meados do século dezesseis. Não obstante, permanece o terrível fato de que por quatrocentos anos a Igreja reclamou para o seu papa o poder de remir todos os pecados e que a promessa de remissão tinha sido vendida e comprada. (Ver Nota I, no fim do capítulo).

20. O horrível pecado da blasfêmia consiste em tomar para si as prerrogativas e poderes divinos. Aqui vamos encontrar o papa de Roma, chefe da única igreja reconhecida naquela época, pretendendo remir o castigo devido no futuro pelos pecados cometidos na mortalidade. Um papa pretendendo sentar em julgamento como o próprio Deus! Não é isto um cumprimento das temíveis condições da apostasia previstas e preditas como antecedentes ao segundo advento de Cristo? Vejam por si mesmos: "Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; *o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus*". (II The. 2:3,4. O itálico foi introduzido. Ver Nota 4, no fim do capítulo).

21. Outro abuso perpetrado pelos conselhos através de cujas assembléias os supremos pontífices exerciam seus poderes autocráticos, é visto nas restrições postas na leitura e interpretação das escrituras. O mesmo Conselho de Trento, que repudiava a autoridade ou culpava os atos dos oficiais de igreja em relação ao

escandaloso tráfico das indulgências, prescreveu regimes mais rígidos proibindo a leitura das escrituras pelo povo. Assim, "uma lei severa e intolerável foi decretada com respeito a todos os intérpretes e expositores das escrituras, pela qual eram proibidos de explicar o sentido dêsses Livros divinos, em matéria de fé e prática, de tal maneira a fazê-los falar uma língua diferente daquela da igreja e dos antigos doutores. A mesma lei ainda declarava que só a igreja (i. é., seu dirigente, o pontífice Romano) tinha o direito de determinar o verdadeiro sentido ou significado da escritura. Para completar a medida dêsses procedimentos tiranos e iníquos, a igreja de Roma persistia obstinadamente em afirmar, ainda que nem sempre com a mesma imprudência e clareza de *que as escrituras sagradas não foram feitas para o uso das multidões, mas só para o uso de seus mestres espirituais;* e, em consequência, ordenou que êsses relatos divinos fôssem tirados do povo em todos os lugares onde fôsse permitido executar seus mandos imperiosos" (Mosheim, *Eccl. History*, Sec. XVI, Parte I, cap. 1:25. Os itálicos foram introduzidos pelo autor).

22. É possível que uma igreja ensinando tais heresias, seja a Igreja estabelecida por Cristo? O Senhor Jesus ordena a todos: "*Examinai as Escrituras;* porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. — (João 5:39; compare com versículo 46; e também ver Isaias 8:20; Lucas 16:29; e Atos 17:11).

23. Por certo um pálio de trevas caira sôbre a terra. A igreja de Cristo desde há muito deixara de existir. No lugar de um sacerdócio conferido por autoridade divina, um papado criado pelo homem governava com mão férrea de tirania e sem considerar a abstenção moral. Numa obra sábia o Dr. J. W. Draper

apresenta uma lista de pontífices que ficaram na direção da Igreja desde os meados do século oito até os meados do século onze, cada qual com uma nota bibliográfica. (Ver Nota 3, no fim do capítulo). E que quadro está ali esboçado! Para ganhar a coroa papal nenhum crime era demasiado grande e durante um período de séculos as imoralidades de muitos papas e seus subordinados foram bastante chocantes para não serem descritas com detalhes. Pode-se afirmar que o autor citado por último, e cujas palavras são apresentadas abaixo, era um declarado oponente da Igreja Católica Romana, e que, portanto, seu julgamento é parcial; em réplica pode-se dizer que os fatos atestados na história, o apoiam. Comentando os fatos já apresentados o Dr. Draper diz:

24. "Mais de mil anos haviam passado desde o nascimento do Salvador e tal era a situação de Roma. Bem pode o historiador fechar os anais daqueles tempos desgostosamente. Bem pode o coração do cristão contristar-se dentro dêle perante tais catálogos de crimes hediondos. Bem podemos perguntar, eram êstes os vice-gerentes de Deus sôbre a terra, êsses que tinham em verdade atingido a meta além da qual o último esfôrço da maldade humana não pode ultrapassar? Não foi senão após vários séculos depois dêsse acontecimento que a opinião pública chegou à verdadeira e filosófica conclusão — a rejeição total das reivindicações da divindade do papado. Durante algum tempo os males foram atribuídos à maneira de eleição pontificial, como se êles pudessem por qualquer possibilidade influenciar na descida de uma fôrça que se dizia sobrenatural e sob o cuidado imediato de Deus. *** Ninguém pode estudar o desenvolvimento do poder eclesiástico italiano sem descobrir o quão completamente dependia do arbítrio humano, e por demasiadas vêzes da paixão e intriga humana; e quão falho era de qualquer sinal de

construção e cuidados divinos o produto do homem, não de Deus e por conseguinte tendo os traços das paixões humanas, virtudes humanas e pecados humanos" (Draper, *Intelectual Development of Europe,* vol. 1, página 382).

25. Pelas crescentes mudanças e alterações não autorizadas na organização e govêrno, o estabelecimento terreno conhecido como "a Igreja", com papas, cardeais, abades, frades, monges, exorcistas, etc., perdeu tôda a aparência de Igreja estabelecida por Cristo e mantida por Seus apóstolos. O argumento católico de que houve uma ininterrupção na sucessão da autoridade no sacerdócio desde o Apóstolo Pedro até o atual ocupante do trono papal, é pouco razoável sob a luz da história, e pouco razoável sob a luz dos fatos. A autoridade para agir em nome de Deus, o poder para oficiar nas ordenanças do evangelho de Cristo, o alto privilégio de servir como embaixador devidamente comissionado na côrte dos céus, não são para serem mantidos como dons dos principios, e nem são para serem comprados por dinheiro, nem podem ser ganhos como troféus de espadas sangrentas. A história do papado é a condenação da Igreja de Roma. (Veja notas 2 e 3, no fim do capítulo).

## NOTAS

*1. A Igreja Romana, Responsável pelo Tráfico de "Indulgências"* — Em vista da afirmativa feita por alguns defensores da Igreja de Roma, de que o vergonhoso tráfico de indulgências não foi sancionado pela igreja, e que a igreja não pode ser responsável pelos excessos que seus subordinados possam praticar em seus alegados atos oficiais, as seguintes notas de Milner, autoridade judiciosa sôbre a História da Igreja (Século XVI, cap. 2), podem ser de interêsse: "Não parece que os governadores da hierarquia jamais encontrassem a menor falta em Tetzel como excedendo sua comissão, até que uma oposição

aberta foi feita à prática de indulgências. Disso é evidente que os protestantes não censuraram injustamente a corrupção da côrte de Roma nesse respeito. *** As indulgências eram concedidas para os que faziam maiores ofertas, e os responsáveis empregavam auxiliares para continuarem com o tráfico da forma que julgassem ser mais conveniente aos fins lucrativos. Os oficiais inferiores ligados a êsse comércio eram diàriamente vistos em casas públicas divertindo-se em orgia e volúpia (Mainbourg, p. 11). Enfim, o que quer fôsse que o maior inimigo do papado pudesse ter desejado, foi naquela época exibido com a mais indisfarçada afronta e arrôjo como um intento de infamar aquêle iníquo sistema eclesiástico perante tôda a humanidade".

O autor prossegue comentando os preços graduados pelos quais eram essas indulgências colocadas dentro do alcance pecuniário de tôdas as classes, e vê no tráfico em geral prova de profunda ignorância e tremenda superstição, e então aponta a necessidade de uma nova dispensação do evangelho como segue: "Isto contudo, era a própria situação das coisas *que abriam o caminho para a recepção do evangelho.* Mas quem iria proclamar o evangelho em sua beleza e simplicidade natal? Os príncipes, os bispos, e os sábios dos tempos viram tôdas essas escandalosas negociações com respeito ao perdão dos pecados; mas ninguém se encontrou que possuísse o conhecimento, a coragem, e a honestidade, necessária para descobrir a fraude, e deixar aberta à humanidade a verdadeira doutrina da salvação pela remissão dos pecados através de Jesus Cristo". Milner encontra a inauguração de uma nova era na "reforma" durante o século dezesseis. É suficiente para nosso presente intento saber que êle reconheceu a necessidade da preparação pela qual o caminho seria aberto "para a recepção do evangelho" (Milner *Church History,* Sec. XVI, cap. 2; foram introduzidos os itálicos).

2. *Três Papas Num só Tempo* — "Um dos mais severos golpes dados tanto contra a autoridade temporal como espiritual dos papas, foi a remoção, em 1309, através da influência do rei francês, Phillipe, o Belo, da cadeira papal de Roma para Avignon, em Provença, próximo à fronteira da França. Alí ela permaneceu pelo espaço de cêrca de setenta anos, época conhecida na história da Igreja como Cativeiro Babilônico. Enquanto ela ficou alí estabelecida, todos os papas eram franceses e certamente suas políticas eram moldadas e controladas pelos reis franceses. *** O descontentamento despertado entre os italianos pela situação da côrte papal finalmente resultou numa rutura declarada entre êles e o partido francês. Em 1378 as

facções oponentes elegeram cada uma um papa, e assim eram dois os chefes da igreja, um em Avignon e o outro em Roma. O espetáculo dos *dois papas rivais,* cada qual clamando ser o verdadeiro sucessor de S. Pedro, e o único e infalível chefe da igreja, muito naturalmente levou os homens a duvidarem das alegações de infalibilidade de ambos. Foi um rude choque contra a reverência que o mundo tinha de um modo tão geral dispensado ao trono Romano. Finalmente, em 1409, um concílio geral da igreja reuniu-se em Pisa, com o intuito de pôr fim à vergonhosa disputa. O conselho depôs ambos os papas, e elegeu Alexandre V como o chefe supremo da igreja. Mas as coisas em vez de melhorarem por êsse meio, ficaram piores; pois nenhum dos dois pontífices depostos declinou de sua autoridade em obediência aos mandos do conselho, e em consequência *havia agora três papas em vez de dois.* Em 1414 um outro outro concílio foi convocado, em Constança, para a decisão da crescente disputa. Dois dos reivindicadores foram depostos e o outro resignou. Um novo papa foi então eleito — Papa Martinho V. Em sua pessoa o mundo católico estava novamente unido sob um único chefe espiritual. A rutura foi exteriormente curada, mas o ferimento havia sido profundo demais para não deixar cicatrizes permanentes na igreja" (P.V.N. Myers, *Hist. General,* pp. 457, 458. Introduzido os itálicos).

A rutura entre as facções francesa e italiana, referidas por Myers na citação apresentada acima, é conhecida na história como a Grande Rutura, e pode ser considerada como o princípio decisivo do declínio no poder temporal dos papas.

3. *O Papado se Condena.* — A linha de sucessão no papado durante um limitado período, como foi referido no texto, é apresentada por Draper como segue:

"Para alguns podia parecer, considerando os interêsses da religião sòmente, desejável omitir tôdas as referências biográficas dos papas; mas isso não pode ser feito com justiça ao assunto. O princípio essencial do papado, de que o pontífice Romano é o vigário de Cristo sôbre a terra, interferiu em verdade em suas relações pessoais sôbre nós. Como poderemos entender sua fé, a menos que a vejamos ilustrada em sua vida? Realmente, o caráter infeliz dessas relações foi a causa incitante dos movimentos na Alemanha, França e Inglaterra, finalizando na extinção do papado como uma verdadeira fôrça política, movimentos êsses para serem entendidos sòmente através de um conhecimento suficiente das vidas privadas e opiniões dos papas. É bom, tanto quanto possível, deixar de culpar os

sistemas pelas imperfeições de indivíduos. Neste caso êles estão inseparàvelmente entrelaçados. O sinal peculiar do papado é que, embora sua história possa ser importante, sua biografia é infamante. Eu, contudo, me absterei de falar sôbre êste último aspecto mais do que o necessário; passarei em silêncio alguns daqueles casos que chocariam profundamente meu leitor religioso, e restringir-me-ei, portanto, às épocas entre os meados do século oito e do século onze, desculpando-me ao crítico imparcial pela justificativa de que estas são as épocas a que tenho principalmente me referido neste capítulo.

"Com a morte do Papa Paulo I, que tinha alcançado o pontificado no ano de 757 A.D., o Duque de Nefi compeliu alguns bispos a consagrarem Constantino, um de seus irmãos, como papa; mas eleitores mais legítimos, subsequentemente, em 768 A.D., escolhendo Estevão IV, o usurpador e seus adeptos foram severamente punidos; os olhos de Constantino foram arrancados; a língua do bispo Teodoro foi cortada, e êle deixado num cubículo para morrer nas agonias da sêde. Os sobrinhos do Papa Adriano prenderam seu sucessor, o Papa Leão III, em 769 A.D., na rua, e forçando-o a entrar numa igreja da vizinhança, tentaram tirar seus olhos e cortar sua língua; num período subsequente, êsse pontífice, tentando suprimir uma conspiração para depô-lo, Roma se tornou a cena de rebelião, assassinato e conflagração. Seu sucessor, Estevão V, no ano 816 A.D., foi ignominiosamente expulso da cidade; seu sucessor, Pascoal I, foi acusado de cegar e matar dois eclesiásticos no Palácio de Latrão; foi necessário que os comissários imperiais investigassem o assunto, mas o papa morreu, após ter-se isentado de culpa pelo juramento perante trinta bispos. João VIII, no ano 872 A.D., incapaz de resistir aos Maometanos foi compelido a pagar a êles um tributo; o bispo de Nápoles, mantendo uma aliança secreta com êles, recebia sua parte na pilhagem que êles conseguiam. A êle João excomungou, e não o absolveria a menos que êle traisse o chefe dos maometanos e assassinasse a outros. Houve uma conspiração eclesiástica para assassinar o papa; alguns dos tesouros da igreja foram apreendidos; e a porta de S. Pancracio foi aberta com chaves falsas, para receber os Sarracenos na cidade. Formosus, que tinha estado envolvido nessas transações, e tinha sido excomungado como conspirador pelo assassínio de João, foi subsequentemente eleito Papa no ano 891 A.D.; êle foi sucedido por Bonifácio VI em 896 A.D., que tinha sido deposto do cargo de diácono, e também do sacerdócio, pela sua vida imoral e obcena. Por Estevão VII, que o seguiu, o corpo de Formosus foi tirado da sepultura, vestido com as vestes papais, sentado numa cadeira

julgado perante o conselho, e a cena indecente e absurda foi completada com o corte de três dedos do cadáver e o seu lançamento no Tibre; mas o próprio Estevão estava destinado a exemplificar até onde tinha caído o papado; êle foi atirado numa prisão e estrangulado. No curso de cinco anos, de 896 A.D. a 900 A.D., cinco papas foram consagrados. Leão V, que sucedeu em 904 A.D., foi em menos de dois meses lançado na prisão por Cristovão, um dos capelões, que usurpou seu lugar, e que, por sua vez foi logo depois expulso de Roma por Sergio III, que, com o auxílio de uma fôrça militar, apreendeu o pontificado, em 905 A.D. Êsse homem, de acôrdo com o testemunho dos tempos, viveu em criminoso convívio com a célebre prostituta Theodora, que com suas filhas Marozia e Theodora, também prostitutas, exerciam um extraordinário contrôle sôbre êle. O amor de Theodora era também partilhado por João X; ela deu a êle primeiramente o arcebispado de Ravena, e depois o transferiu para Roma no ano de 915 A.D., como papa. João estava à altura da época; êle organizou uma confederação que talvez tenha evitado que Roma fôsse capturada pelos Sarracenos e o mundo ficou surpreso e encorajado pelo aparecimento dêsse pontífice guerreiro no comando de suas tropas. Pelo amor de Theodora, como foi dito, êle se manteve no papado durante catorze anos; pelas intrigas e ódio de Marozia, filha de Theodora, êle foi deposto. Ela o surpreendeu no Palácio de Latrão; matou seu irmão Pedro perante êle; atirou-o na prisão, onde logo morreu, sufocado, como se afirmou, com um travesseiro. Após curto intervalo Marozia, fêz seu próprio filho papa, como João XI, em 931 A.D. Muitos afirmaram que o Papa Sérgio era seu pai, mas ela mesma dizia que era filho de seu marido Alberico, cujo irmão Guido ela esposou subsequentemente. Outro filho seu, Alberico, assim chamado por causa de seu suposto pai, com ciumes de seu irmão, João, lançou-o na prisão juntamente com sua mãe Marózia. Após um certo tempo o filho de Alberico foi eleito papa, em 956 A.D.; êle tomou o titulo de João XII tendo assim a amorosa Marozia dado um filho e um neto ao papado. João tinha sòmente dezenove anos quando então se tornou o chefe do Cristianismo. Seu reinado foi caracterizado pelas mais chocantes imoralidades, de modo que o Imperador Otho I foi forçado pelo Clero alemão a interferir. Foi convocado um sínodo para seu julgamento na Igreja de S. Pedro, perante o qual verificou-se que João tinha recebido subornos para a consagração de bispos; que êle ordenou a um que tinha apenas dez anos e tinha realizado aquela cerimônia com mais um outro num estábulo; foi acusado de incesto com uma das concubinas de seu pai e com

tantos adultérios que o Palácio de Latrão se tornou um bordel; arrancou os olhos de um eclesiástico, a castrou um outro e ambos morreram em consequência dos ferimentos; êle se deu à embriaguez, ao jogo e à invocação de Júpiter e Venus. Quando convocado para comparecer perante o conselho, êle mandou dizer que "tinha ido caçar"; e aos padres que o reprovaram, êle ameaçadoramente lembrou "que Judas, bem como outros discípulos, receberam de seu Mestre o poder de ligar e desligar, mas que logo que se verificou ser êle um traidor da causa comum, o único poder que êle reteve foi o de ligar seu próprio pescoço". Com isto êle foi deposto e Leão VII foi eleito em seu lugar, no ano de 963 A.D., mas subsequentemente tomando o domínio, êle prendeu seus antagonistas, cortou a mão de um, o nariz, dedos e línguas de outros. Sua vida terminou pela vingança de um homem cuja espôsa êle havia seduzido.

"Após tais detalhes é quase que inútil aludir aos anais dos papas sucessores; para relatar que João VIII foi morto na prisão; que Bonifácio VII aprisionou Benedito VII e o matou pela fome; que João XIV foi executado secretamente num cubículo do Castelo de Sto. Ângelo; que o corpo de Bonifácio foi arrastado pela populaça através das ruas. O sentimento de reverência para com o soberano pontífice e até mesmo o respeito haviam se extinguido em Roma; através da Europa os cleros estavam tão chocados com o estado das coisas que, em sua indignação, começaram a procurar com a aprovação da intenção do Imperador Otho, tomar dos Italianos seu privilégio de indicar o sucessor de S. Pedro, e confiná-lo à sua própria família. Mas seu parente Gregório V, a quem êle colocou no trono pontificial, foi logo compelido pelos Romanos a fugir; suas excomunhões e denúncias religiosas tornaram-se motivo de ridículo para êles; estavam bem familiarizados com a verdadeira natureza dêstes terrores; estavam vivendo no proscênio. Uma terrível punição esperava o Anti-Papa João XVI. Otho retornou à Itália prendeu-o, arrancou seus olhos, cortou seu nariz, e a língua, e o enviou pelas ruas montado num asno, com a face voltada para o rabo, e um odre em sua cabeça. Parecia impossível que as coisas pudessem se tornar ainda piores, entretanto Roma tinha ainda que ver Benedito IX no ano de 1033 A.D., um menino de menos de doze anos, elevado ao trono apostólico. Dêsse pontífice, um de seus sucessores, Victor II, declarou que sua vida foi tão vergonhosa, tão profana, tão execrável, que êle tremia ao descrevê-la. Êle governou mais como um capitão de bandidos do que como prelado. O povo por fim, incapaz de suportar seus adultérios, homicídios, e suas abominações por mais tempo, levantou-se contra êle. Em desespêro de manter

sua posição, êle pôs o papado em leilão. Foi comprado por um presbítero chamado João, que se tornou Gregório VI, em 1045 A.D." (J. Draper, *Intelectual Deveopment of Europe,* Vol. 1, cap. XII, pp. 378-381).

4. *Comentários sôbre a passagem de II Thes. 2:3,4* — Deve ser lembrado que a aplicação da declaração de Paulo quanto à apostasia feita no texto, é a única feita pelos teólogos das denominações Protestantes. Não é de forma alguma peculiar à Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias. Vamos ler novamente a passagem: "Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim (o dia do prometido advento de Cristo) sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus".

Em *Bible Commentary,* o Dr. Adam Clarke diz, sôbre essa passagem, o seguinte: "Os escritores Protestantes em geral compreendem o todo como se referindo aos papas e à Igreja de Roma, ou a todo o sistema do papado. *** A parte principal dos comentaristas modernos seguiu seus passos. Êle aplica o todo à igreja Romana; a apostasia, sua defecção das puras doutrinas do Cristianismo e o "homem do pecado", etc., a sucessão geral dos papas de Roma". Uma abreviação da interpretação do bispo Newton é então adicionada; esta é, em parte, a seguinte:

"*Porque não será assim sem que antes, etc.* — O dia de Cristo não virá sem que antes venha a apostasia. A apostasia aqui descrita não é claramente de natureza civil, mas de natureza religiosa; não uma revolta do govêrno, mas uma infecção da verdadeira devoção. ***

"*De sorte que se assentará, como Deus, no templo, etc.* — Pelo templo de Deus o apóstolo podia bem não querer dizer o templo de Jerusalém, porque êsse, êle sabia, seria destruído dentro de poucos anos. Após a morte de Cristo, o templo de Jerusalém nunca foi chamado de templo de Deus; e, se em qualquer tempo, êles fazem menção à casa à casa de Deus, referem-se à igreja em geral ou todo crente em particular. Qualquer pessoa que consultar I Cor. 3:16, 17; II Cor. 6:16, I Tim. 3:15; Apo. 3:12, não precisará de nenhum exemplo para provar que sob a dispensação do evangelho, o templo de Deus é a Igreja de Cristo; e o homem do pecado assentado refere-se ao seu govêrno e presidência. ***

"Sôbre essa pesquisa, não há margem para duvidar do sentido e significado geral da passagem. Os Tessalonicenses (como vimos em algumas expressões na epístola anterior), estavam alarmados como se o fim do mundo estivesse prestes. O apóstolo, para corrigir êsse engano e dissipar seus temores assegura-lhes que uma grande apostasia ou defecção dos Cristãos da verdadeira fé e devoção deveria acontecer na vinda de Cristo. A apostasia, todos os sinais e caracteres concurrentes nos justificarão na acusação da Igreja de Roma. A verdadeira devoção Cristã é a adoração do único e verdadeiro Deus, através do único Mediador, o Homem Jesus Cristo, e dessa adoração a igreja de Roma afastou-se de maneira notória, substituindo por outros mediadores, e invocando e adorando santos e anjos; nada será apostasia se a idolatria não o fôr. *** Se a apostasia é certamente imputada à igreja de Roma, segue-se, em consequência que o "homem do pecado" é o papa, não implicando um determinado papa, mas o papa em geral, como o principal cabeça dessa apostasia".

A opinião do Dr. MacKnight é também citada por Clarke com a aprovação. Em seu "Comentário e Notas" (Vol. III p. 100, etc.) MacKnight diz: "Como foi dito, o homem do pecado *estava para ser revelado em sua época;* há pouca dúvida de que a idade negra, na qual todo o conhecimento foi transtornado pela irrupção dos bárbaros do norte, era o tempo determinado para a revelação do homem do pecado. Assim nós sabemos, que nessas eras, a corrupção da Cristandade, e as usurpações do clero, foram feitas no mais alto gráu. Em resumo, os anais do mundo não podem produzir pessoas e acontecimentos aos quais as coisas escritas nessa passagem possam ser aplicadas com tanta propriedade quanto aos bispos de Roma".

# CAPÍTULO X

## *Resultado da Apostasia — Sua Sequela*

1. A condição claramente apóstata e totalmente corrupta da Igreja de Roma como é visto em suas histórias até o fim do século quinze — (Ver Nota 1, no fim do capítulo) — foi consequentemente acompanhada pela ausência de tôda santidade espiritual e poder, quaisquer que tenham sido as arrogantes assunções da Igreja, quanto à autoridade nos assuntos espirituais. Não faltavam revoltas contra a Igreja, quer como rebelião contra a sua tirania, quer como protesto contra suas heresias. A mais significante destas agitações contra a igreja se originou juntamente com o despertar das atividades intelectuais que tiveram início na última parte do século quinze. O período entre o século dez até a época dêsse despertar intelectual, veio a ser conhecido como idade negra, caracterizada pela estagnação no progresso das artes e ciências úteis bem como das belas artes e letras, e por uma condição geral de analfabetismo e ignorância entre as massas.

2. A ignorância é um solo fértil para o desenvolvimento de males e o govêrno despótico e as falsas doutrinas durante êsse período de obscuridade eram nutridos pela ignorância dos tempos. Com a transformação conhecida na história como "o renascer do conhecimento" veio a luta pela liberdade da tirania da Igreja.

3. Uma das primeiras revoltas contra o despotismo temporal e espiritual da igreja papal foi a de Albigenses, na França, durante o século treze. Êsse levante foi sufocado pela autocracia papal com muitas crueldades e derrame de sangue. A seguinte revolta notável foi

a de John Wycliffe que era professor na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Intrèpidamente, êle atacou o poder sempre crescente e grandemente abusivo dos monges, e denunciou a corrupção da Igreja e a prevalência dos erros doutrinais. Êle era particularmente enfático em sua oposição às restrições papais quanto ao estudo popular das escrituras, e deu ao mundo uma versão inglesa da Bíblia Sagrada traduzida da Vulgata. A despeito da perseguição e sentença, êle morreu de morte natural; mas um ano mais tarde a Igreja insistiu na vingança, e em consequência, seus ossos foram exumados e queimados, e as cinzas espalhadas aos ventos.

4. No continente Europeu a agitação contra a Igreja foi conduzida por John Huss e por Jerônimo de Praga, sendo que ambos colheram o martírio como produto de sua retidão. Êstes exemplos são citados para mostrar que embora a igreja tenha ficado por longo tempo inteiramente apóstata, havia homens prontos a sacrificarem suas vidas pelo que êles supunham ser a causa da verdade.

5. As condições existentes no começo do século dezesseis foram concisamente sumariadas por um historiador moderno, como segue: "Antes do começo do século dezesseis houve comparativamente poucos — embora lá estivessem alguns como os Albigenses, no sul da França, os Wycliffitas, na Inglaterra, e os Hussitas, na Bohemia — que negavam a suprema e infalível autoridade do bispo de Roma em tôdas as matérias que dizem respeito a religião. Falando de maneira bem geral seria correto dizer que no fim do século quinze tôdas as nações da Europa ocidental professavam a fé da Igreja Católica Romana ou Latina e rendiam obediência ao trono Papal' (Myers, *General History,* página 520).

*A Reforma*

6. A seguinte revolta notável contra a Igreja papal ocorreu no século dezesseis, e assumiu tais proporções que a designaram a Reforma. O movimento começou na Alemanha cêrca de 1517, quando Martinho Lutero monge da ordem Agostiniana e instrutor da Universidade de Wittenberg, pùblicamente se opôs e denunciou fortemente Tetzel, o vergonhoso agente das indulgências papais. Lutero estava consciente, em sua convicção de que todo o sistema de penitências e indulgências da Igreja era contrário às escrituras, à razão e ao *direito*. Em paralelo com o costume acadêmico do dia — provocar discussões e debates sôbre questão ou disputa, — Lutero escreveu suas famosas noventa e cinco teses contra a prática de conferir indulgência, e pregou uma cópia delas na porta da Igreja de Wittenberg, provocando a crítica de todos os eruditos. A notícia se espalhou e as teses foram discutidas em todos os centros escolásticos da Europa. Lutero então atacou outras práticas e doutrinas da Igreja Romana, e o papa Leão X, expediu um "édito" ou decreto papal contra êle, exigindo uma retratação incondicional sob pena de excomunhão da Igreja. Lutero queimou em público o documento do papa, e assim declarou sua revolta aberta. A sentença de excomunhão foi pronunciada.

7. Não podemos seguir aqui em detalhes os feitos dêsse intrépido reformador. É suficiente dizer, que êle não ficou por muito tempo lutando sòzinho. Entre os seus capazes cooperadores estava Phillip Melancthon, professor em Wittenberg. Lutero foi intimado a comparecer perante um conselho ou "Dieta' em Worms em 1521. Alí, êle abertamente, defendeu a liberdade individual da consciência. Em suas palavras havia inspiração: "Não posso submeter minha fé quer ao papa quer ao conselho, porque claro está como o dia que êles

têm errado frequentemente e se contradizem uns aos outros. A menos, portanto, que me convençam pelo testemunho das escrituras ou por um raciocínio mais claro — a menos que me persuadam por meio das passagens que citei, — e a menos que êles assim conquistem minha consciência pela palavra de Deus, não posso me retratar e não me retratarei, pois é inseguro para um Cristão falar contra sua consciência.

*Aqui estou, nada mais posso fazer, e que Deus me auxilie! Amem!"*

8. A controvérsia religiosa espalhou-se através da Europa. Na Segunda Dieta de Spires (1529) foi expedido um édito contra os reformadores; a isto os representantes de sete principados alemães e outros delegados apresentaram um *protesto formal,* e em consequência dessa ação os reformadores desde então ficaram conhecidos como *Protestantes.* João, Eleitor da Saxonia, apoiava Lutero em sua oposição à autoridade papal, e propô-se a estabelecer uma igreja independente, cuja constituição e plano foram preparados a seu pedido por Lutero e Melancthon. Lutero morreu em 1546, mas o trabalho da revolução, senão de reforma, continuou a crescer. Os Protestantes, contudo, logo se tornaram divididos entre si, e se seccionaram em muitas seitas contendentes.

9. Na Suiça, Ulrich Zwingle, liderou o movimento para a reforma. Êle foi acusado de heresia e, ao ser julgado, defendeu-se baseado na autoridade da Bíblia contra o édito papal, e teve sucesso na ocasião. A luta foi amarga e, em 1531, os Católicos e Protestantes da região se empenharam em batalha real, na qual Zwingle foi morto, e seu corpo brutalmente mutilado.

10. João Calvino apareceu em seguida como líder dos reformadores Suiços, embora êle fôsse um oponen-

te de muitas das doutrinas de Zwingle. Exerceu grande influência como mestre e é conhecido como extremista em doutrina. Advogou e defendeu veemente o dogma de predestinação absoluta, negando assim o livre arbítrio do homem. Na França, Suécia, Dinamarca e Holanda, apareceram líderes e os Protestantes se tornaram fortes em sua oposição à Igreja Romana, embora as várias divisões fôssem antagonistas em muitos pontos da doutrina.

11. Um dos efeitos dêsse levante Protestante foi o despertar parcial na Igreja Romana da necessidade de reforma interna e tentaram fazer um restabelecimento dos princípios Católicos. Êsse movimento foi largamente realizado através do famoso Conselho de Trento, (1545-1563), cujo corpo negou à Igreja as "indulgências" e negou responsabilidade por muitos dos abusos de que a Igreja tinha sido acusada. Mas em ligação com a tentativa de reforma veio uma ordem para obediência mais implícita às exigências da Igreja.

12. Próximo ao fim do século quinze, no reinado de Fernando e Isabel, a côrte de Inquisição, então conhecida como o santo Ofício, havia sido estabelecida na Espanha. O principal escopo dêsse tribunal secreto era a descoberta e punição da heresia. Dessa ignominiosa instituição que operava na Espanha, Myers diz: "O Santo Ofício, como foi estilizado o tribunal, tornou-se assim o instrumento da mais incrível crueldade. Milhares foram queimados na estaca, e dezenas de milhares foram condenados a suportar penas pouco menos terríveis. A Rainha Isabel, ao dar seu consentimento para o estabelecimento do tribunal em seus domínios, foi sem dúvida levada pelo mais puro ardor religioso e acreditava sinceramente que na supressão da heresia ela estava fazendo um simples dever e prestando a Deus um bom serviço. "Pelo amor de Cristo e Sua "Virgem

Mãe", diz ela, causei grandes misérias. Despovoei cidades e distritos, províncias e reinados". (Myers, *General History*, pág. 500).

13. Ora, no século dezesseis, em conexão com a tentada reforma nas doutrinas do Catolicismo, a terrível Inquisição "assumiu novo rigor e atividade, e a heresia era tratada com serenidade". Consideremos o seguinte para esclarecer a condição daquela época: "Nesse ponto, em ligação com a perseguição da Inquisição, não devemos deixar de recordar que no século dezesseis uma recusa para se conformar com a adoração estabelecida era considerada por todos, tanto pelos Protestantes como pelos Católicos, como uma espécie de traição contra a sociedade e assim era tratada. Assim achamos Calvino em Genebra consentindo na queima de Servetus (1553) porque êle publicou pareceres que os Calvinistas julgaram heréticos; e na Inglaterra vemos os Protestantes Anglicanos desfechando as mais cruéis, amargas e persistentes perseguições, não só contra os Católicos como também contra todos os Protestantes que se recusavam a conformar com a Igreja restabelecida" (Myers, *General History*, pág. 527).

14. Que será dito de uma Igreja que procura propagar sua fé por tais métodos? São o fogo e a espada as armas com que luta a verdade? São a tortura e a morte os argumentos do evangelho? Conquanto terríveis fôssem as perseguições a que a Igreja estava sujeita nas mãos dos seus inimigos pagãos, as perseguições desfechadas pela Igreja apóstata eram ainda mais terríveis. Pode tal Igreja por qualquer possibilidade ser a Igreja de Cristo? Não, absolutamente não.

15. Nas revoltas que notamos contra a Igreja de Roma, notadamente na Reforma, o ardor dos reformadores os levou a muitos erros nas doutrinas que advogavam. O próprio Lutero, proclamou a doutrina da

predestinação absoluta e a justificação sòmente pela fé, anulando assim a crença nos direitos dados por Deus do livre arbítrio, e desprezando a importância do esfôrço individual. (Ver *Regras de Fé*, do autor, capítulo 5). Calvino e outros foram menos extremos. Não obstante seus ministérios contribuiram para despertar a consciência individual e auxiliaram na obtenção de certa liberdade religiosa da qual o mundo esteve destituído por muito tempo. (Ver Nota 2, no fim do capítulo).

### *Erguimento da Igreja da Inglaterra*

16. Na ocasião da revolta de Martinho Lutero contra a Igreja de Roma, Henrique VIII reinava na Inglaterra. Em comum com todos os outros países da Europa ocidental a Grã-Bretanha foi profundamente agitada pelo movimento da reforma. O rei defendeu abertamente a Igreja Católica e publicou um livro em oposição às alegações de Lutero. Isto agradou tanto ao papa Leão X, que êle conferiu ao Rei Henrique o distinto título de "Defensor da Fé". Isto se deu cêrca de 1522 e desde aquela época até a presente, os soberanos Britânicos têm conservado com orgulho aquêle título.

17. Após o recebimento dêsse título de distinção, encontramos o Rei Henrique entre os mais amargos inimigos da Igreja Romana, e a mudança aconteceu dessa maneira: Henrique desejou divorciar-se de sua espôsa, a Rainha Catarina, para ter liberdade para casar-se com Anna Bolena. O papa hesitou em conceder o divórcio, e Henrique, tornando-se impaciente, não levando em conta a autoridade do papa, casou-se secretamente com Anna Bolena. O papa depois disso excomungou o rei da Igreja. O parlamento inglês, segundo as instruções do rei, passou o célebre Ato de Supremacia em 1534. Êsse estatuto declarava um término absoluto de tôda a fidelidade à autoridade papal, e proclamava o

Rei como chefe supremo da Igreja da Grã-Bretanha. Assim se originou a Igreja da Inglaterra, sem alegar autoridade divina, e sem qualquer semelhança de sucessão no sacerdócio.

18. A princípio houve pouca inovação na doutrina ou ritual da recém-formada igreja. E isso originou uma revolta. Mais tarde um credo e um plano de organização foram adotados dando à Igreja da Inglaterra alguns ares distintos. Durante os reinados de Eduardo VI, da Rainha Mary e da Rainha Elizabeth, as perseguições entre os Católicos e os Protestantes foram extensas e violentas. Apareceram então várias seitas não conformistas, entre elas, os Puritanos e os Separatistas. Êstes eram tão perseguidos que muitos dêles fugiram para a Holanda como exilados. Dentre êstes apareceu a notável colônia dos Pais Peregrinos, que viajaram no "Mayflower" para as praias do recém-descoberto continente e se estabeleceram na América.

19. O estudante arguto não pode deixar de ver no progresso da grande apostasia e seus resultados a existência de um poder dominante, operando no sentido do bem, conquanto misteriosos seus métodos. As dolorosas perseguições a que os Santos estiveram sujeitos nos primeiros séculos de nossa era, os tormentos, as torturas, o derrame de sangue, provocados pela defesa do testemunho de Cristo, o erguimento de uma igreja apóstata, cegando o intelecto e conduzindo cativas as almas dos homens — tôdas estas terríveis cenas eram conhecidas do Senhor. Conquanto não possamos dizer ou crer que tais exibições da depravação humana e blasfêmia do coração estivessem de acôrdo com a vontade divina, certamente que Deus quis permitir manifestação do livre arbítrio do homem, no exercício de cujo arbítrio alguns ganharam a coroa de mártir, e outros fizeram transbordar a taça de sua iniquidade.

20. Não menos demarcada é a divina permissão das revoltas e rebeliões, das revoluções e reformas, que se desenvolveram em oposição à obscura influência da Igreja apóstata. Wycliffe e Huss, Lutero e Melancthon, Zwingle e Calvino, Henrique VIII e sua arrogante presunção de autoridade sacerdotal, John Knox na Escócia, Roger Williams na América — êstes e muitos outros construiram melhor do que podiam e com seus esforços assentaram, em parte, o alicerce da estrutura da liberdade religiosa e liberdade de consciência — e isto em preparação para a restauração do evangelho como tinha sido divinamente predito.

21. Do século dezesseis até a presente época, as seitas professamente fundadas no dogma do Cristianismo se multiplicaram ràpidamente. Elas agora podiam ser contadas às centenas. De cada lado ouvia-se o clamor, "Eis aqui Cristo", ou "Eis alí Cristo". Havia igrejas designadas segundo seu lugar de orígem — como a Igreja da Inglaterra; outras seitas foram nomeadas em honra aos seus famosos organizadores — como os Luteranos, os Calvinistas, os Wesleyanos; outras são conhecidas por alguma peculiaridade de credo ou doutrina — como os Metodistas, os Presbiterianos, e os Batistas; mas no comêço do século dezenove não havia nenhuma igreja sequer com o nome ou título de Igreja de Cristo. A única igreja existente naquele tempo que se aventurava a afirmar autoridade pela sucessão era a greja Católica, que como foi visto estava inteiramente sem sacerdócio ou comissão divina.

22. Se a "Madre Igreja" não tiver a autoridade divina ou fôrça espiritual, como podem suas filhas, herdarem dela, o direito de oficiar nas coisas de Deus? Quem ousa afirmar o absurdo de que o homem pode originar para êle próprio um sacerdócio que Deus honrará e respeitará? Vamos supor que os homens pos-

sam criar entre êles sociedades, associações, seitas, e igrejas se êles quizerem designar suas organizações religiosas; vamos supor que êles possam formular leis, prescrever regras, e constituir planos elaborados de organização e govêrno, e que tôdas essas leis, regras e planos de administração dependam daqueles que voluntàriamente se tornam membros, considerando todos êsses poderes e direitos, de onde poderão essas criaturas humanas derivar a autoridade do santo Sacerdócio, sem a qual não pode existir nenhuma igreja de Cristo? Se o poder da autoridade fôsse, por qualquer possibilidade, de origem humana, nunca teria havido uma Igreja de Cristo na terra, e as alegadas ordenanças salvadoras do evangelho nunca foram senão formas vazias.

23. Nossa revisão de "A Grande Apostasia", como é apresentada neste tratado, não exige qualquer estudo crítico ou detalhado da Igreja Católica Romana como se apresenta nos dias de hoje, nem de quaisquer das numerosas denominações Protestantes que vieram a existir como filhas da assim chamada "Madre Igreja". A apostasia estava completa no que concerne à perda real do sacerdócio e cessação do poder espiritual na Igreja, bem antes da revolta do século dezesseis, conhecida na história como a Reforma. É instrutivo observar, contudo, que a fraqueza das seitas Protestantes quanto a qualquer alegação de nomeação e autoridade divina, é reconhecida por aquelas próprias Igrejas. A Igreja da Inglaterra que, como visto, se originou em revolta contra a Igreja Católica Romana e seu papa, não tem base para afirmar autoridade divina em suas ordens scerdotais, a menos, realmente, que ela ouse assegurar o absurdo de que os reis e os parlamentos podem criar e tomar êles próprios a autoridade celestial por decretos dos estatutos terrenos.

24. A Igreja Católica Romana é pelo menos consistente em sua alegação de que uma linha de sucessão no sacerdócio foi mantida desde a era apostólica até a presente, embora essa alegação seja insustentável à luz de uma interpretação da história. Mas o fato persistente é que a Igreja Católica é a única organização que se aventura a assegurar a presente posse do santo sacerdócio pela ininterrupta descendência desde os apóstolos de nosso Senhor. A Igreja da Inglaterra, principal entre as seitas Protestantes, e tôdas as igrejas dissidentes, são por sua própria admissão e pelas circunstâncias de sua orígem, instituições feitas pelo homem, sem semelhança de alegação aos poderes e autoridade do santo sacerdócio.

25. Em 1896 a questão da validade das ordens sacerdotais na Igreja da Inglaterra foi oficial e abertamente discutida e considerada, tanto na Inglaterra como em Roma. Lord Halifax, presidente da União da Igreja da Inglaterra, conferenciou com as autoridades do Vaticano para ver a possibilidade de uma união mais chegada entre a Igreja Católica Romana e a Igreja da Inglaterra. Isto envolvia a questão do reconhecimento das ordens sacerdotais da Igreja Anglicana pelo papa e pela Igreja de Roma. O movimento era favorecido nos interêsses da unidade e da paz pelo premier Mr. Gladstone. O papa Leão XIII, finalmente publicou um decreto recusando reconhecer em qualquer grau a autoridade das ordens Anglicanas, declarando expressamente que tôdas as alegações de autoridade sacerdotal feitas pela Igreja da Inglaterra eram absolutamente inválidas.

26. Indiscutìvelmente a Igreja de Roma não podia agir de outra forma, e ainda manter a consistência de sua própria alegação de posse exclusiva do sacerdócio pela sucessão. Indiscutìvelmente a Igreja da Inglaterra

não teria procurado qualquer reconhecimento da condição de seu sacerdócio pela Igreja de Roma tivesse ela qualquer alegação independente ao poder e autoridade do sacerdócio. A Igreja Católica Romana declara que tôdas as denominações Protestantes ou são organizações apóstatas ou instituições de criação humana que nunca tiveram sequer uma ligação remota com a Igreja que alega a sucessão no sacerdócio. Em resumo, a "Madre Igreja" apóstata proclama agressivamente a perfídia de seu rebento.

### *Admitida a Apostasia*

27. O fato da grande apostasia é admitido. Muitos teólogos que professam a crença no Cristianismo declararam o fato. Assim lemos: "Não devemos esperar ver a Igreja de Cristo em sua perfeição sôbre a terra. Ela não é para ser encontrada assim perfeita, quer nos fragmentos reunidos do reino Cristão ou ainda menos em quaisquer dêsses fragmentos", ("Dicionário da Bíblia", de Smith).

28. John Wesley, que viveu de 1703 à 1791 A.D. e que figura como princpal entre os fundadores do Metodismo, comenta a apostasia da Igreja Cristã como foi evidenciada pelo primeiro declínio do poder espiritual e a cessação dos dons e graças do Espírito de Deus dentro da Igreja, como segue: "Não parece que êsses extraordinários dons do Espírito Santo (Ver I Cor., cap. 12) fôssem comuns na Igreja por mais que 2 ou 3 séculos. Raramente ouvimos falar dêles após aquêle período fatal quando o Imperador Constantino ordenou a si próprio, Cristão, numa vã imaginação de favorecer a causa Cristã e assim acumular riquezas, poder e honra sôbre os Cristãos em geral, mas em particular sôbre o clero Cristão. Dessa época em diante êles quase que cessaram totalmente, sendo encontrados bem

poucos exemplos da espécie. A causa disso não era, como foi suposto, porque não havia mais ocasião para êles, porque todo o mundo se tornara Cristão. Isto é um êrro calamitoso; nem uma vigésima parte dêle era então nominalmente Cristão. A causa real disso era que o amor de muitos, quase todos assim chamados Cristãos, era vacilante. Os Cristãos não tinham mais do espírito de Cristo do que outros pagãos. O Filho do Homem, quando veio para examinar Sua Igreja, difìcilmente pôde encontrar fé sôbre a terra. Esta foi a causa real porque os extraordinários dons do Espírito Santo não eram mais encontrados na Igreja Cristã — porque os Cristãos estavam se tornando pagãos novamente e tinha ficando sòmente uma aparência inexpressiva". (Obras de John Wesley, Vol. II, 89:26-27, ver Nota 3, no fim do capítulo).

29. A Igreja da Inglaterra faz declaração oficial da degeneração e perda da autoridade divina nestas palavras: "Leigos e clero, intelectuais e não intelectuais, tôdas as idades, seitas e posições tinham mergulhado na abominável idolatria mais detestada por Deus e maldita ao homem, durante oitocentos anos ou mais" (Igreja da Inglaterra, "Homly on Perils of Idolatry", pág. 3). O "Livro das Homilias", no qual se dá essa declaração pela Igreja da Inglaterra, data de cêrca dos meados do século dezesseis. De acôrdo com essa exposição oficial, portanto, o mundo religioso tinha sido totalmente apóstata durante oito séculos antes do estabelecimento da Igreja da Inglaterra. O fato de uma apostasia universal foi amplamente proclamado, porquanto os sermões dos quais a precedente citação é tomada eram "apontados para serem lidos na Igreja", em vez de sermões sob condições especificadas.

30. *A Grande Apostasia foi divinamente predita; sua realização é atestada tanto pelas escrituras sagradas como pela secular.*

31. Para o Santo dos Últimos Dias fiel, uma prova concludente da apostasia universal e da absoluta necessidade de uma restauração do Sacerdócio dos céus será encontrada na resposta divina ao pedido do menino Joseph Smith, quanto a qual de tôdas as seitas estava certa: "Foi-me respondido que eu não me unisse a nenhuma delas, porque tôdas estavam erradas; e o Personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à sua vista; que todos aquêles crentes eram corruptos; que "Êles se chegam a Mim com seus lábios, porém, seus corações estão longe de mim; êles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela!" — (Pérola de Grande Valor, p. 60:19).

32. A sequela da Grande Apostasia é a Restauração do Evangelho, marcando a inauguração da Dispensação da Plenitude dos Tempos. Êste memorável acontecimento ocorreu na primeira parte do século dezenove, quando o Pai e o Filho se manifestaram ao homem, e quando o Santo Sacerdócio com todos os seus poderes e autoridade foi outra vez trazido à terra.

33. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias proclama ao mundo essa gloriosa restauração, — ao mesmo tempo a consumação da obra de Deus através das eras passadas, e a preparação para o segundo advento de Jesus, o Cristo. A Igreja afirma que após a longa noite de obscuridade espiritual, a luz do céu voltou novamente; e que a Igreja de Cristo, é autorizadamente estabelecida. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está sòzinha na declaração de

que o Santo Sacerdócio é operante na terra, não como uma herança através da continuação terrena desde a idade apostólica, mas como a doação de uma nova dispensação, trazida à terra por ministração celestial. Nessa restauração, divinamente predita e divinamente realizada, foi testemunhada uma realização da visão do Revelador:

"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sôbre a terra, e a tôda a nação, e tribo, e língua, e povo; dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquêle que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas". — (Apo. 14:6, 7. Para um tratamento da Restauração do Evangelho ver *Regras de Fé,* do autor, capítulo 11. Ver Notas 4 e 5, no fim do capítulo).

## NOTAS

1. *Testemunho Papista da Corrupção da Igreja* — "O estudante judicioso de história eclesiástica observará que tento constantemente tirar minhas provas das fontes mais verídicas. Por exemplo: Para provar o estado corrupto do clero, e as práticas abomináveis da Sé Romana, apresentarei a evidência de George da Saxonia, o mais beato papa, a quem os Católicos Romanos sempre consideraram entre os mais sinceros e mais ativos das ordens santas de sua religião. Mas, como com êles, as asserções de Luthero e outros reformadores nada mais são do que exagerações, falsas declarações, ou falsidades, deixem-nos pelo menos ouvir êsse duque, seu constante amigo e defensor que, geralmente, em assuntos religiosos, era contrário ao seu parente, o eleitor da Saxonia, e que também aprovou inteiramente a condenação de Luthero em Worms. George da Saxônia apresentou à Dieta doze divisões de queixas que clamavam alto pela reforma. Duas destas são brevemente comentadas como segue: 1. Indulgências, que deveriam ser obtidas por orações, jejuns, benevolência para com nosso vizinho, e outras obras boas, são vendidas por dinheiro. Seu valor é levado além de tôda decência. O único objetivo é ganhar um negócio de dinheiro. Consequentemente os pregadores, que

deveriam pregar a verdade, não ensinavam aos homens nada mais que mentiras e fraudes. Êles não só eram permitidos continuar assim, como eram bem pagos pelas suas fraudulentas arengas. A razão é que quanto maior a convicção que êles pudessem produzir entre seus ouvintes, tanto mais dinheiro fluiria para as arcas. Rios de escandalosos procedimentos resultaram dessa fonte corrupta. Os oficiais dos bispos eram igualmente ativos em ajuntar dinheiro. Êles atormentavam o pobre com suas censuras pelos grandes nomes, como prostituísmo, adultério, blasfêmia; mas aos ricos êles isentavam. O clero cometia dêsses mesmos crimes e ninguém o censurava. As faltas que deviam ser expiadas pelas orações eram remidas pelo dinheiro, com o fim de que os oficiais pudessem pagar grandes somas a seus respectivos bispos e reter uma parte do ganho para êles próprios. Nem quando uma multa era imposta, era isso feito de modo a deter a comissão da mesma falta no futuro, mas mais para que o delinquente entendesse que êle podia logo fazer aquela mesma coisa, contanto que estivesse pronto a pagar. Consequentemente todos os sacramentos eram vendidos por dinheiro; e onde isso não era feito, êles eram absolutamente negligenciados. 2. Outra divisão distinta produzida por êsse duque zeloso era expressada assim: "A escandalosa conduta do clero é uma frutífera fonte de destruição das almas dos pobres. Devia haver uma reforma universal; e isso não poderia ser melhor feito senão por um conselho geral. Portanto, é o mais ansioso desejo de todos nós que tal medida fôsse adotada" (Milner, *Church History*, Sec. XVI, cap. 6, rodapé).

2. *Incidentes Extremos da Reforma* — Quais eram as constantes reprovações aplicadas à Reforma pelos seus inimigos? As duas principais eram: primeira, a multiplicidade das seitas, a excessiva liberdade de pensamento, a destruição de tôda autoridade espiritual, e a completa dissolução da sociedade religiosa; segunda, tirania e perseguição. "Vocês provocaram a libertinagem", diziam aos Reformadores; "vocês a criaram; e após serem a causa dela, vocês desejam restringi-la e reprimi-la. E como querem reprimí-la? Pelos meios mais severos e violentos. Vocês tomaram para si, também, a punição da heresia, e isso pela vontade de uma autoridade ilegítima". — Guizot.

"O dogma Sectariano da Justificação pela Fé por si só exerceu uma influência maldosa desde os primeiros dias da Cristandade. A idéia sôbre a qual essa perniciosa doutrina foi fundada, estava a princípio associada com a da predesti-

nação absoluta, pela qual o homem era predestinado à destruição, ou a uma salvação inteiramente desmerecida. Assim, Luthero ensinou o seguinte: "A excelente, infalível e única preparação para a graça, é a eleição e predestinação eterna de Deus". "Desde a queda do homem, o desejo livre é apenas uma palavra trivial". "Um homem que imagina chegar em graça por fazer tudo o que êle está apto a fazer, alia pecados a pecados e é sem dúvida culpado". "O homem que faz muitas obras não é justificado; mas sim aquêle que sem muitas obras tem muita fé em Cristo". (Para estas e outras doutrinas da Reforma ver a "História da Reforma", de D'Aubigne, Vol. I, pp. 82, 83, 119, 122). Em a *História da Igreja,* de Milner, Vol. IV, pág. 514, lemos: O ponto com que o reformador Luthero mais se importava em todos os trabalhos, contestes e perigos, era a justificação sòmente pela fé. "Melancthon cita a doutrina de Luthero nestes têrmos: "A justificação do homem perante Deus procede sòmente pela fé", e ainda, "como tôdas as coisas que sucedem, sucedem necessàriamente, de acôrdo com a divina predestinação, não há êsse algo chamado liberdade em nossos desejos". (D'Aubigne, Vol. III, p. 340). É verdade que Luthero denunciou fortemente, e repudiou veemente a responsabilidade pelos excessos a que êsse ensinamento deu origem, no entanto êle não foi menos vigoroso em proclamar a doutrina. Vejamos suas palavras: "Eu, Dr. Martinho Luthero imerecido arauto da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo declaro que ela resistirá e permanecerá para sempre a despeito do imperador dos Romanos, imperador dos Turcos, e imperador dos Persas — a despeito do papa e de todos os cardeais, com os bispos, sacerdotes, monges e freiras — a despeito dos reis, príncipes e nobres, e a despeito de todo o mundo e dos próprios demônios; e que se êles tentarem lutar contra essa verdade atrairão sôbre suas cabeças as chamas do inferno. Êsse é o verdadeiro e Evangelho, e a declaração de mim, Dr. Luthero de acôrdo com os ensinamentos do Espírito Santo". (Ver *Regras de Fé* do autor, Cap. 5, nota 2).

*3. Diversas Visões com respeito à continuação ou Declínio dos dons Espirituais* — Os escritores protestantes insistem que a idade dos milagres terminou com o quarto ou quinto século, e que após isto, os extraordinários dons do Espírito não devem ser buscados. Os escritores Católicos, por outro lado, insistem que o poder de fazer milagres sempre continuou na Igreja; entretanto aquelas manifestações espirituais que êles descrevem após o quarto e quinto séculos, essência de invenção por parte dos sacerdotes, e credulidade infantil por parte

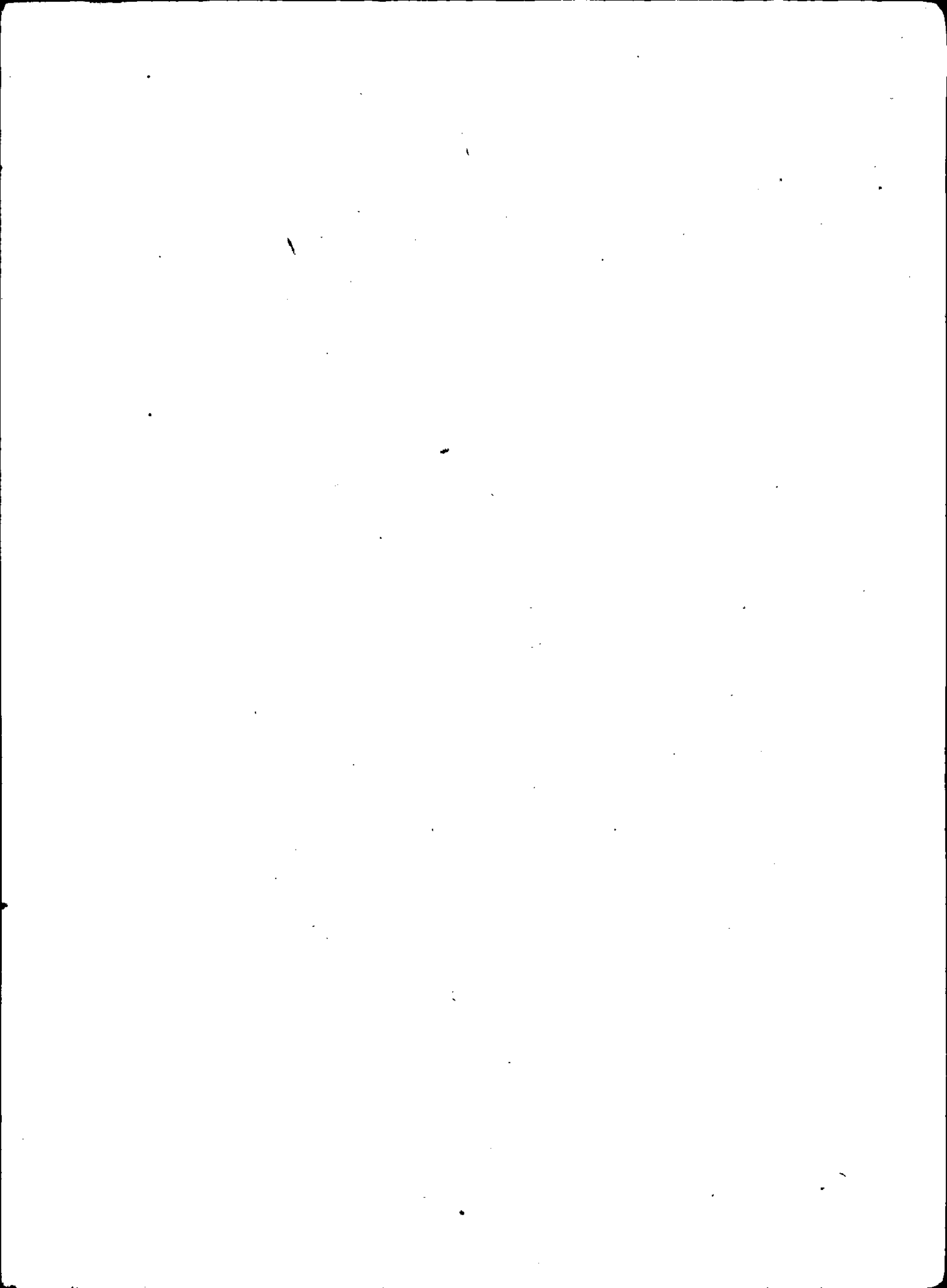
do povo; ou então, o que era clamado ser miraculoso, carecia de poder e dignidade daquelas manifestações espirituais que a Igreja primitiva estava acostumada a presenciar. As virtudes e prodígios, atribuídos aos ossos e outras relíquias dos mártires e santos, são pueris em comparação com as curas pela unção de óleo e a imposição das mãos, dom de línguas, interpretação, profecias, revelações, expulsão de demônios em nome de Jesus Cristo; para nada dizer dos dons da fé, sabedoria, conhecimento, discernimento de espíritos, etc. — comuns na Igreja nos dias dos Apóstolos (I Cor. 12:8-10). Nem existe nada nas escrituras ou na razão que levasse alguém a acreditar que elas deviam ser interrompidas. Ainda êsse apêlo é feito pelos modernos Cristãos — explicando a ausência dêsses poderes espirituais entre êles — de que os extraordinários dons do Espírito Santo eram sòmente intencionados a acompanhar a proclamação do evangelho durante os primeiros poucos séculos, até que a Igreja estivesse apta a prosseguir sem êles, e fôssem eliminados. É suficiente frisar sôbre isso que é pura e simples assunção, e permanece sem autorização quer da escritura ou da razão; e prova que os homens tinham mudado tanto a religião de Jesus Cristo que ela se tornou uma forma de divindades sem o poder desta". (B. H. Roberts, *Outlines of Ecclesiastical History*, Parte II, Sec. 5/6-80).

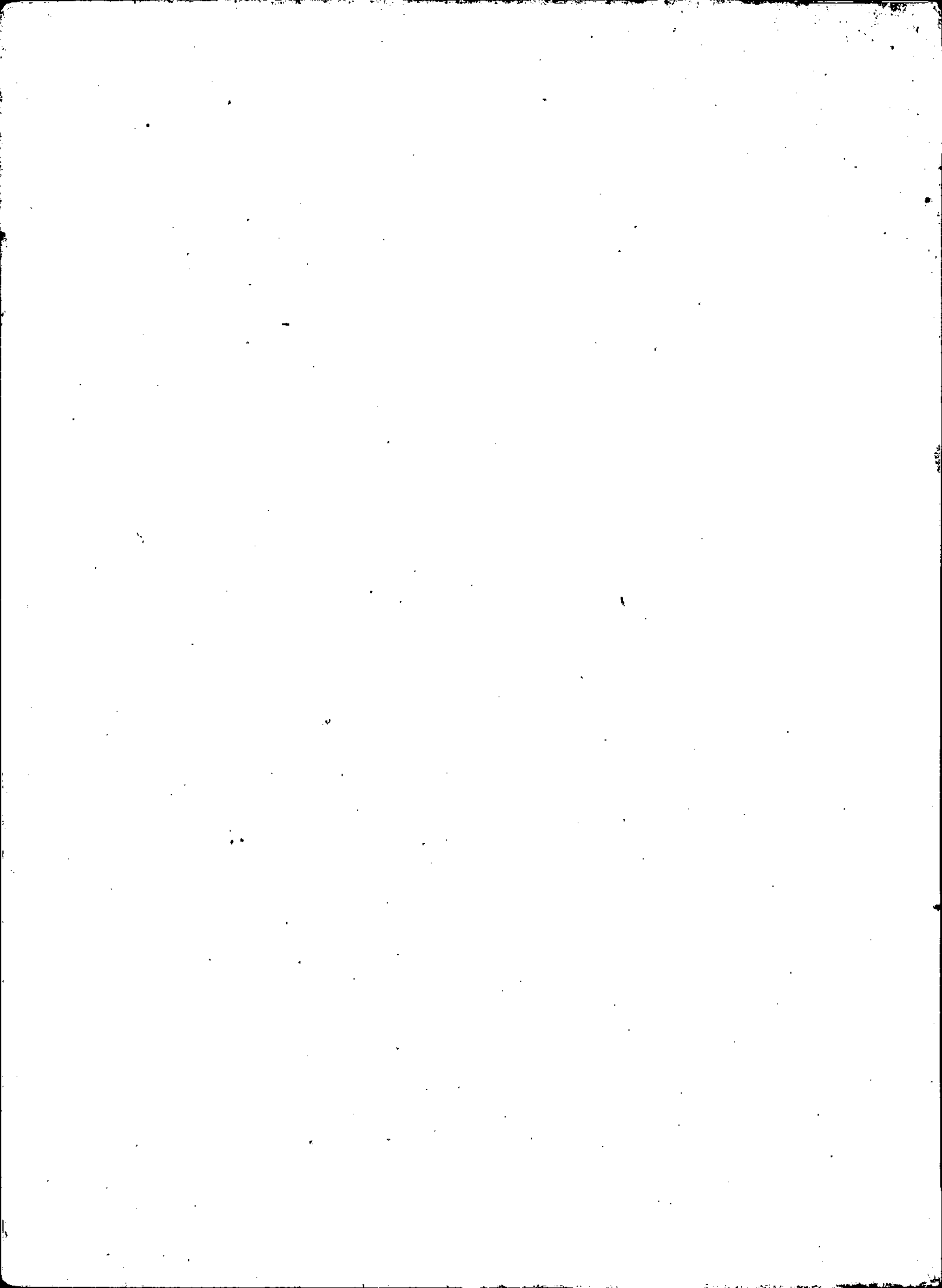
4. *Comentário da Visão da Restauração Pelo Revelador* — É instrutivo averiguar a interpretação dada pelos estudantes bíblicos à profecia citada por João, o Revelador, predizendo o advento do anjo que "tinha o evangelho eterno". O Dr. Clarke oferece as seguintes reflexões sôbre a passagem: *"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno.* Se êsse anjo significava mais que uma especial dispensação de providência e graça, pela qual o evangelho será ràpidamente enviado através do mundo inteiro, ou se significava qualquer mensageiro especial, ordem de sacerdotes, povos, ou sociedades Cristãs, cuja profecia objetivava enviar o evangelho do reino através da terra, nós não o sabemos. Mas a visão parece verdadeiramente descritiva de uma instituição extinta, intitulada "Sociedade da Bíblia Inglêsa e Estrangeira", cujo objeto era imprimir e fazer circular as escrituras do Novo e Velho Testamento através de todo o mundo habitável, e em tôdas as línguas faladas sôbre a terra". (Clarke, *Bible Commentary* Apo. 14:6).

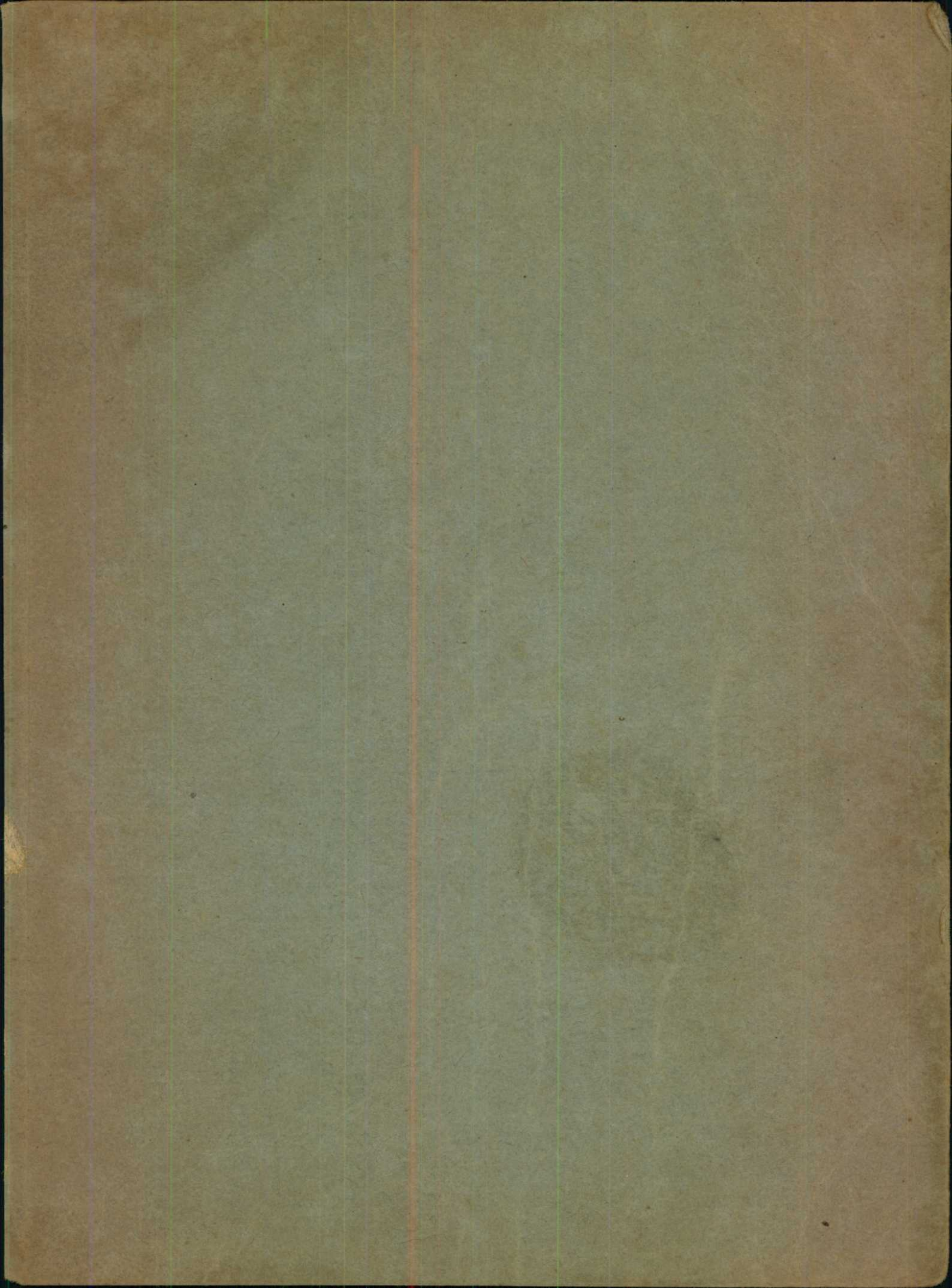
O comentador ilustrado deve ser recomendado pela sua afirmação quanto à incertesa com respeito à precisa interpretação de sua escritura, e pela maneira provisional em que êle

indica uma possível aplicação à larga distribuição das Bíblias através dos esforços de uma sociedade muito digna e influente. Deve ser notado que o Dr. Clarke escreveu seu famoso comentário da Bíblia pouco antes da real restauração do evangelho através da agência angélica que resultou no estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias. De necessidade, sua pesquisa para o cumprimento da predição não era satisfatória e, realmente, sem sucesso uma vez que o cumprimento não tinha então ocorrido. A recomendável obra da Sociedade da Bíblia era uma preparação para o cumprimento da profecia momentânea, mas não o próprio cumprimento em si.

5. *Restauração da Igreja.* — "Nos primeiros dez séculos imediatamente seguintes ao ministério de Cristo, a autoridade do evangelho ficou perdida do meio dos homens, e nenhum ser humano podia restaurá-la. Mas o Senhor em Sua misericórdia proveu o restabelecimento de Sua Igreja nos últimos dias, e pela última vez, e profetas dos tempos passados previram essa era de renovada lucidez, e cantaram em tons alegres, essa sua vinda". (Ver Daniel 2:44, 45; 7:27; Matheus 24:14; Apo. 14:6-8). "Essa restauração foi efetuada pelo Senhor através do profeta José Smith, que, juntamente com Oliver Cowdery, em 1829, recebeu o Sacerdócio Aarônico das mãos de João Batista, e mais tarde o Sacerdócio de Melquizedec das mãos dos apóstolos dos primeiros dias, Pedro, Tiago e João. Pela autoridade assim concedida, a Igreja foi novamente organizada com tôda a sua primitiva perfeição, e a humanidade mais uma vez se regosija nos privilégios sem preço dos conselhos de Deus. Os Santos dos Últimos Dias, declaram possuir a verdadeira organização da Igreja, similar em tôda essência à organização efetuada por Cristo entre os Judeus; êstes povos dos últimos dias professam ter o sacerdócio do Todopoderoso, o poder de agir em nome de Deus, cujo poder ordena o respeito na terra e no céu" (*Regras de Fé,* do autor, Capítulo 11:12).







Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. - Fone 32-1577 - S. Paulo